

MINHA
IRMÃ
MORA
NUMA
PRATELEIRA

Annabel Pitcher

ROCCO EDITORE



**MINHA
IRMÃ
MORA
NUMA
PRATELEIRA**

Annabel Pitcher

tradução de
Domingos Demasi

ROCCO ITALIA



Sumário

Capítulos 1	
Capítulos 2	
Capítulos 3	
Capítulos 4	
Capítulos 5	
Capítulos 6	
Capítulos 7	
Capítulos 8	
Capítulos 9	
Capítulos 10	
Capítulos 11	
Capítulos 12	
Capítulos 13	
Capítulos 14	
Capítulos 15	
Capítulos 16	
Capítulos 17	
Capítulos 18	
Capítulos 19	
Capítulos 20	
Capítulos 21	
Capítulos 22	
Capítulos 23	
Agradecimentos	
Créditos	
A Autora	

Para Mamãe e Papai, que me trouxeram aqui.



1

MINHA IRMÃ ROSE vive na prateleira em cima da lareira. Bem, parte dela. Três de seus dedos, o cotovelo direito e o joelho estão enterrados num cemitério em Londres. Mamãe e Papai tiveram uma baita discussão quando a polícia encontrou dez pedacinhos do corpo dela. Mamãe queria uma sepultura que ela pudesse visitar. Papai queria uma cremação e espalhar as cinzas no mar. Em todo caso, foi isso que Jasmine me contou. Ela se lembra mais do que eu. Eu tinha apenas cinco anos quando isso aconteceu. Jasmine tinha dez. Ela era gêmea de Rose. Ainda é, de acordo com Mamãe e Papai. Eles vestiram Jas da mesma maneira durante anos após o enterro – vestidos floridos, cardigãs e aquelas sapatilhas com fivelas que Rose adorava. Acho que foi por isso que Mamãe fugiu com o homem do grupo de apoio setenta e um dias atrás. Quando Jas cortou o cabelo todo, pintou de rosa e botou piercing no nariz no seu aniversário de quinze anos, ela não se parecia mais com Rose, e meus pais não conseguiram lidar com isso.

Cada um dos dois ficou com cinco pedacinhos. Mamãe botou os dela num distinto caixão branco, debaixo de uma elegante lápide branca que dizia *Meu Anjo*. Papai queimou uma clavícula, duas costelas, um pedaço de crânio e um dedinho do pé e colocou as cinzas numa urna dourada. Desse modo, os dois fizeram o que queriam, mas – surpresa surpresa – isso não os deixou felizes. Mamãe diz que o cemitério é deprimente demais para se visitar. E a cada aniversário da morte Papai tenta espalhar as cinzas, mas muda de ideia no último minuto. Alguma coisa parece acontecer justo quando Rose está para ser jogada no mar. Num ano em Devon houve uma porção fervilhante daqueles peixes prateados que pareciam ansiosos para comer minha irmã. E no outro ano, na Cornualha, uma gaivota fez cocô na urna no momento em que Papai estava prestes a abri-la. Comecei a rir, mas Jas parecia triste, então parei.

A gente se mudou de Londres para ficar longe disso tudo. Papai conhecia alguém que conhecia alguém que lhe deu uma dica de um emprego numa obra nos Lagos. Ele não trabalhava em Londres tinha um tempão. Havia uma recessão, o que quer dizer que o país estava sem dinheiro, por isso quase nada era construído. Quando ele conseguiu o emprego em Ambleside, vendemos nosso apartamento, alugamos um chalé e deixamos Mamãe em Londres. Apostei cinco pratas inteiras com Jas em como Mamãe viria se despedir da gente. Ela não me fez pagar quando perdi. No carro, Jas sugeriu *Vamos brincar de Adivinha*, mas ela não conseguiu adivinhar *Alguém começando com R*, embora Roger estivesse sentado bem no meu colo, ronronando como se quisesse lhe dar uma pista.

Aqui é tão diferente. Há montanhas enormes, tão altas que são capazes de cutucar Deus no bumbum, centenas de árvores, e é silencioso. *Sem gente*, falei, quando encontramos o chalé numa viela cheia de curvas e olhei pela janela traseira em busca de alguém com quem brincar. *Sem muçulmanos*, Papai me corrigiu, sorrindo pela primeira vez naquele dia. Eu e Jas não sorrimos de volta ao sairmos do carro.

Nosso chalé é o oposto completo do apartamento em Finsbury Park. É branco e não marrom, grande e não pequeno, velho e não novo. Arte é minha matéria favorita na escola e, se pintasse os prédios como pessoas, eu transformaria o chalé numa velha vovozinha maluca, sorrindo sem dentes. O apartamento seria um soldado sério, todo vistoso e espremido numa fila de homens idênticos. Mamãe teria adorado. Ela é professora numa faculdade de arte e acho que mostraria para cada um dos seus alunos se eu lhe mandasse meus desenhos.

Embora Mamãe tenha permanecido em Londres, fiquei feliz em deixar o apartamento para trás. Meu quarto era minúsculo, mas não me permitiam passar para o de Rose, porque ela está morta e suas coisas são sagradas. Essa era a resposta que eu recebia sempre que perguntava se podia me mudar. *O quarto de Rose é sagrado, James. Não entre aí, James. É sagrado*. Não vejo o que há de sagrado num monte de bonecas velhas, um edredom rosa fedorento e um urso de pelúcia careca. Não senti nada sagrado quando fiquei pulando na cama de Rose certo dia ao voltar da escola para casa. Jas me fez parar, mas prometeu não contar.

Quando saímos do carro, paramos e olhamos para o nosso novo lar. O sol estava se pondo, as montanhas brilhavam, alaranjadas, e eu podia ver nossos reflexos em uma das janelas do chalé — Papai, Jas, eu segurando Roger. Por um milissegundo me

senti esperançoso, como se aquilo fosse realmente o início de uma vida nova em folha e que tudo ficaria bem de agora em diante. Papai apanhou uma mala e a chave do bolso e seguiu pela trilha do jardim. Jas sorriu para mim, fez uma festinha em Roger, e foi atrás. Botei o gato no chão. Ele rastejou direto para um arbusto, o rabo esticado para fora ao se arrastar por entre as folhas. *Vem*, chamou Jas, virando-se diante da porta da varanda. Ela manteve a mão estendida, enquanto eu corria para me juntar a ela. Entramos juntos no chalé.



Jas viu aquilo primeiro. Senti o braço dela enrijecer. *Você quer uma xícara de chá?*, perguntou, a voz muito aguda e os olhos em alguma coisa na mão de Papai. Ele estava agachado no chão da sala, suas roupas espalhadas por todos os lados como se tivesse esvaziado a mala às pressas. *Cadê o bule?*, indagou ela, tentando agir normalmente. Papai não ergueu a vista da urna. Cuspiu nela, poliu o dourado com a ponta da manga até ela brilhar. Então botou minha irmã na prateleira em cima da lareira, que era da cor creme, empoeirada e igualzinha à do apartamento em Londres, e cochichou *Bem-vinda a seu novo lar, minha querida*.

Jas escolheu o quarto maior. Ele tinha uma velha lareira no canto e um armário embutido que ela encheu com todas as suas novas roupas pretas. Pendurou sinos de vento no teto e eles tiniam se a gente os soprasse. Prefiro meu quarto. A janela dá vista para o jardim dos fundos, que tem uma macieira rangente e um pequeno lago, e tem um peitoril tão largo que Jas colocou nele uma almofada. Na primeira noite da nossa chegada, ficamos sentados nele por um tempão, olhando as estrelas. Eu nunca as via em Londres. Todas as luzes dos prédios e dos carros tornavam a noite clara demais para se enxergar qualquer coisa no céu. Aqui as estrelas são mesmo claras e Jas me contou tudo sobre as constelações. Ela curte horóscopo e lê o dela todas as manhãs na internet. Ele diz a ela exatamente o que vai acontecer naquele dia. *Isso não estraga a surpresa?*, perguntei em Londres quando Jas fingiu estar doente porque seu horóscopo disse algo sobre um acontecimento inesperado. *Essa é a questão*, respondeu ela, voltando para a cama e puxando a coberta para cima da cabeça.



Jas é de Gêmeos, que é simbolizado pelos gêmeos, o que é estranho, porque ela não é mais gêmea. Eu sou de Leão e meu símbolo é o leão. Jas se ajoelhou na almofada e apontou para o leão no lado de fora da janela. Ele não se parecia muito com um animal, mas Jas disse que sempre que eu estiver chateado devo pensar no leão de prata acima de minha cabeça e tudo ficará bem. Quis perguntar por que ela andou dizendo aquelas coisas quando Papai nos prometeu um Recomeço, mas pensei na urna em cima da lareira e fiquei com medo da resposta. Na manhã seguinte, encontrei uma garrafa de vodka vazia no lixo e tive a certeza de que a vida nos Lagos seria exatamente como a vida em Londres.

Isso foi duas semanas atrás. Além da urna, Papai tirou da mala o velho álbum de fotografias e algumas roupas. Os homens da mudança cuidaram das coisas pesadas, como camas e sofá, e eu e Jas cuidamos de todo o resto. As únicas caixas que não desembalamos são as enormes, marcadas com SAGRADO. Estão no porão, cobertas com sacos plásticos para mantê-las secas no caso de uma inundação ou algo assim. Quando fechamos a porta do porão, os olhos de Jas estavam úmidos e borrados. Ela perguntou *Isso não incomoda você?*, e eu respondi *Não* e ela quis saber *Por que não?* e eu disse *Rose está morta*. Jas fechou a cara. *Não use essa palavra, Jamie*.

Não vejo por que não. Morta. Morta. Morta morta morta. *Partiu*, é o que Mamãe diz. *Foi para um lugar melhor*, é a frase de Papai. Ele nunca vai à igreja, então não sei por que ele diz isso. A não ser que o lugar melhor a que ele se refere não seja o céu, mas o interior de um caixão ou uma urna dourada.



Minha psicóloga em Londres declarou que eu estava num *Estado de negação e que ainda sofria do choque*. Disse que *Um dia isso o atingirá e aí você vai chorar*. Aparentemente, não choro desde 9 de setembro, quase cinco anos atrás, que foi quando aconteceu. Ano passado, Mamãe e Papai me mandaram para essa mulher gorda porque achavam esquisito eu não ter chorado por Rose. Quis perguntar se eles choravam por algo de que não se lembravam, mas me segurei.

Essa é a coisa que ninguém parece entender. Não me lembro de Rose. Não mesmo. Eu me lembro de duas meninas num feriado brincando de Pular a Onda, mas não sei onde a gente estava, nem o que Rose disse ou se ela curtiu a brincadeira. E sei que minhas irmãs foram damas de honra do casamento de uma vizinha, mas

tudo que consigo visualizar é o tubo de Smarties que Mamãe me deu durante a cerimônia. Já nessa época eu gostava mais dos vermelhos e fiquei segurando-os até mancharem minha pele de rosa. Mas não me lembro do que Rose vestiu, nem como era sua aparência caminhando pelo corredor, nem qualquer coisa desse tipo. Após o funeral, quando perguntei a Jas onde Rose estava, ela apontou para a urna em cima da lareira. *Como pode uma menina caber dentro de uma coisa tão pequena?*, falei, o que fez Jas chorar. De qualquer maneira, foi isso o que ela me disse. Não me lembro realmente.

Certo dia, como dever de casa, eu tinha de descrever alguém especial, e passei quinze minutos escrevendo uma página inteira sobre Wayne Rooney. Mamãe me fez arrancá-la e em vez disso escrever sobre Rose. Eu não tinha nada a dizer, por isso Mamãe se sentou diante de mim com o rosto todo vermelho e úmido e me disse exatamente o que colocar. Ela deu aquele sorriso lacrimoso e contou que, *Quando você nasceu, Rose apontou para o seu pinto e perguntou se era uma minhoca* e eu disse *Eu não vou botar isso no meu caderno*. O sorriso da Mamãe sumiu. Lágrimas pingaram do seu nariz para o queixo, o que fez com que me sentisse mal, e aí escrevi aquilo. Alguns dias depois a professora leu meu dever de casa na classe e ganhei dela uma estrela dourada e uma gozação de todos os demais. *Piroquinha*, eles me chamaram.





A MANHÃ É MEU aniversário e uma semana depois disso começo no meu novo colégio, a Escola Fundamental da Igreja Anglicana de Ambleside. Fica a uns três quilômetros do chalé, por isso Papai terá de me levar de carro. Aqui não é como Londres. Não há ônibus nem trens no caso de Papai estar bêbado demais para sair. Jas diz que vai caminhar comigo até lá, se a gente não conseguir carona, já que a escola dela fica mais um quilômetro e meio adiante. Ela comentou *Pelo menos vamos emagrecer* e olhei para meus braços e disse *Emagrecer é ruim para meninos*. Jas não precisa perder peso algum, mas come como um camundongo e passa horas lendo a parte de trás das embalagens vigiando as calorias. Hoje ela fez um bolo para o meu aniversário. Disse que era um bolo saudável com margarina em vez de manteiga e quase sem açúcar, por isso provavelmente o gosto vai ficar esquisito. Mas o aspecto é bonito. A gente vai comê-lo amanhã, e quem vai cortar sou eu, porque é meu dia especial.

Chequei mais cedo a correspondência e não havia nada exceto um menu da Casa do Curry, que escondi para que Papai não ficasse zangado. Nenhum presente de aniversário da Mamãe. Nem um cartão. Mas ainda tem o dia de amanhã. Ela não esquecerá. Antes de deixarmos Londres, comprei um cartão de Estamos Mudando de Casa e enviei para ela. Tudo que escrevi dentro foi o endereço do chalé e meu nome. Não sabia o que mais colocar. Ela está morando em Hampstead com aquele homem do grupo de apoio. O nome dele é Nigel, e o conheci numa daquelas cerimônias fúnebres no centro de Londres. Barba longa esparsa. Nariz curvo. Fumava cachimbo. Escreve livros sobre outras pessoas que escreveram livros, o que acho sem sentido. A mulher dele também morreu em 9 de setembro. Talvez Mamãe se case com ele. Talvez eles tenham uma filha e a chamem de Rose e então se esqueçam por completo de mim, de Jas e da primeira mulher de Nigel. Fico imaginando se ele encontrou algum pedaço dela. Talvez haja uma urna em cima da

lareira de Nigel e ele compra flores no aniversário de casamento dos dois. Mamãe detestaria isso.

Roger acabou de entrar no meu quarto. Ele gosta de se enroscar à noite junto ao aquecedor, onde é quente. Ele adora aquilo ali. Em Londres, ficava sempre dentro de casa, por causa do trânsito. Aqui ele pode perambular livremente e há uma porção de animais no jardim para ele caçar. Na nossa terceira manhã, encontrei uma coisa pequena, cinza e morta no degrau da porta. Acho que era um camundongo. Não podia recolhê-lo com os dedos, então peguei um pedaço de papel e o empurrei com um graveto, depois joguei na lata de lixo. Mas aí me senti tão malvado que o tirei do lixo e o coloquei na cerca viva e o cobri com grama. Roger miou como se não acreditasse no que eu estava fazendo depois de toda aquela trabalhadeira. Eu lhe contei que coisas mortas me enojam e ele esfregou o corpo laranja na minha canela direita e percebi que ele entendeu. É verdade. Corpos mortos me fazem pirar. Parece horrível dizer isso, mas, se ela tinha de morrer, ainda bem que Rose foi encontrada em pedacinhos. Seria muito pior se ela estivesse debaixo da terra, dura e fria, parecendo exatamente como a menina nas fotos.

Suponho que minha família foi feliz um dia. As fotos mostram uma porção de sorrisos largos e olhos estreitos, todos enrugados como se alguém tivesse acabado de contar uma piada boa de verdade. Papai passava horas olhando aquelas fotos em Londres. A gente tinha centenas, todas tiradas antes do 9 de setembro, que estavam numa grande bagunça em cinco caixas diferentes. Quatro anos depois de Rose morrer, ele resolveu colocá-las em ordem, com as mais velhas por último e as mais recentes na frente. Ele comprou dez desses álbuns bem bacanas, que são de couro legítimo e têm uma caligrafia dourada impressa, e passou todas as noites durante meses sem falar com ninguém, apenas bebendo bebendo bebendo e colando todas as fotos nos lugares certos. Só que quanto mais bebia, menos conseguia colar direito, por isso no dia seguinte tinha que colar de novo toda a metade delas. Foi provavelmente quando Mamãe começou a ter o Caso. Aquela era uma palavra que eu tinha ouvido na novela e não esperava que meu próprio pai a berrasse. Foi um choque. Não saquei, nem mesmo quando Mamãe passou a ir ao grupo de apoio duas vezes por semana, depois três e, então, sempre quando podia.

Às vezes quando acordo esqueço que ela foi embora e aí lembro e meu coração desaba, tipo quando você erra um degrau ou tropeça no meio-fio. Tudo volta correndo e posso ver muito claramente o que aconteceu no aniversário de Jas, como

se meu cérebro fosse uma daquelas televisões HD que Mamãe disse que era desperdício de dinheiro quando pedi uma no último Natal.

Jas estava uma hora atrasada para sua festa. Mamãe e Papai discutiam. *Christine me disse que você não estava com ela*, dizia Papai quando entrei na cozinha. *Telefonei para checar*. Mamãe afundou numa cadeira bem ao lado dos sanduíches, o que achei esperteza dela, porque assim ela seria a primeira na escolha dos recheios. Havia os de carne e os de frango, e os amarelos, que eu esperava que fossem de queijo e não de maionese de ovo. Mamãe usava um chapéu de festa, mas sua boca estava arriada, de modo que parecia um daqueles palhaços tristes que a gente vê no circo. Papai abriu a porta da geladeira, pegou uma cerveja e fechou-a com um estrondo. Já havia quatro latas vazias na mesa da cozinha. *Onde diabos você estava?*, ele quis saber. Mamãe abriu a boca para falar, mas minha barriga roncou bem alto. Ela deu um pulo e os dois se viraram para me olhar. *Posso pegar um enroladinho de salsicha?*, perguntei.

Papai resmungou e pegou um prato. Embora estivesse irritado, cortou com cuidado uma fatia de bolo, cercou-a com enroladinhos de salsicha e sanduíches e batata chips. Serviu um copo de suco Ribena, preparando-o bem forte, exatamente como eu gosto. Quando terminou, estendi as mãos, mas ele passou direto por mim e foi na direção da lareira na sala. Fiquei chateado. Todo mundo sabe que irmãs mortas não ficam com fome. Justo quando pensava que meu estômago ia me comer vivo, a porta da frente se abriu. *Está atrasada*, gritou Papai, mas Mamãe suspirou. Jas sorriu de um jeito nervoso, o nariz faiscando com uma tachinha de diamante e o cabelo mais cor-de-rosa do que chiclete. Retribuí o sorriso, mas aí BUM, houve uma explosão quando Papai largou o prato e Mamãe sussurrou *Olhe o que você fez*.

Jas ficou de um vermelho brilhante. Papai berrou alguma coisa sobre Rose e apontou para a urna, espalhando suco por todo o carpete. Mamãe permaneceu sentada imóvel, os olhos na cara de Jas enquanto eles se enchiam de lágrimas. Enfiei dois enroladinhos de salsicha na boca e escondi um pão doce debaixo da camiseta.

Que família, vociferou Papai, olhando de Jas para Mamãe, o rosto fechado de tristeza. Não entendi. Era apenas um corte de cabelo e não consegui imaginar o que Mamãe tinha feito de errado. Roger lambia o bolo de aniversário do carpete. Ele zuniu quando Papai o agarrou pelo cangote e o jogou no corredor. Jas saiu enfurecida e bateu com força a porta de seu quarto. Consegui comer um sanduíche e mais três pães doces, enquanto Papai limpava a sujeira, as mãos tremendo ao

recolher os restos do chá de aniversário de Rose. Mamãe olhava fixamente para o bolo no carpete. *Tudo isso é culpa minha*, murmurou. Sacudi a cabeça. *Foi ele quem derramou, não você*, cochichei, apontando para a mancha de suco.

Papai jogou a comida na lata de lixo com tanta força que ela chacoalhou. Ele começou a gritar de novo. Doeu nos meus ouvidos, e corri da cozinha para o quarto de Jas. Ela estava sentada diante do espelho, brincando com o cabelo cor-de-rosa. Dei-lhe o pão doce que havia escondido debaixo da camiseta. *Você está bem bonita*, falei, o que a fez chorar. Meninas são estranhas.

Mamãe admitiu tudo depois da festa. Eu e Jas ficamos na cama dela, ouvindo. Não foi difícil. Mamãe estava chorando. Papai estava berrando. Jas enxugava os olhos dela, mas os meus estavam secos. *Um CASO*, disse Papai várias e várias vezes, como se gritar muitas vezes talvez fizesse aquilo ser absorvido. Mamãe disse *Você não entende* e Papai rebateu *Suponho que Nigel entenda* e Mamãe retrucou *Melhor do que você*. *A gente conversa. Ele escuta. Ele me faz...* Mas Papai interrompeu, xingando alto.

Aquilo continuou por séculos. Meu pé esquerdo até ficou dormente. Papai fez centenas de perguntas. Mamãe soluçou ainda mais forte. Ele a chamou de *traidora* e *mentirosa* e observou *Isso é a cobertura do maldito bolo*, o que me fez querer outro pão doce. Mamãe tentou rebater com seu argumento. Papai gritou mais alto que ela. *Você já não causou vexame suficiente a esta família?*, rosnou. O choro parou de repente. Mamãe disse uma coisa que não consegui ouvir. *O quê?*, disse Papai, chocado. *O que você disse?*

Passos no corredor. De novo a voz de Mamãe, baixinha, bem do lado de fora da porta de Jas. *Não posso mais fazer isso*, ela repetiu, soando como se tivesse mil anos de idade. Jas segurou minha mão. *Acho que é melhor se eu for embora*. Meus dedos doíam enquanto Jas os apertava. *Melhor para quem?*, perguntou Papai. *Melhor para todo mundo*, respondeu Mamãe.

Foi a vez do Papai chorar. Implorou para Mamãe ficar. Pediu desculpas. Bloqueou a porta da frente, mas Mamãe disse *Saia do meu caminho*. Papai pediu mais uma chance. Prometeu tentar com mais firmeza, colocar as fotos de lado, arrumar um emprego. Ele disse *Perdi a Rose e não posso perder você*, enquanto Mamãe saía para a rua. Papai berrou *Nós precisamos de você* e Mamãe disse *Não*

tanto quanto eu preciso de Nigel. Então ela se foi e Papai socou a parede e quebrou um dedo e teve de usar curativo por quatro semanas e três dias.



O CORREIO NÃO CHEGOU. São dez horas e treze minutos e já tenho dois números há cento e noventa e sete minutos. Ouvi algo na porta um segundo atrás, mas era apenas o leiteiro. Em Londres a gente tinha de ir buscar o próprio leite. A gente sempre acabava sem porque o supermercado ficava a quinze minutos de carro e Papai se recusava a atravessar a rua e ir até a loja de propriedade de muçulmanos. Eu me acostumei a comer cereal seco, mas Mamãe gemia quando não conseguia tomar uma xícara de chá.

Até agora meus presentes não foram lá essas coisas. Papai me deu chuteiras de futebol um número e meio menor. Eu as estou usando agora e meus dedões parecem estar numa ratoeira. Pela primeira vez ele sorriu depois de um tempão, quando eu as coloquei. Não quis dizer que precisava de umas maiores porque provavelmente ele tinha jogado a nota fora. Apenas fingi que cabiam. Nunca participei mesmo de times de futebol, então não terei de usá-las tanto assim. Na minha escola em Londres tentei todo ano, mas nunca fui escolhido, exceto uma vez, quando o goleiro estava doente e o sr. Jackson me botou no gol. Pedi ao Papai para ir e ele esfregou minha cabeça como se estivesse orgulhoso. A gente perdeu de treze a zero, mas apenas seis dos gols foram culpa minha. Quando o jogo começou, fiquei decepcionado, pois Papai não tinha aparecido. No final, me senti aliviado.

Rose comprou um livro para mim. Como sempre, seu presente estava junto à urna quando fui à sala. Senti uma tremenda vontade de rir quando o vi ali, e imaginei que brotavam pernas e braços e uma cabeça na urna e que ela ia até a livraria para comprar um presente. Mas Papai me observava com olhar sério, por isso rasguei o papel e tentei não parecer decepcionado quando percebi que já o tinha lido. Eu leio bastante. Em Londres, costumava frequentar a biblioteca da escola na hora do almoço. *Livros são melhores amigos do que as pessoas*, a bibliotecária dizia.

Não creio que seja verdade. Luke Branston foi meu amigo por quatro dias quando brigou com Dillon Sykes por ter quebrado sua régua do Arsenal. Ele se sentava comigo no refeitório e a gente jogava Super Trunfo no pátio e ninguém me chamou de *Piroquinha* por quase toda a semana.

Jas está me esperando no andar de baixo. A gente vai num instante até o parque jogar futebol. Ela também chamou o Papai. *Venha ver Jamie experimentar as chuteiras novas*, convidou ela, mas Papai apenas resmungou e ligou a TV. Ele parecia estar de ressaca. Sem dúvida, quando fui checar, encontrei outra garrafa de vodka vazia no lixo. Jas cochichou *A gente não precisa mesmo dele* e então gritou *Vamos lá jogar*, como se fosse a coisa mais emocionante do mundo.

Jas gritou na direção da escada apenas para ver se eu estou pronto. Berrei *Quase*, mas não saí do parapeito da janela. Quero esperar o correio. Normalmente chega entre dez e onze. Não acho que a Mamãe vá se esquecer. Aniversários importantes parecem estar escritos no meu cérebro com aquela tinta permanente que os professores às vezes usam por engano em quadros brancos. Mas talvez Mamãe esteja diferente agora que vive com Nigel. Talvez Nigel tenha seus próprios filhos e, em vez disso, Mamãe se lembre dos aniversários deles.

Com toda a certeza ganharei alguma coisa da vovó mesmo se não ganhar nada da Mamãe. Vovó vive na Escócia, que é de onde o Papai é, e ela nunca se esquece de nada apesar de ter oitenta e um anos. Gostaria de poder vê-la com mais frequência, porque é a única pessoa de quem Papai tem medo, e acho que é a única que pode fazer ele parar de beber. Papai nunca nos leva para vê-la, e ela é velha demais para dirigir, por isso não visita a gente. Acho que sou muito parecido com a vovó. Ela tem cabelo ruivo e sardas e eu tenho cabelo ruivo e sardas, e ela é durona como eu. No funeral de Rose, ela foi a única outra pessoa em toda a igreja que não chorou. Foi isso pelo menos o que Jas me contou.



O parque fica a um quilômetro e meio e a gente foi quase correndo até lá. Deu para perceber que Jas estava tentando queimar calorias. Às vezes, quando vemos TV, sem motivo algum ela sacode a perna para cima e para baixo, e faz centenas de agachamentos todos os dias após a escola. Ela pareceu engraçada com o longo casaco preto e o brilhoso cabelo cor-de-rosa, correndo no meio de uma porção de ovelhas

que se assustavam e faziam *Bééé*. Continuei de olho no carteiro, porque eram quase onze e ele ainda não tinha chegado quando deixamos o chalé.

Havia três garotas nos balanços quando chegamos ao parque, e elas ficaram nos olhando ao entrarmos. Seus olhos eram como urtigas, cheios de ferrões, e meu rosto ficou vermelho quando parei junto ao portão. Jas nem ligou. Correu direto para elas e subiu num dos balanços, ficando de pé com as botas preto-azeviche sobre o assento. As garotas olharam para ela como se ela fosse uma aberração, mas Jas se balançou bem alto e bem veloz e sorriu para o céu como se nada no mundo pudesse assustá-la.

Música faz mais o gênero de Jas, por isso ganhei dela facilmente, sete a dois. Meu gol mais bonito foi um voleio com o pé esquerdo. Jas acha que este ano vou entrar para o time. Disse que minhas chuteiras são encantadas e me tornarão tão bom quanto Wayne Rooney. Meus dedões formigam como se houvesse magia dentro deles, e, por um segundo, pensei que Jas tinha razão, até que me toquei de que a circulação tinha sido interrompida e meus pés ficaram azuis. Jas perguntou *Suas chuteiras estão pequenas demais?* e eu respondi *Não, estão perfeitas*.

Eu me senti empolgado a caminho de casa. Jas falava e falava em fazer mais piercings, mas tudo em que eu conseguia pensar era no capacho na entrada do chalé. Em minha cabeça, via um pacote em cima dele. Um pacote estufado com um cartão de futebol preso ao brilhoso papel da embalagem. Nigel não o teria assinado, mas Mamãe devia ter botado uma porção de beijos dentro.

Quando abri a porta da frente, percebi que alguma coisa estava errada. Ela se moveu facilmente. A princípio não ousei olhar para baixo e me forcei a pensar no que vovó sempre diz. *Coisas boas vêm em pacotes pequenos*. Tentei imaginar todos os presentes pequenos que Mamãe poderia ter enviado e que ainda assim eram legais mesmo se não bloqueassem a porta. Mas por algum motivo a única coisa pequena em que consegui pensar foi o camundongo morto de Roger, e isso me fez sentir enjoado e parei.

Olhei para o capacho. Havia um cartão. Reconheci a caligrafia cheia de voltas no envelope como a de vovó. Mesmo podendo perceber que não havia nada debaixo dele, ainda assim cutuquei o cartão com o dedão, para o caso de que o presente que Mamãe tivesse mandado fosse realmente minúsculo, tipo um escudo do Manchester United ou uma borracha ou algo assim.

Pude sentir Jas me observando. Ergui a vista de relance para ela. Uma vez, vi um cachorro correr para o meio de uma estrada movimentada e meus ombros dispararam para cima, para as orelhas, e as sobrancelhas se apertaram juntas enquanto esperava a colisão. Era desse jeito que Jas parecia quando cheguei o capacho. Abaixei-me rapidamente e abri o cartão de vovó, rindo bem alto quando uma nota de vinte libras flutuou até o capacho. *Imagine todas as coisas maneiras que você pode comprar com o seu dinheiro*, disse Jas, e fiquei contente por ela não ter me perguntado nada, porque eu tinha um caroco do tamanho do mundo na minha garganta.

Na sala, ouvimos o *plunc-pss* de uma lata sendo aberta e Jas tossiu para disfarçar o fato de que Papai estava bebendo no meu dia especial. *Vamos comer bolo*, falou, puxando-me para a cozinha. Não havia velas e ela enfiou algumas varetas de seus incensos no bolo. Fechei os olhos, bem apertado, e desejei que o presente da Mamãe chegasse logo. Desejei o maior pacote do mundo, um que fizesse as costas do carteiro doerem. Aí abri os olhos e vi Jas sorrindo para mim. Eu me senti um pouquinho egoísta e acrescentei *E, por favor, que Jas consiga o seu piercing de umbigo*, antes de inspirar bem fundo. Saiu fumaça por todos os lados, mas foi impossível apagar as varetas, então meus desejos não funcionariam.

Cortei o bolo com o maior cuidado possível, porque não queria estragá-lo. Tinha gosto de bolinho frito. *Isso é muito legal*, comentei e Jas riu. Ela sabia que eu estava mentindo. E gritou *Papai, vai querer um pouco?*, mas não houve resposta. Depois perguntou *Você se sente mais velho?* e respondi *Não*, porque nada havia mudado. Embora agora eu tenha dois números, ainda me sinto como se tivesse nove anos. Sou o mesmo que era em Londres. Jas é a mesma. Assim como Papai. Ele não tem ido à obra apesar de o homem ter deixado cinco recados para ele na secretária eletrônica em apenas duas semanas.

Jas mordiscou o canto de uma fatiazinha de bolo e perguntou se eu queria o meu presente. Os sinos de vento tilintaram quando abrimos a porta do quarto dela. Ela avisou *Eu não embrulhei* e me entregou um saco de plástico branco. Dentro havia um caderno para desenhos e uns lápis bem chiques, os mais legais que eu já vi. *Vou desenhar você primeiro*, declarei. Ela botou a língua para fora e envesgou os olhos. *Só se me desenhar assim*.

Depois do almoço a gente assistiu ao *Homem-Aranha*. É o melhor filme de todos os tempos, e sentamos no chão do quarto dela com as cortinas fechadas e o edredom, embora ainda estivéssemos no meio da tarde. Roger se enroscou no meu colo. Ele é mesmo meu gato. Sou o único que cuida dele. Ele era de Rose. Ela implorou e implorou por um bicho e, quando fez sete anos, Mamãe concordou. Ela botou o gato numa caixa e grudou um laço em cima e quando Rose abriu o presente gritou de felicidade. Mamãe me contou essa história centenas de vezes. Não sei se ela esquece que já a contou antes, ou se apenas gosta de contar novamente, mas isso a faz sorrir e eu me seguro e deixo ela terminar. Eu adoraria se Mamãe me enviasse um animal de estimação pelo meu aniversário. Uma aranha seria o máximo porque ela poderia me morder e eu ganharia superpoderes, como o Homem-Aranha.

Quando desci depois do filme, quase todo o bolo tinha sumido. Havia apenas um pedacinho no prato, mas não era um triângulo caprichado como as fatias que eu tinha cortado. Estava toda picada. Fui para a sala e encontrei Papai roncando no sofá com migalhas no queixo. Três latas vazias de cerveja estavam no chão e havia uma garrafa de vodca apoiada contra uma almofada. Ele devia estar muito bêbado para perceber que o gosto do bolo não estava bom. Eu estava para subir de novo a escada quando avistei minha irmã na prateleira em cima da lareira. Ao lado da urna havia uma fatia de bolo, e por algum motivo isso me deixou furioso de verdade. Fui até Rose e, mesmo sabendo que ela está morta e não consegue ouvir nada do que se diz, cochichei *O aniversário é meu, e não seu* e enfiei o bolo na boca.



Dois dias depois, estava no jardim dos fundos desenhando um peixinho dourado no lago e tentando não escutar o carteiro. Tinha dito a mim mesmo várias e várias vezes que o presente não viria, mas, assim que ouvi os passos na entrada de casa, corri para dentro. Algumas cartas caíram pesadamente sobre o capacho. Nada de Mamãe. Mas então houve uma batida na porta e eu a abri tão rápido que o carteiro deu um pulo. Ele disse *Encomenda para James Matthews* e minhas mãos tremeram quando segurei o pacote. O carteiro pediu *Assine aqui* naquela voz entediada como se não soubesse que algo incrível estava acontecendo. Sentindo-me como Wayne Rooney, assinei meu nome, e o fiz rabiscado como um autógrafo. Aí o carteiro deu meia-

volta e foi embora, o que foi um alívio. Por um segundo fiquei preocupado que, se desejos virassem mesmo realidade, ele teria problemas na coluna.

Levei meu presente para cima, mas esperei dez minutos para abri-lo. O endereço estava em letras de forma. Desenhei com o dedo as letras sobre o papel pardo, imaginando Mamãe escrevendo meu nome do modo mais legal possível. Então, de repente, não consegui esperar nem mais um segundo e rasguei o papel de embrulho e o amassei formando uma pequena bola e joguei no chão. Dentro havia uma caixa simples que não me revelou nada. Rose curti caixas, Papai me disse certa vez, e costumava usá-las para fazer naves espaciais e castelos e túneis. Ele contou que, quando era pequena, ela curti mais as caixas do que os presentes.

Eu não sou Rose, assim fiquei aliviado quando alguma coisa chacoalhou contra o papelão quando sacudi a caixa. Abri-a. Meu coração parecia uma lebre selvagem que a gente vê no campo sob a luz dos faróis. Primeiro ela meio que congela, com medo demais para se mexer, mas então explode e salta realmente depressa. Dentro da caixa havia um tecido vermelho e azul. Eu o empurrei para a cama com um daqueles sorrisos de orelha a orelha. O material era mole e a aranha cerzida na frente era grande, preta e perigosa. Enfiei a camiseta de Homem-Aranha pela cabeça e olhei no espelho. Jamie Matthews desaparecera. Em seu lugar estava um super-herói. Em seu lugar estava o Homem-Aranha.

Se estivesse usando minha camiseta nova no parque, eu não teria tido medo daquelas garotas. Teria corrido atrás de Jas e pulado num balanço, pousando num pé sem balançar. Teria me impulsionado mais alto e mais depressa do que qualquer um jamais fizera antes e em seguida teria saltado e circulado pelo ar e aquelas garotas teriam feito *Uau!*. Então teria dado uma gargalhada que soaria tipo *HAHAHAHAHA* e provavelmente até mesmo xingado ou algo assim. Eu não teria ficado a dez metros de distância todo vermelho e tremendo como um covarde.

No cartão havia um jogador de futebol usando uniforme do Arsenal. Mamãe devia ter pensado que era do Manchester United porque ambos jogam de vermelho. No cartão ela escreveu *Para o meu meninão no seu décimo aniversário. Tenha um excelente dia, com amor da Mamãe* e três enormes beijos embaixo. Não creio que conseguisse me sentir mais feliz até ver o P.S. na margem. *Estou ansiosa para muito em breve ver você vestido com a sua camiseta.*

Repeti várias e várias vezes aquela frase e ainda agora ela circula em volta de minha cabeça, como um cachorro perseguindo o rabo. Estou sentado na almofada

da janela e Roger está ronronando. Ele sabe que foi um ótimo dia. As estrelas brilham mais intensamente do que jamais brilharam antes e parecem centenas de velas num bolo de aniversário preto. Mesmo se eu pudesse soprá-las, não pediria mais nada. O dia de hoje foi perfeito.

Fiquei imaginando se Mamãe já marcou a viagem de trem. Ou talvez Nigel tenha um carro que lhe empreste, se bem que eu não acho que ela gostaria de dirigir pela estrada de lá até aqui. Ela detesta ficar engarrafada no trânsito e vai a toda parte de Londres a pé. Mas virá aqui de qualquer modo, porque vai querer me ver antes que eu comece na escola para me desejar *Boa sorte* e *Seja bonzinho* e todas essas coisas de mãe. E com certeza vai querer me ver com a minha camiseta nova. Por via das dúvidas, não vou tirá-la até ela chegar. Também vou dormir com ela, porque super-heróis nunca estão de folga e ela pode chegar tarde após um atraso do trem ou um engarrafamento do trânsito. Pode não ser esta noite ou amanhã ou mesmo depois de amanhã, mas se Mamãe escreveu *Muito em breve*, ela quis mesmo dizer *Muito em breve*, e estarei pronto para quando ela chegar.



MINHA PROFESSORA ME fez sentar ao lado da única muçulmana da escola. Ela falou *Esta é Sunya* e ficou me encarando quando não me sentei. Os olhos da sra. Farmer não têm nenhuma cor. São mais pálidos do que cinzentos. Parecem aparelhos de TV que perderam o sinal e ficaram borrados. Ela tem uma verruga no queixo e dois pelos encaracolados saindo do meio. Não seria difícil arrancá-los. Talvez ela não saiba que estão ali. Ou talvez goste deles. *Há algum problema?*, perguntou a sra. Farmer e todos da minha classe se viraram para olhar. Eu quis gritar *Muçulmanos mataram minha irmã*, mas não pareceu ser o tipo de coisa que se diz antes de *Oi* ou *Sou Jamie* ou *Tenho dez anos*. Então simplesmente me sentei na beiradinha da carteira e tentei não olhar na direção de Sunya.

Papai ficaria louco se soubesse. Ele acha que a melhor coisa em deixar Londres é ficar longe dos muçulmanos. *Não tem nada dessa coisa de estrangeiros nos Lagos*, disse ele. *Apenas gente britânica de verdade cuidando de seus próprios assuntos*. Em Finsbury Park havia milhares deles. As mulheres usavam aqueles panos compridos na cabeça como se estivessem vestidas como fantasmas e prontas para o Halloween. Havia uma mesquita no fim da rua do apartamento e a gente via todos eles indo rezar. Eu quis muito dar uma olhada lá dentro, mas Papai me mandou ficar longe.

Minha nova escola é minúscula. É cercada por montanhas, árvores e um córrego passa pelo portão da frente, por isso se você estiver no pátio pode ouvir aquele glub glub, como se a água estivesse descendo por um ralo. Em Londres minha escola ficava numa rua principal e tudo que se conseguia ouvir ou ver ou cheirar era trânsito.

Depois que peguei meu estojo de lápis, a sra. Farmer disse *Bem-vindos à nossa escola*, e todo mundo aplaudiu. Ela perguntou *Como é seu nome?* e eu disse *Jamie* e ela perguntou *De onde você vem?* e alguém sussurrou *Lodo*, mas eu disse *Londres*. A

sra. Farmer disse que adoraria visitar Londres, mas era longe demais para ir dirigindo e meu estômago deu um nó porque de repente Mamãe pareceu estar a quilômetros de distância. Ela falou *Sua ficha ainda não chegou da escola antiga, portanto, por que não nos conta algo interessante sobre você?* Não consegui pensar em uma só coisa para contar. Então a sra. Farmer perguntou *Quantos irmãos e irmãs você tem?*, e nem mesmo isso consegui responder porque não sei se Rose conta. Todos começaram a dar risadinhas e a sra. Farmer fez *Shhhii crianças* e aí perguntou *Bem, você tem algum bicho de estimação?* Eu respondi *Tenho um gato chamado Roger*. A sra. Farmer sorriu e disse *Roger, o gato, soa muito bem mesmo*.

Primeiro a gente teve de escrever duas páginas com o título “Minhas maravilhosas férias de verão” e tomar um cuidado extra de colocar os pontos finais e as maiúsculas nos lugares certos. Isso foi moleza, mas tentar imaginar alguma coisa maravilhosa para escrever foi mais difícil. Ver *Homem-Aranha* e receber presentes da Mamãe e de Jas foram as únicas coisas boas que aconteceram neste verão. Escrevi isso e quase encheu uma página porque fiz uma caligrafia bem grande. Então fiquei sentado olhando meu caderno e desejando poder escrever sobre sorvetes ou parques temáticos ou nadar no mar.

Restam cinco minutos, disse a sra. Farmer, tomando café e consultando seu relógio. *Todos devem encher duas páginas e alguns talvez consigam até três*. Um garoto ergueu a vista. A sra. Farmer piscou para o garoto e o rosto dele pareceu inchar. Aí ele se curvou tanto que o nariz quase tocou na carteira, e começou a escrever realmente depressa, milhares de palavras voando de sua caneta enquanto descrevia suas férias maravilhosas.

Restam três minutos, disse a sra. Farmer. Minha caneta estava presa no topo da página dois e isso formou um borrão de tinta porque eu não a movimentava havia mais de sete minutos.

Invente. Esta palavra foi sussurrada tão baixinho que pensei que a tinha imaginado. Olhei para Sunya e seus olhos brilhavam e cintilavam como poças à luz do sol. Eram castanho-escuros, quase negros, e ela usava um pano branco na cabeça que escondia cada fio de cabelo, menos um. O cabelo pendia próximo da bochecha e era negro, liso e brilhoso como um pedaço fininho de alcaçuz. Ela era canhota e seis pulseiras retiniam no pulso enquanto escrevia. *Invente*, repetiu ela, e em seguida sorriu. Os dentes pareciam brancos em contraste com a pele morena.

Não sabia o que fazer. Os muçulmanos mataram minha irmã, mas não queria me meter em confusão logo no primeiro dia de aula. Revirei os olhos como se o conselho de Sunya fosse lixo, mas aí a sra. Farmer disse *Faltam dois minutos*. Então comecei a escrever o mais depressa possível, inventando montanhas-russas velozes e idas à praia e achados de caranguejos em piscinas naturais. Descrevi Mamãe morrendo de rir quando gaivotas tentaram comer seu peixe com batatas e Papai construindo para mim o maior castelo de areia do mundo todo. Escrevi que era tão grande que minha família inteira podia caber lá dentro, mas isso pareceu inventado e risquei. Disse que Jas ficou com queimadura de sol, mas Rose ficou bronzeada. Parei por cerca de um milissegundo quando escrevi essa última parte porque, embora tudo mais fosse mentira, essa era a maior de todas. Mas então a sra. Farmer disse *Restam sessenta segundos* e minha caneta correu pela página e, antes que me tocasse, eu tinha redigido um parágrafo inteiro sobre Rose.

A sra. Farmer disse *Acabou o tempo*. Ela perguntou *Quem gostaria de falar à classe sobre suas férias?* e a mão de Sunya disparou para o ar e as pulseiras retiniram como aqueles sininhos que botam em portas de lojas. A sra. Farmer apontou para ela, em seguida para o garoto do rosto inchado e depois para duas garotas, aí então para mim, embora eu não tivesse levantado a mão. Quis dizer *Não obrigado*, mas as palavras ficaram presas perto das amídalas. Como não me mexi, ela disse *Venha, James*, daquele modo zangado, e eu me pus de pé e andei até diante da classe. Meus sapatos pareciam mais pesados do que o normal e alguém apontou para a mancha na minha camisa de Homem-Aranha. O cereal torna o leite achocolatado, o que é bom para beber, mas faz uma sujeira se você o derrama.

O garoto leu primeiro e leu e leu e leu e a sra. Farmer perguntou *Quantas páginas tem isso, Daniel?* e Daniel respondeu *Três e meia*, e seus olhos quase se esbugalharam, o rosto inflado de orgulho. Em seguida uma menina chamada Alexandra e uma menina chamada Maisie descreveram suas férias, que foram cheias de festas e novos filhotes de cachorros e viagens a Paris. Depois foi a vez de Sunya.

Ela pigarreou. Os olhos se estreitaram para duas fendas cintilantes. *Deveriam ter sido férias maravilhosas*, começou ela. Fez uma pausa dramática e olhou em volta da sala. Em algum lugar lá fora passou um caminhão estrondando. *O hotel parecia adorável no site. Ficava numa linda floresta, sem outras casas por quilômetros em volta. Um lugar perfeito para descansar, observou Mamãe. Ela não poderia estar mais equivocada.* Daniel revirou os olhos. *Na primeira noite não consegui dormir, pois*

houve uma tempestade. Ouvi aquele tap tap tap na minha janela e pensei que fosse apenas um galho, soprado pelo vento. Mas não parou mesmo quando o vento diminuiu, então desci da cama e abri a cortina. De repente Sunya berrou o máximo que sua voz conseguia e a sra. Farmer quase caiu da cadeira. Aí Sunya falou o mais depressa possível e relatou Em vez de um galho havia uma mão morta batendo no vidro e em seguida surgiu um rosto sem dentes e cabelo desgrenhado e pediu: “Deixe-me entrar, garotinha, deixe-me entrar.” Então eu...

A sra. Farmer levantou-se com a mão sobre o peito. *Muito divertido como sempre, Sunya. Muito obrigado.* Sunya pareceu chateada por não a deixarem ler até o final. Aí foi a minha vez. Li o mais depressa possível, murmurando todas as partes sobre Rose. Eu me senti culpado por dizer a todo mundo que ela se divertiu na praia quando na verdade ela estava dentro de uma urna numa prateleira em cima da lareira. *Quantos anos têm suas irmãs?*, indagou a sra. Farmer. *Quinze*, respondi. *Ah, são gêmeas?*, ela perguntou como se isso fosse a melhor coisa do mundo. Confirmei com a cabeça e ela observou *Que adorável.* Meu rosto enrubesceu da cor exata da caneta marca-texto cor-de-rosa. Sunya me encarou por um longo tempo. Eu sabia que ela tentava sacar que parte da minha história era inventada, e isso me deixou nervoso e a encarei de volta. Em vez de ficar constrangida, ela sorriu seu grande sorriso branco e deu uma piscadela como se a gente compartilhasse um segredo.

Excelente, disse a sra. Farmer. *Vocês todos estão a um passo do céu.* Daniel ficou radiante, mas achei isso uma estupidez. Nossos textos estavam mesmo legais, mas não creio que impressionariam Jesus. Mas então a sra. Farmer se curvou sobre sua mesa e pela primeira vez olhei para o desenho. Havia quinze nuvens fofas indo diagonalmente acima pela parede. No canto superior direito havia a palavra CÉU com letras recortadas de cartolina dourada. No canto inferior esquerdo havia trinta anjos, cada qual com seu par de imensas asas prateadas. Escrito na asa direita de cada anjo havia o nome de alguém da classe. Os anjos pareceriam bem santos se não tivessem alfinetes enfiados na cabeça. Com a mão rechonchuda a sra. Farmer moveu meu anjo para a primeira nuvem. Então fez o mesmo com os de Alexandra e Maisie, mas passou o anjo de Daniel direto pela primeira nuvem e pregou-o na segunda nuvem.

Na hora do almoço tentei fazer um amigo. Não queria que aqui fosse como Londres. Na minha antiga escola, todos me chamavam de *viadinho*, porque gosto de arte, CDF, porque sou inteligente, e *aberração*, porque tenho dificuldade em falar

com pessoas que não conheço. Jas disse isso esta manhã *É importante fazer amigos desta vez*, e o modo como falou me fez sentir pouco à vontade, como se ela soubesse que, em Londres, eu passava a hora do almoço na biblioteca em vez de no pátio.

Perambulei à procura de alguém com quem conversar. Sunya era a única pessoa sozinha. Todos os outros da minha classe formavam um grande grupo sentado na grama. As meninas faziam correntes de margaridas e os meninos chutavam uma bola para lá e para cá. Eu queria jogar mais do que qualquer coisa no mundo, mas não tive coragem de perguntar se podia participar. Em vez disso, me deitei ali perto e fingi tomar banho de sol, torcendo para que um dos meninos me chamasse. Fechei os olhos e ouvi o córrego gorgolejar e os meninos rirem e as meninas darem gritinhos quando a bola chegava perto demais.

Achei que uma nuvem devia ter coberto o sol porque de repente eu estava na sombra. Ergui a vista e tudo que consegui enxergar foram dois olhos brilhantes, uma pele morena e um fio de cabelo flutuando delicadamente na brisa. Falei *Vá embora* e Sunya disse *Encantada*, se jogou do meu lado e sorriu. Perguntei *O que você quer?* e ela respondeu *Uma palavrinha com o Homem-Aranha* e aí abriu a palma da mão, que era surpreendentemente rosada, e dentro havia um anel feito de massa adesiva Blu-Tack.

Eu também sou uma, cochichou, olhando em volta para se certificar de que ninguém estava ouvindo. Quis ignorá-la, mas estava intrigado e por isso perguntei *Você é o quê, exatamente?* e bocejei de propósito para parecer que não estava ligando a mínima para a resposta. *Não é óbvio?*, rebateu ela, apontando para o pano em volta da cabeça e ombros. Sentei-me com um tranco. Minha boca devia estar escancarada porque uma mosca voou para dentro e pousou na língua. Tossi e cuspi e Sunya riu. *Somos iguais*, disse ela, e gritei *Nós não somos*. Daniel olhou lá da galera na grama. *Tome*, sorriu ela estendendo o anel. De joelhos, me arrastei para trás e sacudi a cabeça. Aquela, obviamente, era alguma tradição muçulmana, embora eu nunca tivesse ouvido falar em dar e receber anéis de massa quando estudamos o Ramadã na escola. *Vamos lá*, ela pediu agitando o dedo médio da mão direita. Havia uma fina linha de massa adesiva em volta dele e uma pedra marrom enfiada no topo como um diamante. Ela frisou *A mágica não funciona a não ser que você use um também* e eu disse *Minha irmã foi explodida por uma bomba* e me pus de pé e saí correndo.

Felizmente uma merendeira gorda soprou o apito e saí disparado por todo o caminho até a sala de aula. Quando me sentei na cadeira, meu cérebro se chocou contra os ossos da cabeça e senti sede. Minhas mãos deixaram marcas de suor na carteira. Havia risadas no corredor quando a galera da grama entrou. Cada um deles tinha uma corrente de margaridas em volta do punho. Inclusive os garotos. E apesar de parecerem estúpidos, desejei ter também uma pulseira de flores para usar. Sunya entrou por último, nada também em seu pulso. Ela sorriu quando me viu e agitou os dedos diante do meu rosto, o do meio ostentando o anel de massa.

Resolvemos uma porção de problemas de matemática e encerramos com geografia. Não olhei nem uma vez para Sunya. Eu me sentia confuso e perturbado, como se tivesse traído o Papai. Embora minha pele seja branca e eu tenha sotaque inglês e ache errado explodir as irmãs das pessoas, devia ter feito alguma coisa para convencer Sunya de que queria joias muçulmanas.

A professora falou *Arrumem suas coisas* e fui colocar o livro de geografia na minha nova gaveta. Está escrito *James Matthews* na frente dela e há a foto de um leão ao lado do nome, o que me fez pensar no leão prateado no céu. Abri a gaveta e vi uma coisa pequena e branca debaixo do livro de inglês. Pétalas. Ergui a vista e vi Daniel sorrindo para mim. Ele gesticulou com a cabeça e apontou, incentivando-me a olhar mais de perto. Afastei o livro de inglês para o lado e meu coração saltou do peito. Uma corrente de margaridas. Daniel colocou os dois polegares para cima. Minhas mãos tremiam quando retribuí o gesto e de repente não conseguia esperar para chegar em casa e contar a Jas sobre o meu dia. Sunya surgiu do meu lado, examinando a pulseira com um estranho olhar no rosto. Ciúmes. Apanhei a pulseira com todo o cuidado, desesperado para colocá-la no pulso, mas ela se desfez em pedaços. Daniel começou a rir. Meu coração atirou-se de volta para dentro do peito, criando um enorme buraco negro que vazou felicidade por todo o assoalho da sala de aula. Não era uma pulseira. Nunca havia sido uma pulseira — apenas um monte de flores amassadas. E Sunya não estava com ciúmes. Estava furiosa. Olhou para Daniel com seus olhos reluzentes e todas as faíscas haviam se tornado tão afiadas quanto vidro quebrado.

Daniel bateu no ombro de um garoto chamado Ryan. E cochichou algo no ouvido dele. Eles riram para mim e levantaram os polegares bem alto no ar. Então deram um daqueles risinhos de zombaria e saíram da sala. Desejei que o leão de prata no céu atacasse aqui embaixo na terra e arrancasse as cabeças deles a mordidas.

O *anel protegerá você*, sussurrou Sunya, e dei um salto de um milhão de metros acima do chão. Éramos os dois últimos que restaram na sala de aula. *Aquilo é parte da magia dele*. Eu falei *Não preciso de proteção* e Sunya riu. *Até mesmo o Homem-Aranha precisa de um pouquinho de proteção às vezes*. O sol vazava através da janela e batia no xale sobre a cabeça de Sunya e, por um milissegundo, pensei em coisas puras como anjos, auréolas, Jesus e glacê branco. Mas aí uma foto do rosto do Papai encheu minha mente e pôs um fim em todos os outros pensamentos. Pude ver seus lábios finos e olhos estreitos enquanto afirmava *Muçulmanos infectam este país como uma doença*, o que não é exatamente verdade. Eles não são contagiosos e não provocam pintas vermelhas na gente como catapora, e até onde eu sei nem mesmo causam elevação de temperatura.

Dei um passo para trás e depois mais outro e me choquei com uma carteira porque meus olhos estavam grudados no rosto de Sunya. Quando alcancei a porta, ela perguntou *Você não entende?* e eu disse *Não*. E ela ficou calada e eu temi que a conversa tivesse acabado. Suspirei como se ela fosse a pessoa mais chata do mundo e me virei de costas como se estivesse prestes a sair. Nesse momento ela afirmou *Ora, você deveria entender porque somos iguais*. Interrompi a caminhada e falei de modo claro. *Eu não sou muçulmano*. A risada de Sunya tilintou como as pulseiras em seu pulso. *Não*, disse ela, *mas você é um super-herói*. Minha cabeça girou rapidamente para trás. Meus olhos deixaram de ser bolas de gude e passaram a bolas de sinuca. Com um dedo moreno, ela apontou para o material que envolvia sua cabeça e caía pelos ombros. *Homem-Aranha, eu sou a Menina M*. Foi quando se aproximou de mim e tocou na minha mão, e antes que eu conseguisse afastá-la, ela tinha sumido. Boca seca, olhos tão grandes quanto planetas, observei Sunya seguir apressada pelo corredor, e pela primeira vez notei que o xale que se agitava em volta de seu corpo parecia exatamente com a capa de um super-herói.



HOJE FAZ CINCO anos que aconteceu. A TV está repleta disso, programa após programa sobre o 9 de setembro. É sexta-feira, por esse motivo não poderemos ir ao litoral, pois tem escola. Acho que em vez disso iremos amanhã. Papai não disse nada, mas eu o vi procurar St. Bees na internet, a praia mais perto daqui, e ontem à noite alisou a urna como se se despedisse dela.

Provavelmente, ele não fará isso, então ainda não vou me despedir. Só me despedirei se ele de fato se livrar das cinzas de Rose e espalhá-las no mar. Dois anos atrás ele me fez tocar na urna e sussurrar minhas últimas palavras, e me senti como um idiota porque sabia que ela não podia me ouvir. E me senti ainda mais idiota quando ela reapareceu na prateleira da lareira logo no dia seguinte, e meu adeus tinha sido sem sentido.

Jas faltou à escola porque estava muito perturbada. Às vezes esqueço que Rose era gêmea dela e que passaram dez anos juntas, ou dez anos e nove meses se incluirmos o período no útero. Fico imaginando se elas se pareciam uma com a outra quando estavam na barriga da Mamãe. Aposto como Jas tinha um olhar furtivo. Ela é intrometida mesmo. Outro dia peguei ela no meu quarto revistando minha mochila. *Estou apenas checando para ver se você fez o dever de casa*, justificou-se, coisa que costumava ser tarefa da Mamãe.

Devia ter sido muito apertado, dois bebês dentro da Mamãe. Talvez fosse por isso que elas não eram assim tão chegadas. Jas me contou que Rose era mandona e sempre tinha de ser o centro das atenções, chorando se não conseguisse o que queria. *Ainda bem que foi ela que morreu e não você*, comentei, sorrindo de uma maneira amável. Jas franziu a testa. *Isto é, se uma de vocês tivesse mesmo de morrer*. Seu lábio inferior tremeu. *Não é nem um pouquinho melhor sem ela?*, perguntei,

sentindo-me meio sem jeito. Jas tinha chamado Rose de irritante e não a mim. *Imagine uma sombra sem uma pessoa*, ela retrucou. Pensei em Peter Pan. Sua sombra se divertia muito mais no quarto de Wendy quando ele não estava. Quis explicar isso a Jas, mas ela começou a chorar, de modo que lhe dei um lenço de papel e liguei a TV.

Esta manhã, quando comia meu cereal, Jas perguntou se eu também queria faltar à escola. Sacudi a cabeça. *Tem certeza?*, perguntou, consultando seu horóscopo no laptop. *Não precisa ir se estiver chateado*. Peguei no aparador os sanduíches que ela tinha preparado para o meu almoço. *Na sexta tem artes, que é minha matéria favorita*, expliquei. *E é a vez de a turma do sexto ano ir à lojinha de doces*. Disparei escada acima para pegar as vinte libras que tinha ganhado da vovó.

Em reunião, a professora rezou por todas as famílias afetadas pelo 9 de setembro e senti como se houvesse um refletor sobre minha cabeça. Em Londres eu odiava o 9 de setembro porque todo mundo na escola sabia o que tinha acontecido. Ninguém falava comigo durante o ano todo, mas nesse dia todo mundo queria ser meu amigo. Diziam *Você deve sentir saudades de Rose* ou *Aposto como você sente saudades de Rose*, e eu tinha de dizer *Sim* e concordar tristemente com a cabeça. Mas aqui ninguém sabe de nada, assim, não preciso fingir, e quero que continue assim.

Quando todos nós dissemos *Amém*, desviei o olhar para a rezadora. Por um segundo pensei que tinha me safado, mas avistei dois olhos cintilantes. Sunya estava sentada com as pernas cruzadas, o queixo apoiado na mão esquerda, e mordida a ponta do dedo mindinho e olhava na minha direção. De repente me lembrei de ter dito *Minha irmã foi explodida por uma bomba*, e pude perceber, pelo modo como me olhava, que Sunya também se lembrava.

Não falava com ela desde que descobri que era uma super-heroína. Queria perguntar tudo sobre a Menina M, mas toda vez que abria a boca pensava no Papai e meus lábios se trancavam bruscamente e prendiam as palavras. Se soubesse que eu quis falar com uma muçulmana, ele me expulsaria de casa e eu não teria aonde ir, porque Mamãe vive com Nigel. Faz duas semanas que ela me mandou o presente e ainda não veio me visitar. A camisa de Homem-Aranha está ficando suja, mas não consigo tirá-la porque isso seria desistir dela. E, de qualquer modo, não é culpa da Mamãe se ela está presa em Londres. É do sr. Walker. Ele é o patrão dela na faculdade de artes e é mais malvado do que a pessoa mais malvada que consigo imaginar, que no momento é o Duende Verde do Homem-Aranha. Certa vez, ele

não deixou a Mamãe ir ao casamento de uma amiga, embora ela tivesse pedido muito delicadamente. E outra vez não permitiu que ela tirasse uma folga para ir ao enterro da sra. Best. Mamãe disse que não se importava de ter perdido o enterro, pois a sra. Best era uma velha maluca, intrometida, mas ela havia comprado um vestido preto da Next e não podia devolver porque Roger havia comido a nota fiscal.

Em um dos documentários da TV, havia pessoas falando sobre a perda de uma sobrinha no 9 de setembro, e não conseguiam dizer mais de quatro palavras sem cair no choro. Repórteres de telejornais telefonavam o tempo todo para Mamãe e Papai. Eles nunca deram entrevista. Eu não me importaria se alguém quisesse me filmar e fazer perguntas, mas não me lembro de nada daquele dia, exceto de uma grande explosão e muito choro.

Acho que o Papai culpou a Mamãe e foi por isso que começaram a se odiar. Eles nunca nem mesmo se falavam. Eu não achava esquisito até ir à casa de Luke Branston quando a gente ficou amigo por quatro dias e seus pais davam as mãos, riam e conversavam. Mamãe e Papai praticamente só falavam coisas práticas tipo *Passe o sal*, ou *Você alimentou o Roger?*, ou *Tire os malditos sapatos, eu acabei de limpar o carpete*.

Jas se lembra de como era, por isso, o silêncio a perturba. Essa coisa não me incomoda porque nunca conheci nada diferente disso. Certo Natal tivemos uma grande briga por causa de um jogo de Palavras Cruzadas e bati com o tabuleiro na sua cabeça e ela tentou enfiar as letras dentro do meu pulôver. Mamãe e Papai nem mesmo nos mandaram parar. Simplesmente ficaram sentados na sala e olharam em direções opostas quando Jas lhes mostrou o inchaço acima do nariz. *Somos invisíveis*, comentou ela depois, ao tentar tirar o Q da minha gola. Eu gostaria que fosse verdade. Se eu pudesse escolher um superpoder, invisibilidade estaria no topo da lista, acima até de voar. *É como se também estivéssemos mortos*, prosseguiu, achando um T na minha manga.

Estávamos em Trafalgar Square quando aconteceu. Foi ideia da Mamãe irmos lá. Papai queria fazer um piquenique no parque, mas Mamãe queria ver uma exposição na cidade. Papai adora o campo porque cresceu nas montanhas escocesas. Só se mudou para Londres quando conheceu Mamãe. *A vida só vale a pena ser vivida em capitais*, afirmou ela certa vez, o que me fez imaginá-la sentada num enorme L de Londres.

Jas contou-me que o dia começou bem legal, ensolarado, mas frio, e a gente podia ver o bafo da respiração como se fosse fumaça de cigarro. Eu jogava migalhas de pão no chão e ria quando os pombos tentavam apanhá-las. Jas e Rose corriam por entre os pássaros fazendo com que rodopiassem no céu, e Mamãe dava risadas, mas Papai ordenou *Pare essas meninas*. Mamãe alegou que *Elas não estão fazendo nada de mal*, mas Jas voltou correndo de volta para Papai porque detestava se meter em encrenca. Rose não era tão boazinha assim. Aliás, era bem má, e segundo Jas era desobediente na escola, mas ninguém parece se lembrar disso agora que está morta e é toda perfeita. Jas segurou a mão do Papai quando ele gritou *Rose volte aqui*, mas Mamãe disse apenas *Ora, deixe-a em paz* e deu uma risadinha quando Rose girou, jogando a cabeça para trás. Pássaros redemoinharam por toda a sua volta e Mamãe gritou *Gire mais depressa* e houve uma explosão e Rose foi feita em pedaços.

Jas contou que o mundo ficou preto porque havia muita fumaça e seus ouvidos ficaram estranhos porque a explosão foi muito alta. Mas mesmo com um tímpano estourado ela ainda conseguiu ouvir Papai gritar *Rose Rose Rose*.

Descobriram depois que tinha sido um ataque terrorista. Havia sido plantadas bombas em quinze lixeiras por toda Londres, ajustadas para explodirem ao mesmo tempo no dia 9 de setembro. Três delas não funcionaram, então apenas doze lixeiras explodiram, mas isso foi o suficiente para matar sessenta e duas pessoas. Rose foi a pessoa mais nova a morrer. Ninguém ficou sabendo quem tinha feito aquilo até que um grupo de muçulmanos postou algo na internet dizendo que eles haviam feito aquilo em nome de Alá, que é a palavra muçulmana para Deus e rima com algo que eu dizia muitas vezes quando tinha sete anos e meio e queria ser mágico. *Voilà*.

O programa da TV fez aquilo parecer um filme. Era uma reconstituição do atentado de 9 de setembro. Rose não estava nele, pois não conseguiram a permissão de Mamãe ou Papai, mas foi interessante ver o que aconteceu nas outras explosões pela cidade. Um homem que morreu não deveria estar em Londres. Seu trem da estação Euston para Manchester Picadilly tinha sido cancelado devido a um defeito na sinalização. Em vez de esperar lá por outro trem, ele resolveu dar um passeio por Covent Garden. Estava com fome, comprou um sanduíche, jogou a embalagem na lixeira e morreu. Se a sinalização não tivesse dado defeito, ou se ele não tivesse comprado um sanduíche, ou mesmo se tivesse sido mais lento ou mais rápido alguns segundos para comê-lo, não teria colocado a embalagem na lixeira no exato momento em que a bomba explodiu. E isso me fez concluir uma coisa. Se a gente

não estivesse em Trafalgar Square ou se não existissem pombos, ou se Rose tivesse sido uma boa menina em vez de uma menina má, então ela ainda estaria viva e minha família seria feliz.

Aquilo me fez sentir estranho e mudei de canal. Não havia nada além de comerciais. Jas veio com os ombros completamente relaxados e anunciou *Papai está dormindo agora* e pareceu aliviada e eu me senti mal. Não a tinha ajudado em nada. Tinha até aumentado ao máximo o volume da TV que era para não ter de ouvir o ruído nojento da privada. Jas falou *Ele se sentirá melhor amanhã*. E eu disse *Quero brincar de Adivinhe o Anúncio*, que é um jogo que inventei no qual você tem de berrar o que está sendo anunciado antes de dizer na TV o que é. Ela fez que sim, mas então surgiu um anúncio que a gente nunca tinha visto, de modo que não pudemos jogar. Apareceu um enorme auditório e um homem anunciou *O Maior Show de Talentos da Grã-Bretanha faz seus sonhos se realizarem. Ligue para este número para mudar sua vida* e pensei como seria legal pegar o telefone como um adulto e pedir uma vida diferente como se fosse uma pizza ou algo assim. Eu pediria um pai que não bebesse e uma mãe que não fosse embora, mas não mudaria Jas nem um pouquinho.

Você não pode vestir isso amanhã, avisou Jas, gesticulando com a cabeça para minha camiseta. *Vamos espalhar as cinzas de Rose e Papai quer que a gente se vista de preto*. Gritei *Cereal* porque tinha acabado de aparecer um anúncio da Kellogg's na TV.



Devo ter crescido desde Londres. Todas as minhas roupas estão pequenas demais. Vesti calças pretas e um pulôver preto por cima da camisa do Homem-Aranha, mas ainda dava para ver um pouco de vermelho e azul em volta do colarinho. Quando Jas me viu, revirou os olhos, mas Papai não notou. Ele apenas encarou a urna, que havia colocado sobre a mesa da cozinha enquanto tomávamos o café da manhã. Parecia um saleiro gigante, mas não creio que Rose ficasse tão boa assim em batatas chips.

Demorou duas horas para chegarmos a St. Bees e ouvimos a mesma fita que sempre tocamos no aniversário. Várias e várias vezes. Toca. Para. Rebobina. Toca.

Para. Rebobina. A fita está toda chiada, mas ainda dá para ouvir Mamãe tocando piano e minhas irmãs cantando “The Courage To Fly”. *Your smile lifts my soul into the sky*. Seu sorriso eleva minha alma ao céu. *Your strength gives me the courage to fly*. Sua força me dá a coragem para voar. *A kite, I soar so grounded yet free*. Uma pipa, elevo-me às alturas preso à terra, porém livre. *Your love brings out the best in me*. Seu amor revela o que há de melhor em mim. Elas gravaram isso para o aniversário do Papai uns três meses antes de Rose morrer.

Perfeito, comentou Papai sobre a parte solo de Rose, parecendo sufocado. *Voz de anjo*. Qualquer um que tenha ouvidos pode perceber que Jas é uma cantora melhor e eu lhe disse isso quando estávamos no carro. Não foi difícil. Íamos espremidos atrás. Rose tinha o banco da frente. Papai até mesmo colocou o cinto de segurança em volta da urna, mas se esqueceu de me falar sobre o meu.

Saímos da estrada e descemos uma colina e de repente lá estava o mar, uma linha azul toda reta e luminosa como se alguém a tivesse desenhado com caneta brilhante e régua. A linha ficava mais e mais grossa ao nos aproximarmos mais e mais e o cinto do Papai devia ter ficado apertado demais porque ele começou a tirá-lo do peito como se aquilo o impedisse de respirar. Quando paramos o carro no estacionamento, Papai deu um puxão no colarinho e um botão saltou e acertou exatamente o centro do volante. Gritei *Na mosca*, mas ninguém riu. As pancadinhas dos dedos de Papai no painel soaram como um cavalo galopando.

Fiquei imaginando se havia algum jumento na praia, quando Jas abriu a porta. Papai saltou. Ela caminhou até a máquina de tíquetes e enfiou algumas moedas. Quando o tíquete saiu, Papai estava parado no estacionamento, a urna abraçada ao peito. *Vamos*, ordenou, e soltei o cinto de segurança e descí pela porta. St. Bees cheirava a peixe e batata frita e minha barriga roncava.

Quando caminhamos pelos seixos até o mar, vi bem umas cinco quicadoras. Quicadoras são pedras achatadas que quicam na água se você as jogar de maneira correta. Certa vez Jas me ensinou a fazer isso. Queria apanhar quicadoras e brincar, mas tinha medo de deixar Papai furioso. Ele escorregou numas algas e a urna quase caiu na praia, o que teria sido péssimo. As cinzas de Rose são tão pequenas quanto partículas de areia e elas teriam se misturado. Eu não deveria saber disso, mas, quando tinha oito anos, dei uma olhada no interior da urna. Não foi tão emocionante assim. Imaginava que as cinzas fossem multicoloridas, as beges da pele e as brancas dos ossos. Não esperava que sua aparência fosse tão chata.

Ventava e por isso as ondas atingiam a praia com força e desapareciam em espuma, como Coca-Cola sacudida. Eu queria tirar os sapatos e ir brincar na água, mas isso não parecia a coisa certa a fazer. Papai começou a dar adeus. Falou as mesmas coisas que disse no ano passado e no ano anterior. Coisas sobre nunca esquecer-la. Coisas sobre libertá-la. Com o canto do olho vi algo laranja e verde arremeter pelo ar. Ergui a vista, os olhos meio fechados por causa do sol, e vi uma pipa passar zunindo pelas nuvens, tornando todo o vento em algo bonito.

Diga alguma coisa, pediu Jas, e eu baixei a cabeça. Papai estava me encarando. Não sabia há quanto tempo ele estava esperando que eu falasse. Coloquei a mão sobre a urna e fiz uma cara séria e disse *Adeus Rose* e *Você foi uma boa irmã*, o que é mentira, e *Vou sentir saudades suas*, o que é uma mentira maior ainda. Mal podia esperar para me livrar dela.

Papai abriu mesmo a urna. Em todos os aniversários de que me lembro, nunca tínhamos chegado a tanto. Jas engoliu em seco. Eu parei de respirar. Tudo desapareceu, exceto os dedos de Papai, as cinzas de Rose e uma perfeita forma de diamante, disparando pelo céu. Notei um corte profundo no dedo médio do Papai, e fiquei imaginando como tinha feito aquilo e se doía. Ele tentou colocar os dedos dentro da urna, mas eram grandes demais. Pestanejou algumas vezes e trincou os dentes. A palma tremeu quando a estendeu. Parecia seca, como a mão de um velho. Ele inclinou a urna, mas mudou de ideia. Inclinou uma segunda vez, mais do que antes. O topo da urna quase tocou sua palma. Caíram algumas partículas cinzentas. Ele moveu depressa a urna para trás, respirando fundo. Olhei as cinzas em sua mão, imaginando quais pedaços de Rose seriam. Crânio. Dedão. Costelas. Podiam ser qualquer coisa. Com o polegar, Papai tocou-as com delicadeza, sussurrando coisas que não consegui escutar.

Os dedos de Papai se enroscaram nas cinzas. As juntas ficaram brancas quando as comprimiu. Olhou para cima, para o céu. Olhou para baixo, para a praia. Virou a cabeça na minha direção e depois olhou para Jas. Parecia que queria que alguém gritasse *NÃO FAÇA ISSO*, mas permanecemos em silêncio. Pensei que fosse abrir a mão e deixar as cinzas flutuarem na brisa, mas ele entregou a urna a Jas e deu um passo à frente. O mar redemoinhava em volta de seus sapatos. Senti meu rosto ficar vermelho. Papai parecia um louco. Até mesmo Jas tossiu de uma maneira constrangida. Uma onda se quebrou em suas canelas, encharcando os jeans. Deu outro passo à frente. Água salgada efervesceu em volta de seus joelhos. Devagar, ele

ergueu o braço no ar e estendeu o punho. De algum lugar às nossas costas uma menina vibrou quando a pipa se elevou às alturas.

Exatamente quando Papai abriu os dedos, houve uma forte rajada de vento. Ela arrancou a pipa do céu e soprou cinzas no rosto de Papai. Quando ele espirrou Rose, a menina berrou e um homem com um forte sotaque gritou *Ela está descendo*. A cabeça de Papai virou depressa para a praia. Segui seu olhar e vi uma grande mão morena tentando controlar o fio da pipa.

Papai praguejou bem alto, sacudindo a cabeça. A pipa atingiu o chão e o homem gargalhou. Colocou o braço em volta da menina e ela também deu uma risadinha. Papai andou até a praia e tomou a urna de Jas. Embora ela tivesse recolocado a tampa, Papai pressionou-a para baixo com força, olhando para o homem como se o vento tivesse sido culpa dele.

Você está bem?, murmurou Jas. Lágrimas se empoçaram nos olhos de Papai e me fizeram pensar naquelas gotas que o farmacêutico lhe dá quando tem uma infecção ou febre ou não comeu cenouras o suficiente.

Você quer que eu... Isto é, eu poderia fazer isso, se quiser. Eu poderia espalhar as...

Mas antes que Jas conseguisse terminar, Papai virou de costas. Sem uma palavra, caminhou de volta para o carro, a urna bem apertada na mão esquerda. Rapidamente apanhei uma quicadora e joguei-a no mar. Ela quicou cinco vezes, o que para mim é um eterno recorde.



6

A SRA. FARMER SENTOU-SE em sua cadeira na manhã de segunda-feira. Leu as notificações. Havia uma sobre o clube de jardinagem, uma sobre gravações e uma sobre o time de futebol. Meus ouvidos se aguçaram quando ela anunciou *O diretor fará testes na quarta-feira às três da tarde. O encontro será no campo da escola e levem suas chuteiras.* Então ela fez a chamada. Todos responderam *Sim, senhorita*, mas Daniel disse *Sim sra. Farmer.* Fiquei surpreso por ele não fazer uma reverência. Seu anjo já está na quinta nuvem. O anjo de Sunya se encontra na quarta e o da maioria das pessoas está na terceira. O meu é o único que continua na primeira nuvem.

O que vocês fizeram no fim de semana?, perguntou a sra. Farmer e todo mundo começou a gritar ao mesmo tempo. Fiquei calado. *Um de cada vez*, disse a sra. Farmer, apontando na minha direção. *Primeiro Jamie. Que coisas divertidas você andou fazendo?* Pensei no mar, e pensei nas cinzas, e pensei nas velas que Papai acendeu em volta de Rose assim que ela voltou para a prateleira em cima da lareira. Meu fim de semana era muito difícil de ser explicado. *Posso ir ao banheiro?*, pedi. A sra. Farmer suspirou. *A aula mal começou*, respondeu ela, o que não era um sim nem um não, portanto eu não sabia o que fazer. Meio que me levantei e logo me sentei. *Fale-me sobre seu fim de semana*, ela vociferou, como se eu estivesse dificultando as coisas de propósito.

Houve um tinir de metal e uma golfada de ar quando a mão de Sunya se lançou na direção do teto. *Por favor, sra. Farmer, posso lhe contar?*, perguntou ela. Sem esperar uma resposta, Sunya revelou: *Eu conheci as irmãs de Jamie.* Meu queixo quase bateu na carteira. *Ah, as gêmeas*, sorriu a sra. Farmer, inclinando-se à frente na cadeira. Sunya fez que sim. *Elas são muito legais*, disse ela. *As duas.* A sra. Farmer

me fitou com seus olhos descoloridos e pediu: *Lembre-me seus nomes*. Pigarreei. *Jas*, falei, mas hesitei. E *Rose*, acrescentou *Sunya*. *Todos nós fomos à praia, tomamos sorvete, comemos chocolate, juntamos conchas e encontramos sereias, e elas nos ensinaram a respirar debaixo d'água*. A sra. Farmer pestanejou. *Que encantador*, comentou ela, antes de começar a aula.

Você é uma aberração, afirmou Daniel na hora do recreio, e todo mundo riu. Eu estava sentado sozinho no campo, olhando para os meus sapatos como se fossem as coisas mais interessantes do mundo. *E sua namorada também é uma aberração*. Todos caíram novamente na gargalhada. Parecia haver milhares deles e não ousei me virar. Desamarrei o cadarço para ter alguma coisa para fazer. *Esquisito*, gritou. *Encontra sereias e usa essa camiseta fedorenta*. Tentei dar um laço, mas meus dedos tremiam. Pressionei os dentes no joelho e a sensação da dor foi legal.

Eu gosto da camiseta dele, gritou alguém, e meu coração parou de bater. *Sunya* parecia sem fôlego, como se tivesse corrido milhares de quilômetros para vir em meu socorro. A ideia me deixou contente e chateado ao mesmo tempo. *Você é tão viadinho*, continuou Daniel, e todos disseram coisas como *Isso mesmo* e *Que viadinho*. Daniel esperou até todos se calarem. *Deixar que uma garota defenda você em vez de me enfrentar como um homem*. Isso soou tão estúpido que eu teria caído na gargalhada se não estivesse preocupado em ter minha cabeça chutada. *Homens não usam pulseiras de margaridas*, gritou *Sunya*, e a galera fez *Ooooh*. Daniel não conseguiu pensar numa resposta. Olhei em volta. *Sunya* tinha as mãos nos quadris e o vento soprava o lenço em sua cabeça. Menina M.

Sem essa, Daniel suspirou por fim, tentando parecer entediado, mas o rosto estava tão pálido quanto o cabelo castanho-claro, e sabia que tinha perdido. E sabia que eu sabia e me encarou com tal ódio que me fez arrepiar. *Vamos deixar esses dois fracassados sozinhos*. E se afastou, rindo bem alto quando Ryan contou uma piada. Só estávamos *Sunya* e eu, e tudo ficou tão silencioso que senti como se estivesse no interior de uma TV e alguém tivesse apertado a tecla “mudo”.

Quis dizer *Você é corajosa* e quis dizer *Obrigado*. Mais que tudo, queria perguntar se ela ainda tinha o meu anel de massa, mas as palavras ficaram presas na garganta como o osso de galinha que engoli certa vez quando tinha seis anos. Ela sorriu para mim e seus olhos cintilaram, aí apontou para o lenço e se afastou correndo.



Pela primeira vez desde que Mamãe foi embora fiquei feliz por ela não viver mais com a gente. O diretor vai telefonar esta noite. Ele avisou *Ladrões não serão tolerados na Escola Fundamental de Ambleside*. E a sra. Farmer tirou meu anjo da primeira nuvem e o colocou de volta embaixo no canto esquerdo.

Aconteceu depois da hora do almoço. Daniel e Ryan reclamaram que seus relógios tinham sido roubados. Então Alexandra e Maisie disseram que seus brincos também haviam desaparecido. A princípio não liguei para isso. Em Londres, coisas viviam sumindo o tempo todo. Não era lá grande coisa. Mas aqui era como se fosse a coisa mais séria de todos os tempos. Todos engoliram em seco. A sra. Farmer sobressaltou-se. Os pelos de sua verruga ficaram em posição de sentido como aqueles soldados em filmes de guerra.

Ela nos fez esvaziar nossas gavetas. Ela fez todos nós revirmos nossos bolsos. Ela fez todos nós despejarmos no carpete o conteúdo de nossas mochilas. As joias desaparecidas caíram da minha. Sunya praguejou tão alto que foi expulsa da sala. Fui levado para o diretor.

Deus nos observa o tempo todo, afirmou a sra. Farmer ao atravessarmos a biblioteca a caminho da sala do diretor. *Mesmo quando pensamos que estamos sozinhos, Ele pode ver o que estamos fazendo*. Fiquei pensando que estava no banheiro e torcendo para que aquilo não fosse verdade. A sra. Farmer parou diante da seção de não ficção e se virou para olhar para mim. Continuava pestanejando, e seu bafo cheirava a café. *Estou decepcionada com você, James Matthews*, declarou ela, agitando o dedo gordo diante do meu rosto. *Chocada e decepcionada. Nós o acolhemos em nossa escola, em nossa comunidade, e embora pareça o tipo de coisa que acontece em Londres, isso...* Bati o pé e as prateleiras balançaram, fazendo o livro *Eletricidade para principiantes* cair sobre o carpete. *Não fui eu*, berrei. *Eu não fiz isso*. A sra. Farmer enrugou os lábios. *É o que veremos*.

Se eu fosse ladrão, não seria tão idiota para guardar as joias roubadas na minha mochila. Em vez disso, eu as colocaria dentro das calças e as levaria para casa. Tentei explicar isso ao diretor, mas a coisa saiu errado e fiquei parecendo um depravado.

Sunya esperou por mim depois da aula. Estava sentada do lado de fora da sala do diretor. Ela disse *Daniel armou para cima de você* e eu disse *Eu sei*. Subitamente me

senti chateado. Se ela não tivesse irritado Daniel ele não teria colocado seu relógio na minha mochila e eu não estaria encrencado. Sunya tentou dizer algo legal, mas eu gritei *Apenas me deixe em paz* e saí correndo, apesar da placa que diz *Ande devagar nos corredores*.

Fui correndo o caminho todo até em casa, com medo de que o diretor telefonasse antes de eu chegar ao chalé. Minha franja estava grudada na testa quando empurrei para abrir a porta da frente. Eu me apoiei como se faz na Noite das Fogueiras quando um fogo de artifício está para fazer BANG. Mas tudo que consegui ouvir foi um ronco e fiquei tão aliviado que meus joelhos cederam.

Se Papai passou o dia inteiro bebendo, dormirá a noite toda e atenderei o telefonema primeiro. Então posso fingir que sou ele e Papai nunca saberá que o diretor da minha escola nova acha que sou um ladrão. Com a voz grossa direi *Meu filho é de confiança. Certamente pode-se ver que foi uma armação*, e o diretor dirá *Sinto muito*, e eu rebaterei *Tudo bem*, e o diretor perguntará *Há alguma coisa que eu possa fazer?*, e eu direi *Se você escolher James na quarta-feira para o time de futebol, esqueceremos tudo isso*.



Jas chegou em casa e me encontrou encostado na parede da cozinha ao lado do telefone. Tentei parecer natural, tipo estar à vontade com a parte de trás da cabeça pressionada contra a parede dura, mas ela não engoliu. *O que está acontecendo?*, perguntou, e despejei tudo de uma vez. Ela franziu a testa quando lhe contei sobre Daniel, mas riu quando eu disse que tinha gritado *Homens não usam pulseiras de margaridas*. Foi legal que ela estivesse orgulhosa de mim, mesmo que fosse uma mentira.

O diretor não sabia que estava falando com minha irmã de quinze anos em vez de Mamãe. A voz de Jas parecia bem adulta ao telefone. Ela alegou que, a não ser que o diretor tivesse uma testemunha ocular que me viu colocar as joias na mochila, seria uma injustiça me castigar. Pude ouvir o diretor gaguejar. Ela afirmou que, a não ser que ele tivesse cem por cento de certeza de que não tinha sido uma armação feita por outro membro da turma, seria errado eu levar uma suspensão. O diretor nem mesmo respondeu. Ela completou *Obrigada por me informar a respeito desse*

assunto, mas tenho certeza de que James é inocente, e aí o diretor falou *Obrigado pelo seu tempo, sra. Matthews*, e ela disse *Adeus* e desligou. Nós dois caímos na gargalhada sem conseguir parar e aí tomamos o nosso chá. Comemos nuggets de frango e fritas de micro-ondas diante da TV. Jas não quis as dela e fiquei com uma porção dupla. Ela avisou *Você não vai conseguir comer tudo isso*, mas a ignorei. Posso comer mais do que qualquer um que conheço e, nessas pizzarias de rodízio, consigo enfiar treze fatias, ou quinze, se não comer as bordas. Jas comentou *Você é um porco*, mas eu fiz *Shhhiii*. Isso foi para chamar atenção de que tinha voltado o Maior Show de Talentos da Grã-Bretanha e que ele me fazia pensar.



O MOTOR PAROU BEM do lado do chalé e foi então que eu soube que Mamãe estava no carro. Eu tinha ouvido alguma coisa estrondando pela rua, mas me forcei a permanecer na cama. Eu também já tinha corrido várias vezes até a janela para ver Mamãe se transformar em leiteiros com garrafas, ou agricultores em tratores, ou vizinhos voltando do trabalho para casa. Não podia suportar que isso acontecesse de novo. Mas dessa vez o carro não passou correndo pelo chalé. Dessa vez o carro encostou na nossa entrada. O sr. Walker devia ter dado finalmente uma folga para Mamãe. Saltei da cama, endireitei a camiseta, cuspi na mão e a esfreguei no cabelo. Embora Mamãe detestasse dirigir, ela correu a mil por hora pela estrada escura, pois estava desesperada para me ver.

Corri para a porta e Roger me seguiu pelo quarto. Estava prestes a girar a maçaneta quando ouvi uma tábua do assoalho ranger. Jas vinha na ponta dos pés pelo patamar da escada, dando risadinhas no seu celular. Ela disse *Não acredito que está aqui*. Esperei que ela batesse na minha porta e anunciasse *Mamãe está estacionada lá fora*, mas passou direto pelo meu quarto e desapareceu escada abaixo.

Fui atrás. Roger continuou se enroscando nos meus tornozelos, perturbado por eu estar fora da cama tão tarde da noite. Isso dificultava o meu andar, então o apanhei e ele ronronou. Segurei-o contra o peito e fui sorrateiramente atrás de Jas. Não notei que prendia a respiração até chegar ao pé da escada e minhas pernas começarem a doer. Jas estava na varanda, uma silhueta contra a vidraça. Ela tinha os braços em volta da Mamãe, cujo rosto estava enterrado no ombro de Jas.

Vovó diz que as pessoas ficam verdes de inveja. Não acho que é verdade. Verde é calma. Verde é fresco. Verde é limpo e gelado, como pasta de dente de menta. Inveja é vermelho. Queima suas veias e bota fogo na sua barriga.

Arrastei os pés até a caixa de correio. Roger se contorceu, por isso o coloquei no chão e ele correu pelo corredor. Jas e Mamãe começaram a se balançar, como se executassem a última dança numa boate de uma música que eu não conseguia ouvir. O ar frio correu pela fenda quando abri a caixa de correio. Senti cheiro de fumaça. O cachimbo de Nigel.

Não acredito que está aqui, ofegou Jas. *É mesmo uma grande surpresa*. Houve o barulho de um beijo e imaginei Mamãe pousando os lábios no rosto de Jas. Dei uma olhadela pela caixa de correio, mas tudo que consegui ver foi uma pessoa num casaco. Tive de me impedir de enfiar os dedos e agarrar o tecido preto. Tinha medo de que Mamãe fosse desaparecer de novo. *Você não pode demorar muito*, Jas falou com uma risadinha. *Se Papai descobre, estou morta*. Houve outro ruído de beijo. *Você tem de ir*, insistiu ela. Esperei pelo Mas antes darei um oi para Jamie. Não veio. Inclinei-me à frente e ouvi mais atentamente, sentindo frio pelo corpo todo. Jas ia manter Mamãe em segredo.

Hora de ir, gemeu Jas, e de repente me pus de pé. Mamãe não iria embora sem ver minha camiseta. Meu sangue era uma daquelas bandas militares, seguindo ao som de tambores o seu caminho até meu coração e minha cabeça e aquele lugar mole no pescoço onde faz BUUM BUUM BUUM. Jas foi empurrada contra a porta da varanda. *Oh, meu bem*, disse ela, o que pareceu um jeito estranho para chamar a Mamãe, mas não tive tempo de me preocupar com isso porque minha mão disparou e eu estava girando a maçaneta.

Jas caiu de costas sobre o tapete do corredor e abri a boca para gritar *Traidora*. Mas não saiu nenhuma palavra porque dessa vez Mamãe não era agricultor ou leiteiro ou um vizinho voltando do trabalho para casa. Ela era um garoto com cabelo verde pontudo, piercing no lábio e casaco de couro preto. Fechei a boca. Então eu a abri e a fechei mais uma vez e o garoto observou *Você parece um peixe*. E rebati com *É melhor do que um porco-espinho verde*, o que foi simplesmente a coisa mais engraçada que eu já disse. O garoto riu e os *hahas* cheiraram a fumaça. *Eu sou Leo*, apresentou-se, estendendo a mão como se eu fosse importante. Apertei-a e tentei aparentar que sabia o que estava fazendo. *Jamie*, respondi. Não sabia quando largar, mas ele soltou minha mão e ela baixou para o lado do corpo. Eu me senti muito consciente dos meus dedos.

Jas observou tudo isso do carpete do corredor. Sorri, feliz por ela não ser uma traidora. *Seu sacaninha sorrateiro*, ela xingou. Seus olhos pareciam enormes quando não estavam cobertos por maquiagem preta. Ela continuou de olho na escada, temendo que Papai descesse, embora nós dois soubéssemos que estava desmaiado na cama.

Leo puxou Jas para colocá-la de pé. Ele era alto, forte e perfeito. A cabeça de Jas bateu na altura de sua axila e ele envolveu o ombro dela com os braços. *Não conte*, sussurrou ela, empurrando o corpo para junto do dele. Eu me senti meio sem jeito até Roger se esfregar em minha perna. Apanhei-o e o segurei bem apertado.

Eles começaram a se beijar. Observei por uns quinze segundos, mas me lembrei de vovó dizer que *É falta de educação ficar olhando*. Então dei o fora como se não fosse grande coisa ver minha irmã beijando no corredor depois da meia-noite. O luar iluminava a cozinha e não havia cor. Era como estar dentro dos olhos da sra. Farmer. Eu estava zangado por ela ter me acusado de ser ladrão. Nunca roubei nada exceto uvas no supermercado quando costumava fazer grandes compras com a Mamãe. Quando ela não estava olhando, eu pegava do cacho e colocava na boca e esmagava com a língua para que Mamãe não me visse mastigando e desconfiasse.

Roger saltou dos meus braços. Abri a porta dos fundos e saí para o jardim. A grama parecia gelada debaixo dos meus dedos e o ar formigava minha pele. Milhões de estrelas cintilavam como as pedras do anel de casamento de Mamãe. Aposto como ela não o usa mais. Olhei para o céu e ergui o dedo médio, para o caso de Deus estar observando. Eu não gosto de ser espionado.

O pelo de Roger brilhava ao luar e ele saiu rastejando, provavelmente para matar um camundongo ou coisa assim. Tentei esboçar a imagem do corpo peludo que ele deixou no degrau da porta. Fui até o pequeno lago e olhei para a água, mas tudo que consegui ver foi aquele pequeno animal cinzento, todo gelado, duro e morto. Fiquei contente por Rose ter sido feita em pedacinhos. Eu detestaria imaginá-la debaixo da terra, ainda mais numa noite fria como aquela.

Houve um respingo. Ajoelhei-me e me curvei até o nariz tocar na água preta. Em algum lugar entre as plantas flutuantes e ervas emaranhadas, eu sabia que havia um peixe dourado. Sua pele sedosa é exatamente da mesma cor do meu cabelo, e eu usava o mesmo lápis laranja para desenhar nós dois no caderno de desenho. Todas as vezes que olhei no lago, nunca vi qualquer outro bicho. O peixe é sozinho. Sei exatamente como ele se sente.



Papai só levantou para o café na manhã de terça-feira. Tinha passado dezesseis horas na cama e cheirava a suor e álcool. Não comeu nada, mas preparou um bule de chá, e eu tomei uma xícara, embora não goste muito. Jas bocejou quatro vezes enquanto consultava seu horóscopo. *Por que você está tão cansada?*, perguntou Papai, e Jas deu de ombros para ele mas piscou para mim. Sorri para o meu cereal e torci para que Leo voltasse outra vez em breve.

Estava um toró lá fora. Jas perguntou se a gente podia pegar uma carona. Papai concordou e de chinelos nos levou de carro até a escola. Fiquei com medo de que ele visse Sunya, mas todas as crianças estavam escondidas debaixo de capuzes ou guarda-chuvas, de modo que não dava para ver quem era quem. Quando saltei do carro, Jas me passou uma capa de chuva e mandou que eu me mantivesse seco. Ela alertou *Você vai pegar um resfriado se tiver de passar o dia todo com uma camiseta molhada.*

Entrei na sala e pela primeira vez não estava atrasado. A sra. Farmer ainda nem havia chegado. Sunya estava na nossa carteira, fazendo um desenho. Tinha tinta por toda a sua mão esquerda e na ponta do nariz. Quis falar com ela, mas Papai havia me dado carona e dito *Tenha um bom dia.* Parecia maldade falar com uma muçulmana quando ele estava tentando ser legal.

Começou como um sussurro. Mas então juntou mais gente, repetindo e repetindo aquilo, e ficou cada vez mais e mais alto, batendo as mãos nas carteiras. *Ladrão. Ladrão. Ladrão ladrão ladrão.* Daniel estava de pé no meio do grupo, conduzindo o coro. Olhei para Sunya, desejando que ela viesse em meu socorro. Uma caneta hidrocor vermelha continuou indo para a frente e para atrás, para a frente e para trás. Ela nem mesmo ergueu o olhar.

A sra. Farmer entrou na sala de aula. Embora a cantoria tivesse parado de imediato, ela devia tê-la ouvido do corredor. Esperei que lhes dissesse que parassem, mas ela apenas olhou para mim como se eu merecesse aquilo. Ela pediu a um voluntário para fazer a chamada e a mão de Daniel foi a primeira a se levantar. Ela lhe sorriu e o rosto dele inchou. O anjo de Daniel pulou para a sexta nuvem.

Na hora do recreio, a chuva estava tão forte que tivemos de ficar lá dentro. Gastei cinco minutos sentado no vaso sanitário, três minutos olhando os cartazes com

desenhos no corredor e quatro minutos fingindo estar com dor de cabeça. A enfermeira da escola me mandou embora com uma toalha de papel molhada na testa. Voltei à classe apenas dois minutos antes de a sra. Farmer retornar da sala dos professores. Tempo suficiente para a cantoria começar, mas curto demais para ficar ruim de fato.

As janelas pararam de chacoalhar lá pela metade da aula de história. A chuva virou garoa. Tentei me concentrar nos vitorianos, mas foi difícil e não fiz a minha melhor redação, como disse a sra. Farmer. Descrevi a vida de um limpador de chaminés, mas escrevi apenas três frases, porque estava preocupado, pois se na hora do lanche a gente fosse mandado lá para fora, eu levaria chutes na cabeça.

A merendeira gorda com o apito entrou na sala ao final da aula. Ela avisou *Vocês podem ir para o pátio* e todo mundo vibrou, menos eu.

Começou assim que fui para fora. Eles correram a toda velocidade e enxamearam em volta de mim e de repente descobri por que vovó diz que rodinhas podem ser ruins. Todas as vezes que eu tentava forçar uma saída, um par de mãos me empurrava de volta. Batiam os pés. Batiam palmas. O coro era mais alto do que antes. Olhei em volta, atrás da merendeira. Ela estava do outro lado do pátio, gritando com alguns meninos que estavam na grama molhada. Olhei em volta atrás de Sunya e avistei um lenço branco saltar na escada. E desapareceu por uma porta perto de nossa sala. Ela tinha sumido.

Meus dedos encontraram os ouvidos. Meus olhos se comprimiram. A camiseta ficou larga e as mangas penderam em volta dos braços. Eu não era corajoso. E não era o Homem-Aranha. Ainda bem que Mamãe não podia me ver.

Ryan foi o primeiro a perder o interesse. Chutou minha canela e disse *Até mais, fracassado*. Foi embora, e todos o seguiram, e dez segundos depois só restava Daniel. *Todos te odeiam*, afirmou, e eu encarei o chão. Ele pisou no meu pé e cuspiu na minha cara, sibilando *Dê o fora da nossa escola e volte para Londres*. Eu desejava poder fazer isso. Eu desejava poder ir embora naquele exato momento e acreditar que Mamãe ficaria contente em me ver. *Volte para Londres*, repetiu, como se isso fosse fácil. Como se eu fosse bem-vindo lá.

Uma menina com uma trança deu um tapinha no ombro de Daniel. *A sra. Farmer quer falar com você na sala*, avisou ela, chupando um pirulito cor-de-rosa. *Por quê?*, ele quis saber. *Não disse*, foi a resposta. Ele deu de ombros e se afastou.

Limpei o cuspe do rosto. Acabou-se. Sentei-me num banco e tentei parar de tremer. Daniel perguntou à merendeira gorda se podia ir lá dentro. Ela fez que sim. Observei-o subir a escada e desaparecer por uma porta.

Após o almoço, a sra. Farmer mandou a gente sentar no carpete. Meu corpo doía, mas tentei não mostrar isso no rosto. Sunya sentou-se por último e seus olhos estavam ainda mais brilhantes do que o normal. Embora eu estivesse na parte de trás, ela subiu por cima das pernas de todo mundo e se instalou ruidosamente a meu lado. Ela sorria, mas eu não sabia por quê. Quatro fios tinham se soltado do lenço de cabelo e ela os torcia com os dedos vermelhos de tinta.

Alguns quebra-cabeças de números surgiram no quadro branco interativo. Olhei para Daniel. Ele não parecia chateado, portanto, não podia estar encrencado com a sra. Farmer. Quando Maisie respondeu a uma pergunta difícil, a sra. Farmer caminhou até o cartaz sobre sua mesa. Os dedos de Sunya pararam de se mexer. Ela parecia estar prendendo a respiração. *Excelente trabalho, Maisie*, disse a sra. Farmer, alcançando o anjo dela. *Você está a um passo de se aproximar...* A sra. Farmer ofegou. Todos se sobressaltaram. Sua mão parou em pleno ar. A boca escancarou. Os olhos estavam grudados em algo na parede.

Ali, presas no fundo do canto esquerdo do cartaz, havia sete letras vermelhas: INFERNO. E, no inferno, havia o desenho de um diabo, cuidadosamente legendado com caligrafia caprichada. Sra. Farmer.

Quem fez isso?, indagou ela, a voz não mais alta do que um sussurro. Ela não conseguia tirar os olhos do diabo. Eu também não conseguia. Ele era magnífico. Tinha chifres pontudos e olhos maldosos e um rabo comprido. Era vermelho brilhante, exceto por um círculo marrom no queixo pontudo que parecia suspeitosamente uma verruga.

Ninguém falou quando a sra. Farmer saiu correndo da sala. Menos de dois minutos depois ela estava de volta com a merendeira gorda e o diretor todo vistoso com seu terno preto e sapatos reluzentes e gravata de seda. *Deve ter acontecido na hora do almoço*, disse a sra. Farmer, assoando com força o nariz. *Alguém deixou o pátio?*, perguntou o diretor à merendeira, olhando na minha direção. A merendeira dedilhou seu colar e olhou para todos os nossos rostos. O braço de Sunya tremeu de leve. A merendeira fez que sim. *Ele deixou, diretor*. Apontou diretamente para Daniel.

Venha comigo, rapaz, ordenou o diretor, mas Daniel não se mexeu. *A sra. Farmer pediu para me ver,* protestou Daniel, ficando pálido. *Foi por isso que eu entrei.* O diretor perguntou à sra. Farmer se era verdade. Ela sacudiu a cabeça. *Pergunte a ele,* explodiu Daniel, arremessando a mão na minha direção. *Jamie estava lá quando fui chamado.* Foi apenas um pequenino movimento, uma cutucada com o cotovelo de Sunya, mas saquei na hora. A voz de Daniel era agora suplicante. Estava apavorado. *Conte para eles, Jamie. Conte para eles o que foi que aquela menina de trança disse.* Pela primeira vez naquele dia olhei-o bem nos olhos. *Sinto muito, Daniel. Não sei do que está falando.*

A sra. Farmer estava perturbada demais para nos ensinar e em vez disso a merendeira gorda leu algumas histórias para nós. Quando chegou a hora de ir para casa, todos correram para fora da sala, todos menos Sunya. Quis falar alguma coisa, mas não sabia por onde começar. Então simplesmente abri meu estojo e arrumei os lápis para que ficassem todos virados na mesma direção. Quando não restava mais nada para fazer, ergui o olhar e descobri Sunya me olhando, chupando um pirulito cor-de-rosa. Era idêntico ao que chupava a garota que falou para Daniel entrar. *Suborno,* Sunya deu de ombros, como se a ideia dela tivesse sido simples em vez de o melhor plano número um em todo o mundo e provavelmente no universo, o que a sra. Farmer repete e repete o tempo todo sem parar.

Concordei, e minha cabeça girou e senti medo e vertigem ao mesmo tempo, tipo o que acontece quando você está para entrar numa montanha-russa. Sunya enfiou a mão no bolso e tirou dois anéis de massa. Um deles tinha uma pedra marrom enfiada no meio. O outro tinha uma pedra branca. Sem falar, aproximou-se de mim, os olhos faiscantes como faróis em meu rosto. Em seguida empurrou o anel marrom em seu dedo médio e me entregou o branco, seu rosto muito sério. Fiz uma pausa de um milissegundo, então enfiei o anel no meu dedo.



AS FOLHAS NAS poças parecem peixes dourados mortos. E todo o verde virou marrom e roxo, como se as colinas estivessem com contusões. Gosto do mundo desse modo. O verão é um pouquinho luminoso demais para mim. Um pouquinho feliz demais. Flores dançam e pássaros cantam como se a natureza desse uma grande festa. O outono é melhor. Tudo é um pouquinho mais desanimado e você não se sente deixado de fora da diversão.

É quase fim de outubro, perto justamente da minha época favorita do ano. De todas as festas tipo Natal e Páscoa, o Halloween para mim é a melhor. Adoro me fantasiar e adoro ganhar doces e sou muito bom em fazer travessuras. Mamãe não me deixava comprar truques quando eu era pequeno, então tive de inventar os meus. Ela dizia *Todo mundo vai lhe dar doces e ninguém vai pedir uma travessura*, o que era a maior mentira que ela já tinha contado, fora aquela sobre o Papai. No terceiro aniversário da morte de Rose, Papai tomou um porre e teve uma discussão com a Mamãe. A mesma coisa de sempre sobre Trafalgar Square e pombos e que se ela tivesse sido cuidadosa naquela ocasião talvez aquilo não tivesse acontecido. Mamãe estava pintando na cozinha, mas não conseguia ver as cores através das lágrimas em seus olhos. Pintou um coração preto-azeviche por engano. Chamei a atenção sobre isso e peguei um pincel e fiz o contorno num vermelho brilhante. *Você e Papai estão se separando?*, perguntei quando acabei. Mamãe fungou. *Já estamos separados*, murmurou ela. Larguei meu pincel na pia. *Isso é um não?*, perguntei, só para ter certeza, e Mamãe ficou parada e confirmou com a cabeça. Por isso essa foi a maior mentira, mas a sobre o Halloween foi quase tão grande porque significava que eu não estava preparado e aquilo foi constrangedor.

Quando o vizinho assustador com o buldogue respondeu *Travessuras*, eu não soube o que fazer. Ele perguntou *Você é surdo?* e eu sacudi a cabeça e ele pediu

Então faça uma travessura. Aí falei para ele fechar os olhos e simplesmente belisquei seu braço. Ele disse um palavrão e o buldogue latiu e eu fugi. Naquele ano não tive coragem de ir a outras casas, porque poderia acontecer a mesma coisa de novo. Mas no ano seguinte não quis perder todos os doces e por isso inventei umas travessuras por conta própria.

Este Halloween será melhor do que nunca. Sunya tem mais imaginação do que a pessoa mais imaginativa que consigo imaginar, que no momento é Willy Wonka. Continuo sem conseguir me recuperar daquele truque com o diabo. Ninguém descobriu que foi ela e Daniel ganhou três dias de suspensão. Seu anjo foi tirado do cartaz e colocado na caixa de reciclagem.

Não sabia se os muçulmanos festejavam o Halloween. Falei para Sunya *Eu acho que é uma coisa cristã.* E ela começou a rir e o negócio de Sunya é que, assim que começa, não consegue parar, e também faz a gente rir. E ali estávamos nós, sentados em nosso banco do pátio, morrendo de rir, e eu não fazia ideia do que era tão engraçado. Ela explicou *Halloween é uma tradição britânica e não tem nada a ver com ser cristão.* Quase perguntei *Por que vocês o festejam?*, porque vivo esquecendo que ela nasceu na Inglaterra.



Voltamos a nos encontrar, Homem-Aranha, ela disse. E eu retruquei: *Quantas pessoas você salvou hoje, Menina M?* Ela fingiu contar nos dedos. *Novecentas e trinta e sete,* disse dando de ombros. *O dia está bem calmo.* Começamos a dar risadinhas. *E você, Homem-Aranha?* Cocei a cabeça. *Oitocentas e treze,* falei. *Mas comecei tarde e terminei mais cedo.* Explodimos numa gargalhada. Fazemos as mesmas piadas todos os dias e nunca fica chato.

Me senti estranho em ver Sunya no fim de semana fora da escola. Estava sentada debaixo de um pé de castanha-da-índia com um cobertor branco ao lado e um saco de plástico nas mãos. Antes de me sentar a seu lado, dei uma olhada nas árvores. Elas pareciam alaranjadas e murchas, como velhos após muito tempo debaixo do sol. Papai tinha saído para comprar bebida alcoólica em algum lugar distante do bosque, mas eu continuava nervoso.

Eu quase não fui. Uma coisa é ser amigo de uma muçulmana na escola e outra se encontrar com ela no fim de semana. Sunya me convidou para um gostosuras ou travessuras e eu disse que sim sem me preocupar com Papai. Tudo em que consegui pensar foi em quantos doces a gente conseguiria ganhar, e que travessuras a gente poderia fazer, e como seria muito melhor do que todos os outros Halloweens em Londres porque dessa vez eu não estaria sozinho. Mas esta manhã quando roubei algumas faixas de gaze para me fantasiar de múmia, me senti culpado. Comemos nosso cereal diante da TV e uma dona com a mesma cor da pele de Sunya leu as notícias. Papai comentou *Maldita paquistanesa na BBC*, como se fosse uma coisa ruim. *Vai ver que ela não é do Paquistão*, rebati, antes que conseguisse me deter. As sobrancelhas de Jas desapareceram debaixo da franja cor-de-rosa. Papai mudou de canal. Surgiu um desenho animado. *O que você disse?* Sua voz estava tranquila, mas os nós dos dedos ficaram brancos quando ele apertou o controle remoto. Tossi. *O que você disse, James?* Jas colocou o dedo sobre os lábios, mandando que eu ficasse calado. Embora ela não estivesse usando a maquiagem branca, seu rosto ficou pálido. *Nada*, falei. Papai assentiu. *Foi o que pensei*, disse ele e fez um gesto com a cabeça para a urna.

Foi um alívio quando Sunya colocou o cobertor branco sobre a cabeça. Ela tinha cortado buracos para os olhos e a forma de uma comprida salsicha para a boca e não dava para ver nada da pele dela através das aberturas. *Fantasia maneira*, elogiei, e ela retrucou *A sua também*. A minha era um pouquinho esquisita porque a gaze tinha acabado e no lugar tive de usar papel higiênico cor-de-rosa. Comentei *Só espero que não chova* e ela disse com uma risadinha *Ou darão uma descarga em você*.

Três horas depois, a gente tinha ido a cada uma das casas que conseguimos encontrar e estava com dois sacos entupidos de doces. Sentamos debaixo do pé de castanha-da-índia para comer nossos doces. Tudo parecia preto, menos o céu, que reluzia com milhões de estrelas. Elas pareciam velas minúsculas e por um milissegundo imaginei que todas tinham sido acesas para mim e para Sunya e nosso piquenique especial de Halloween. Minhas faces doíam de tanto rir e provavelmente deve ter sido o melhor dia da minha vida. Quis falar para Sunya, mas temi que ela achasse que eu fosse mole, então disse apenas *Aquele homem* e voltamos a cair na gargalhada. Ele tinha sido a última pessoa a dizer *Travessura* e eu tinha tirado a pistola de água das minhas costas. O homem havia desviado, mas é claro que não saiu nada. Era o que Sunya chamava de despiste, o que significava que aquilo servia

para distraí-lo enquanto ela fazia a verdadeira travessura. Ela jogou uma bomba de fedor na casa dele. O homem não viu porque seus olhos estavam fechados, esperando pela água. Sunya gritou *Te peguei* e o homem bateu a porta na nossa cara, mas não fomos embora. Percorremos a varanda da casa na ponta dos pés até a janela da sala e o observamos se sentar no sofá. Um minuto depois ele torceu o nariz. Dez segundos depois disso ergueu a cabeça e farejou o ar. Dez segundos depois disso olhou as solas dos sapatos como se estivesse preocupado por ter pisado em cocô de cachorro. Sunya colocou a mão sobre minha boca porque eu estava rindo alto demais e, embora os dedos dela estivessem congelantes, minha boca parecia queimar.

Por que você usa isso?, quis saber ela, a boca cheia de doces. *Sou uma múmia*, respondi. *Elas usam gaze, mas fiquei sem e tive de...* Ela sacudiu a cabeça. *Não é isso*, disse, apontando para o papel higiênico. *Isto*. Seus dedos tocaram a camisa de Homem-Aranha. *Sou um super-herói*, falei. *Eu combato o crime*. Ela suspirou e seu bafo cheirou a balas de garrafinhas de Coca-Cola. Através do buraco no cobertor eu podia ver seus olhos brilhantes brilhantes e eram mais luminosos do que todas as estrelas no céu. *Por que de fato você usa?*, perguntou. Recolheu as pernas até o peito e pousou o queixo no joelho. Chupava um pirulito bem devagar como se tivesse todo o tempo do mundo para ouvir minha história. Tentei falar, mas nada aconteceu.

Quando deixamos Londres, Papai passou cerca de uma hora tentando empurrar seu guarda-roupa pela porta do quarto. Virou-o de lado. Tentou de cabeça para baixo. Inclinou-o de um modo e depois de outro, mas não cabia de jeito nenhum. Palavras como “Mamãe” e “caso” e “Papai” e “bebedeira” eram como aquele guarda-roupa — grandes demais para sair. Não importava o que eu fizesse, não conseguia enfiá-las entre os espaços dos dentes.

O pirulito estava quase no fim quando declarei *Eu simplesmente gosto, só isso*. Para mudar de assunto, perguntei *Por que você usa essa coisa na cabeça?* e ela respondeu *Hijab* e eu falei *Ih, o quê?* e ela explicou *É assim que se chama. Um hijab*. Eu repeti a palavra várias e várias vezes. Gostei do modo como soava. Imaginei o que Papai diria se pudesse me ver sentado debaixo de um pé de castanha-da-índia com uma muçulmana fantasiada de fantasma, sussurrando palavras muçulmanas no escuro. E de repente eu soube exatamente o que ele diria e mais, eu podia vê-lo

dizer, com o rosto todo torcido, os olhos cheios de lágrimas e a urna tremendo na mão.

Levantei-me. Os doces estavam me deixando enjoado. Eu só tinha comido um quarto do meu saco, mas larguei-o no colo de Sunya. *Fique com eles*, falei. *Vou para casa*. Segui pela rua arrancando a gaze do rosto e rasgando fora o papel higiênico do corpo. Metade de mim nunca mais queria ver Sunya, mas a metade maior queria que ela corresse atrás de mim e perguntasse *O que há de errado?*. Cheguei a uma esquina. Se desse mais cinco passos adiante, eu desapareceria de vista. Diminuí o passo e tentei não olhar para trás, mas meu pescoço não estava obedecendo ao meu cérebro. Antes que pudesse detê-lo, minha cabeça tinha girado toda e ali estava Sunya correndo atrás de mim.

Você está com medo, Homem-Aranha?, indagou ela. *Super-heróis não deveriam fugir desse modo*. Assim que ficou do meu lado, comecei a andar mais depressa como se quisesse escapar, o que queria e não queria ao mesmo tempo. *Não estou com medo*, afirmei. *Estou atrasado. Papai mandou que eu voltasse para casa às oito*. Sunya enfiou meu saco em minhas mãos. *Você é o pior mentiroso do mundo todo*, disse ela. *Quero trocar suas balas de garrafinhas de Coca-Cola pelo meu camundongo de chocolate*.

Faróis viraram a esquina. Reconheci o carro. Agarrando a mão de Sunya, tentei puxá-la para algum local seguro. Papai estava diminuindo a velocidade. Minha pulsação ficou mais rápida. Não havia prédios. Nada de muros. Nenhum lugar onde se esconder. *O que há de errado?*, perguntou Sunya. Quis gritar *CORRA!*, mas era tarde demais. Freios guincharam, o vidro da janela rangeu e o carro parou bem do meu lado. Papai inclinou-se para fora da janela e olhou. *Gostosuras ou travessuras*, falei, largando a mão de Sunya. Estendi os braços como um zumbi e fiz cara de morto. *Gostosuras ou travessuras, gostosuras ou travessuras, gostosuras ou travessuras*, entoei, desesperado para distrair a atenção de Papai. Sunya ainda tinha o cobertor sobre a cabeça e, se Papai não olhasse com muita atenção, talvez não sacasse que havia uma muçulmana escondida debaixo da fantasia.

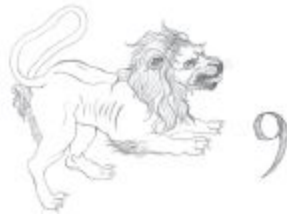
Quem é sua amiga?, perguntou ele, pronunciando indistintamente as palavras, e Sunya respondeu antes que eu pudesse bolar um nome que soasse inglês. *Sou Sunya*, disse ela. Papai até mesmo sorriu. *Prazer em conhecê-la*, cumprimentou, e seu bafo cheirou a cerveja. *É uma amiga de James da escola?* Sunya respondeu *Somos*

da mesma classe e sentamos um ao lado do outro e dividimos doces e segredos. Papai pareceu surpreso, mas contente. *Espero que você também faça seus deveres,* provocou, e Sunya riu e disse *Claro, sr. Matthews* e eu apenas fiquei olhando e vi Papai sorrir para uma muçulmana e lhe oferecer uma carona até sua casa.

Colocamos o cinto. O meu pressionava contra o peito, me deixando quente. Se os pais de Sunya estivessem do lado de fora da casa, ou se as cortinas estivessem abertas, ou se eles saíssem para agradecer, Papai ia ver a pele morena deles e ia pirar. Ele deu uma guinada na rua e fiquei pensando naqueles anúncios da TV contra bebida no trânsito nos quais todo mundo acaba morto e me senti mal por ter deixado Sunya entrar no carro quando Papai estava sem dúvida para lá de bêbado. Mas ela simplesmente comeu doces e bateu papo e eu podia ouvir o sorriso em sua voz como se todas as suas palavras tivessem uma carinha feliz. Ela contou que tinha vivido toda a sua vida nos Lagos e que seu pai era médico e a mãe veterinária e tinha um irmão no ensino médio e outro irmão na Universidade de Oxford. *Família inteligente*, Papai comentou, parecendo impressionado. *É a casa à direita*, respondeu Sunya ao encostarmos do lado de fora de um enorme portão. Luzes brilharam atrás de cortinas, mas não havia ninguém na entrada.

Obrigada pela carona, disse Sunya ao saltar do carro com o saco plástico balançando na mão. Tudo o que eu conseguia ver eram seus dedos escuros, escuros, e rezei mais do que nunca havia rezado em minha vida para que Papai não notasse. Mas ele apenas sorriu e declarou *Disponha, querida*, e Sunya saiu correndo, o cobertor branco soprado pelo vento.

Papai fez a volta e se afastou da casa de Sunya. Observei pela janela traseira e vi Sunya desaparecer pelo portão. Papai me olhou pelo retrovisor. *Ela é sua namorada?*. Enrubesci e respondi *Não* e Papai deu uma risada e comentou *Você podia ter se saído bem pior, filho. Sonya parece ser uma boa menina*. De repente quis gritar *SEU NOME É SUNYA E ELA É MUÇULMANA*, só para ver o que ele ia dizer. Porque sei muito bem que se tivesse visto Sunya coberta por um *hijab* em vez de um cobertor, Papai não teria mesmo achado que ela era uma boa menina.



ESTA MANHÃ A gente fez uma pesquisa na biblioteca e eu examinava um livro sobre os vitorianos, que dizia que as senhoras antigas ficavam em casa para cuidar dos filhos e não tinham emprego e nunca abandonavam seus maridos porque o divórcio era uma coisa difícil de conseguir e saía muito caro. E estava pensando como desejava viver na Era Vitoriana quando senti a mão nas minhas costas. Estava certo de que era Daniel, por isso gritei *sra. Farmer*, embora o cartaz dissesse *SSSHHIII! É uma biblioteca*. E ela perguntou *O que foi?* e eu respondi *Ele está enfiando os dedos no meu ombro*. O diretor pigarreou e me empurrou para o corredor enquanto a *sra. Farmer* resmungava *Você precisa aprender a respeitar os mais velhos, rapazinho*. O diretor me encarou e pude até mesmo ver suas narinas e estava imaginando se não era difícil respirar através de todo aquele pelo no nariz quando ele perguntou *O que você vai fazer amanhã à tarde?*. Eu respondi *Nada* e ele disse *Bem, agora vai. Há uma vaga no time de futebol. Craig Jackson está contundido*.

Jas afirmou que não perderia isso por nada. Ela acha que vou fazer o gol da vitória. Esta semana meu horóscopo está superpositivo, mas em todo caso ela alega que minhas chuteiras são encantadas, portanto me farão parecer tão bom quanto Wayne Rooney. Perguntei a Papai se ia me ver e ele arrotou. Não sei se aquilo quer dizer sim ou não.

O teste para o time foi há mais de um mês. Tentei o máximo que pude, mas mal chutei a bola. Joguei na ala esquerda e depois no ataque, e não fiz muita coisa, mas achava que havia feito o suficiente. Centenas de borboletas no meu estômago tinham me mantido acordado na noite anterior ao dia em que o time foi anunciado. E pela manhã cada uma das tais borboletas parecia que havia tido dez bebês bem agitados. O diretor disse que o time seria afixado no quadro de avisos do lado de fora de sua sala na hora do recreio, o que significava que eu tinha duas aulas inteiras

antes de descobrir. Na aula de inglês, redigimos poemas intitulados Nossa Esplêndida Família. A única rima que eu conseguia imaginar para amada era queimada e, como a sra. Farmer achava que Rose estava viva, não podia nem mesmo usá-la. Em matemática fizemos frações, e em geral sou bom nelas, mas as borboletas haviam se espalhado para o cérebro deixando todos os meus pensamentos esvoaçantes.

A sra. Farmer disse *Vistam os casacos antes de saírem para jogar* e Daniel e Ryan correram para o pátio sem nem mesmo checarem a lista. Eles sabiam que estariam no time porque tinham sido as únicas pessoas do quinto ano escolhidas na última temporada. Eu não queria dar na vista que estava olhando e então fui para a biblioteca e peguei o primeiro livro da prateleira, sem ver qual era. Meus olhos estavam grudados no pedaço de papel no quadro de avisos. Havia onze nomes escritos nele, três substitutos na parte inferior. Ao me aproximar mais, assobiei a primeira música que me veio à cabeça, que foi “The Courage To Fly”, porque Papai ficou tocando-a sem parar naquele fim de semana a caminho de St. Bees.

As letras eram rabiscos, impossíveis de se ler. Dei mais um passo à frente. As maiúsculas no início de cada nome ficaram claras. Havia dois jotas. Arrastei os pés mais à frente, meus lábios ainda fazendo bico, embora tivesse parado de assobiar. Li o sétimo nome da lista. James.

James. James Mabbot. Um do quinto ano. Eu não estava nem na reserva.

Corri para fora, para o pátio. Abri a porta com um chute e disparei escada abaixo e dei a volta correndo no prédio e me choquei com Sunya. Meu livro da biblioteca voou no ar e derrapou pelo cascalho. Ela o apanhou e olhou o título, escrito em enormes letras pretas: *O milagre do eu: um livro sobre óvulos, espermatozoides, partos e bebês*. Ela começou a dar uma risadinha. Arranquei-o de suas mãos.

Naquela noite li tudo sobre o milagre que eu era, sentado no parapeito da janela com Roger enroscado a meus pés. O livro falava e falava sobre como eu era especial e único porque havia uma única chance em um milhão de trilhões de eu me tornar eu mesmo. Se aquele único espermatozóide do Papai não tivesse encontrado aquele único óvulo de Mamãe naquele exato momento, eu teria sido alguém diferente. Isso não parecia um milagre. Parecia mais um azar.



Você não vai parecer um idiota, ponderou Sunya quando me encontrou do lado de fora do vestiário, amedrontado demais para entrar. *Você é o Homem-Aranha*. Quis rebater que o Homem-Aranha não praticava esportes, mas ela estava querendo ser gentil e por isso mantive a boca fechada. *E você tem um anel mágico*. Olhei para o anel de massa enrolado no meu dedo médio e toquei a pedra branca. Isso fez eu me sentir um pouquinho melhor. *Você será brilhante*, Sunya sorriu. Inspirei fundo e empurrei a porta para abri-la.

Daniel era o capitão do time antes de ter sido suspenso por três dias. Ele pareceu ter ciúmes quando o diretor discutiu táticas com Ryan. Ryan concordava o tempo todo com a cabeça, os braços cruzados em pose séria, uma bola a seus pés como se ele tivesse nascido com ela grudada nos dedos. Daniel estava sentado, o rosto enfurecido, a perna direita balançando. Quando me viu, sacudiu a cabeça, como se não pudesse acreditar que eu tivesse tido permissão de entrar no vestiário, quanto mais no time. Eu o ignorei e tirei o calção da minha mochila.

No meio do chão havia uma pilha de camisetas e escolhi uma de mangas compridas para cobrir a minha camisa do Homem-Aranha. O diretor mandou a gente fazer um círculo e dois garotos colocaram os braços à minha volta e tive de morder o lábio para evitar sorrir. Ele declarou *Este é o jogo mais importante da temporada* e todo mundo ficou em silêncio. Ninguém respirava. Nós encarávamos o diretor enquanto ele falava. *Se vencermos hoje o Grasmere, seremos o primeiro da liga* e olhei para os jogadores e meu coração doeu de tanto que eu queria vencer. Ele continuou *Alguns dos principais jogadores do nosso time estão ausentes, mas daremos o melhor de todos nós com os reservas que temos*, e de repente achei o chão hiperinteressante. Estava de olho nele quando o diretor falou mais alguma coisa que não consigo lembrar.

Mães, pais e avós estavam parados ao lado do campo. Dentre todas as cabeças castanhas, pretas e ruivas havia uma cor-de-rosa, uma verde e outra coberta por um *hijab* amarelo. Tentei parecer que sabia o que estava fazendo e dei três corridas curtas e dez saltos enquanto esperávamos o outro time chegar. Corri de um lado para o outro do lado esquerdo do campo e fingi driblar, embora não tivesse uma bola.

Grasmere chegou enfim. O juiz ordenou *Capitães adiantem-se* e Ryan deu um passo à frente e Daniel ficou vermelho de inveja. Ryan pediu *Cara* e o juiz disse

Não, deu coroa e o outro time ganhou o chute inicial. Então soou o apito e eu estava jogando minha primeiríssima partida sem ser o goleiro.

Nas três primeiras vezes que recebi a bola levei falta. O garoto que me marcava parecia ter treze anos e até mesmo tinha pelo em cima do lábio superior e uma protuberância no pescoço que deveria ser chamada de melão-de-adão e não de pomo. Era forte e durão e cheirava a desodorante como um homem. Após cinco minutos, eu tinha lama cobrindo as duas pernas e o joelho estava me matando onde eu tinha levado chutes e meus pés formigavam nas chuteiras apertadas, mas eu nunca tinha me sentido tão feliz. O zagueiro que me marcava era grande, mas lento, e eu conseguia passar correndo por ele bem fácil.

Esforcei-me mais do que jamais havia tentado em qualquer outra coisa e continuava torcendo para que Jas, Leo e Sunya achassem que eu era bom. Continuava imaginando se Papai estava na plateia e se estava impressionado. Sempre que eu pegava a bola, a voz de um comentarista ecoava em minha cabeça. *Um brilhante passe para a grande área dado por Jamie Matthews e Matthews dribla um zagueiro, depois outro e mais outro e O novato Matthews fez um excelente primeiro tempo.*

Após quarenta e cinco minutos estávamos perdendo de um a zero. O nosso goleiro tinha deixado entrar um gol contra. Daniel estava comentando algo sobre ele ser um viadinho que não consegue jogar futebol nem para salvar a própria vida e Ryan estava rindo, mas eu não entrei na deles. Eu sei o que é ser goleiro de um time perdedor. Comemos fatias de laranja e elas deixaram minhas mãos grudentas, mas estavam deliciosas, e aí veio o segundo tempo.

Tivemos uma porção de chances, mas não conseguíamos colocar a bola na rede. Daniel acertou uma das traves. Ryan acertou o travessão com uma cabeçada de um escanteio batido por mim. O pânico dava a sensação de um balão que aumentava cada vez mais e mais no meu estômago à medida que o tempo passava. Então um garoto chamado Fraser caiu na grande área e o juiz gritou *Pênalti* e Daniel avançou para bater, mas Ryan disse *Não, eu bato*. Acertou no canto superior direito. Correu para os torcedores com as mãos acima da cabeça e todo o time foi atrás. Quando cheguei lá, a comemoração tinha acabado e tive de correr todo o caminho de volta para a lateral esquerda do campo antes que o Grasmere botasse a bola outra vez em jogo.

Não me restava energia, mas de algum modo eu continuava jogando. Apesar de os pés doerem, não me entreguei, nem mesmo por um segundo. O diretor andava de um lado para o outro na lateral do campo enlameando seus sapatos reluzentes, e continuava berrando coisas que eu não conseguia escutar. Havia sangue demais em minha cabeça e também aquele som de quando você coloca uma concha no ouvido. O juiz consultou o cronômetro e eu sabia que havia apenas um minuto para o apito final e de repente recebi a bola e passei correndo pelo meu marcador. Eu estava na linha da grande área e continuava com a bola e dei um drible adiante e continuava com a bola e restava apenas o goleiro na minha frente. A voz do comentarista disse *Jamie Matthews tem a chance de vencer o jogo para seu time* e pensei em Mamãe e Papai e Jas e Sunya e chutei a bola com o máximo de força com o pé esquerdo.

Tudo aconteceu em câmera lenta. O goleiro saltou. Seus pés deixaram o chão. Os braços se esticaram. A rede estufou. As mãos dos torcedores voaram para o ar. A bola tinha entrado.

A bola tinha entrado. Olhei para o gol e não pisquei e não me mexi para o caso de tudo ser um sonho e eu estar prestes a acordar. O ruído de concha desapareceu e consegui ouvir gritos, palmas e vibração, e a melhor coisa era que tudo era para mim. Por algum motivo me lembrei daquele livro que peguei na biblioteca por engano, e me senti especial e único, não tipo um milagre, mas também não muito longe disso. Centenas de mãos me puxaram para o chão. Todos os jogadores mergulharam em cima de mim e, embora minha cara fosse esmagada na lama e eu ficasse todo molhado porque a grama estava encharcada, não liguei nem um pouquinho. E não queria estar em nenhum outro lugar do mundo inteiro do que bem aqui, mal conseguindo respirar e esmagado contra o campo da escola por dez jogadores barulhentos.

Nove jogadores barulhentos. Daniel não veio comemorar. Não tinha me tocado até ficar de pé e o juiz soprar o apito. Daniel estava parado sozinho no meio do campo e nem mesmo parecia feliz por termos vencido.

Sunya estava entoando meu nome e beijou o anel em seu dedo. Olhei em volta procurando Papai e então beijei o meu também. Ela acenou e saiu correndo e o balão no meu estômago estava maior do que nunca, mas a sensação era boa, como uma braçadeira ou uma boia ou coisa assim que mantém você em cima da água. Meus ombros ficaram mais largos e o peito aumentou e pela primeiríssima vez minha camisa de Homem-Aranha pareceu se ajustar.

Todas as mães e pais caminharam até seus filhos e por um milissegundo eu não soube o que fazer. Ainda sorria, mas minhas bochechas de repente doeram e os lábios pareceram rachados e a língua seca demais. Entretanto, mantive o sorriso no lugar porque não queria que nada, nem mesmo o fato de o arrote de Papai ter significado não, arruinasse aquele momento. Jas e Leo estavam se beijando, mas se separaram e acenaram quando corri para eles. Jas falou e falou que eu era o herói, melhor até mesmo que Wayne Rooney, e Leo apertou de novo minha mão, e dessa vez eu sabia exatamente o que fazer. Ele disse *Um gol nada mau para um peixinho* e eu rebati *Melhor do que conseguiria fazer um porco-espinho* e ele riu de modo adequado, não daquela maneira fajuta de adulto, e teve um brilho prateado por causa dos *piercings* em sua língua e nos lábios.

Outras famílias ficaram observando o cabelo cor-de-rosa de Jas e os espigões verdes de Leo e suas roupas pretas pretas e rostos brancos brancos. Encarei de volta até elas desviarem a vista, e me senti feroz e bravo como se fosse capaz de lutar contra o Duende Verde do Homem-Aranha se ele tivesse surgido no campo naquele momento. Jas falou *Tê vejo em casa* e Leo disse *A gente se esbarra por aí, tampinha* e então fiquei sozinho e abri os olhos o máximo possível para poder absorver cada detalhe do meu melhor dia até ali. Vi a lama nos meus joelhos, e as redes sopradas pelo vento, e o zagueiro que derrotei se afastando com os ombros arriados, tudo por minha causa. Sorri em segredo para o leão no céu, e juro que o ouvi rugir.

O diretor falou *Bom jogo* e apertou meu ombro e *Gol fantástico* e esfregou meu cabelo. E quando eu pensava que as coisas não podiam ficar melhores, entrei no vestiário e todos os garotos menos Daniel sorriram e disseram *Grande chute* e *Bela jogada* e *Não sabia que você tinha uma canhota tão boa*. O goleiro até mesmo exclamou *Jamie Matthews, o Homem do Jogo*, porque meu gol tinha feito todo mundo esquecer a mancada dele e ninguém o chamava mais de *Mãos de Mulherzinha*. Algumas pessoas concordaram, mas Daniel bufou e saiu ruidosamente do vestiário. Pensei que ele tivesse ido para casa, mas quando seu punho atingiu meu rosto, me dei conta de que estava enganado.

Aconteceu a uns quinhentos metros da escola, numa rua tranquila. Não havia mais ninguém por perto. Daniel devia ter esperado do lado de fora do vestiário e me seguido a caminho de casa. Não o ouvi se aproximar de forma sorrateira por trás porque estava tendo uma conversa com minha Mamãe na cabeça, contando-lhe tudo

sobre o jogo e pedindo *Não chore. Aposto como o sr. Walker deixará que você venha da próxima vez.*

Houve um tapinha no meu ombro e me virei para encarar cinco nós de dedos. Eles me socaram o rosto e meu globo ocular bateu contra a parte de trás do crânio como um ovo contra uma parede. Minhas mãos voaram para a cabeça e um pé me chutou na barriga e caí no chão. O pé chutou minha perna, depois o cotovelo, depois as costelas, e pude sentir o gosto de algo metálico que devia ser sangue.

Virei-me para proteger a barriga, e Daniel pisou nas minhas costas. Então me agarrou pelo cabelo e sacudiu, e o sangue salpicou por toda a calçada. Gritou no meu ouvido *Isto é por ter me metido em encrenca com o diretor.* Tentei responder, mas minha boca estava cheia de sangue e entranhas e uma coisa dura que devia ser um dente. Ele xingou *Você é um babaca* e *Todo mundo odeia você* e *Um gol feito na sorte não mudará nada.* E eu estava simplesmente deitado ali assimilando tudo até ele dizer *Volte para Londres e leve a paquistanesazinha com você.* Por algum motivo, aquela palavra me deixou furioso e tentei me levantar, mas meu corpo não funcionava.

Daniel pisou nos meus dedos antes de sair correndo. Fiquei caído na calçada e observei seus tênis desaparecerem na esquina. Meus ossos doíam, a cabeça latejava e me sentia cansado. Fechei os olhos e me concentrei apenas na respiração. O ar assobiou para dentro e para fora de minhas narinas. Devo ter adormecido. O que percebi depois foi que o céu tinha escurecido, as montanhas eram sombras e as árvores eram negras e pontudas contra uma lua cremosa.

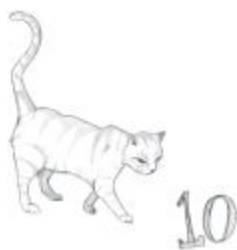
Manquei até em casa. Nenhuma luz azul reluzia do lado de fora do chalé. O carro da Mamãe não estava na entrada. Não fazia ideia da hora, mas sabia que era tarde e achava que Papai devia ter ficado preocupado o bastante para dar uns telefonemas.

Abri a porta da frente e esperei que Jas descesse voando a escada ou que Papai gritasse *Onde diabos você andou?.* O corredor estava silencioso. Uma luz cinzenta vazava por baixo da porta da sala de estar e caminhei na direção dela, o corpo formigando a cada passo. Papai estava dormindo no sofá, um álbum de fotos aberto sobre os joelhos, uma foto de Rose lampejando sob a luz da TV. Ela usava um vestido florido, casaco de lã e sapatos rasos com fivelas. Observei Papai por um longo tempo e, embora meu corpo estivesse surrado e o olho tivesse inchado até o

dobro do tamanho normal, nunca me senti mais invisível. Não era um grande superpoder, afinal de contas.

A TV estava sem som, mas surgiu aquele anúncio. O Maior Show de Talentos da Grã-Bretanha. Uma porção de crianças dançando em silêncio, os rostos felizes e lustrosos e suas famílias aplaudindo junto com a plateia. E quando apareceu o número do telefone e as palavras giraram dizendo *Ligue para este número para mudar sua vida*, peguei uma caneta de cima da lareira e anotei o número na minha palma dolorida.





A CONTECE QUE EU não tinha dormido tanto tempo assim na calçada. Atualmente escurece tão cedo que é difícil imaginar a hora. Eram apenas seis e meia quando desliguei a TV e deixei Papai na sala e subi para o meu quarto. Assim que entrei, Roger saltou do parapeito e esfregou o pelo nos meus machucados. Pelo menos uma pessoa ficou contente em me ver. Pelo menos uma pessoa ficou feliz por eu ter chegado vivo em casa. Tive uma súbita imagem de Roger ligando para o 190 com a pata e informando meu desaparecimento através de seus bigodes. Um sorriso forçou minhas bochechas para cima até os olhos e você nem imagina como isso doeu.

Jas chegou às dez e vinte e um. As dobradiças da porta da frente rangeram devagar e saquei que ela estava tentando entrar sem ser ouvida. Cruzei os dedos. Houve um ruído de batida de pé e depois um berro. Puxei o edredom para cima da cabeça e cantarolei bem alto com a boca fechada. Parecia que Papai tinha bebido.

Ele lhe perguntou várias e várias vezes *Onde você estava?* e ela disse *Apenas saí com umas amigas*, o que sem dúvida era mentira. Mas não a censurei por manter silêncio sobre Leo. Papai não gostaria que Jas tivesse um namorado, principalmente um com cabelo verde. Ele quis saber *Por que você não ligou?* e pude ouvir as palavras que Jas queria dizer. Pude vê-las correr pelo seu cérebro. Mas ela disse apenas *Da próxima vez eu ligo* e Papai rebateu *Não haverá uma próxima vez* e Jas fez *O QUÊ?* e Papai disse *Você está de castigo*.

Isso foi tão estúpido que eu teria rido, mas estava tentando manter o rosto imóvel porque doía muito me mexer. Havia meses que Papai não cuidava da gente. Não preparava o nosso chá, nem perguntava como tinha sido o nosso dia, nem censurava a gente havia muito tempo. Jas deve ter tido a mesma reação porque Papai

disse *Tire esse sorriso idiota do rosto*. E ela gritou *Você não pode me botar de castigo* e Papai retrucou *Se você age como criança, então terei de tratá-la como uma* e Jas exclamou *Sou mais adulta do que você jamais foi*. E Papai falou *Isso é ridículo* e eu cochichei para Roger *Não é, não*. Roger ronronou e seus bigodes fizeram cócegas nos meus lábios. Ele estava enroscado junto a mim, seu corpo como uma peluda garrafa de água quente contra o meu. Aí houve aquele silêncio repleto de todas as coisas que Jas não podia dizer.

Quando fui amigo de Luke Branston durante quatro dias, a gente viu aquele filme de terror antigo chamado *O Mistério de Candyman*. Era sobre um homem com um gancho que aparece se você se olhar no espelho e disser seu nome cinco vezes. E desde que vi aquele filme meio que quero tentar isso, e às vezes, quando estou escovando os dentes, digo *Candyman Candyman Candyman Candyman Candy...* Mas nunca completo, por via das dúvidas.

É assim com Papai. Ninguém jamais disse nada sobre sua bebedeira. Jas nunca me falou nada, e eu nunca falei nada para ela, e nunca falamos nada para Papai. É assustador demais. Não sei o que aconteceria se disséssemos a palavra *BÊBADO*.

Eu meio que queria que ela berrasse isso na cara dele. Roger ficou quente demais e pulou para fora da cama. O relógio da igreja bateu onze vezes e imaginei um velhinho puxando a corda no campanário debaixo das estrelas. O silêncio continuou. Mordi o lábio e notei um vazio. Daniel arrancara meu último dente de leite.

Passos na escada quebraram o silêncio. Eu me senti aliviado e decepcionado, ambas as coisas ao mesmo tempo. Minha porta se abriu e Jas entrou, largando a bolsa no chão. Sentou-se na minha cama e começou a chorar. Lágrimas negras cheias de maquiagem formaram linhas em seu rosto. Suas costas pareceram ossudas quando lhe dei um abraço. *Não aguento mais isso*, sussurrou, o que me fez sentir náuseas. Foi exatamente isso que Mamãe disse antes de ir embora. Agarrei a mão de Jas, pensando na pipa na praia de St. Bees e no modo como ela tinha dado puxões e se torcido, tentando se libertar. Enfiei os dedos entre os de Jas e apertei com força. Declarei *As coisas vão mudar* e ela perguntou *Como poderão mudar?* e eu disse *Não se preocupa. Eu tenho um plano*.

Antes que eu pudesse lhe falar sobre o Maior Show de Talentos da Grã-Bretanha, ela apanhou a bolsa e abriu-a. *Tome isto*, falou, entregando-me uma lata. *Para a sua*

camiseta. Para não ter que tirá-la. Desodorante. Pensei no garoto no campo que cheirava como homem e o espalhei pelo corpo todo. Melhorou?, perguntei. Muito, respondeu ela, com o mais minúsculo dos sorrisos. Você já estava mesmo começando a feder.



Quando entrou na sala, a primeira coisa que a sra. Farmer fez foi fazer os anjos dos jogadores de futebol voarem para novas nuvens. Como o anjo de Daniel tinha sido reciclado, ela escreveu o nome dele num *post-it* e grudou na primeira nuvem. Sunya tentou fazer contato visual, mas eu a ignorei. Depois do que Daniel fez, receava deixá-lo com raiva.

Meu anjo pulou duas nuvens porque eu fiz o gol da vitória, portanto agora estou na terceira nuvem. A sra. Farmer disse *Levantem-se, rapazes* e nós levantamos e ela disse *Todos vocês estão a um passo mais perto do céu*, e todo mundo aplaudiu. Ela me olhou de um modo estranho, mas então sacudiu a cabeça, decidindo não dizer nada. Meu olho está verde e preto e inchado por causa das contusões.

No café da manhã, quando Jas perguntou *O que aconteceu com seu rosto?*, eu disse apenas *Levei uma cotovelada no jogo*. Queria lhe contar sobre Daniel, mas ela ainda parecia triste e achei que já tinha o suficiente com que se preocupar. Pensei que Papai fosse perguntar pelo placar, mas ele estava franzindo a testa por causa de alguma coisa que ouvia no rádio. Jas ergueu a vista de seu laptop. *Não estou me sentindo bem*, murmurou e voltou para a cama. Ao seguir para a porta, avistei o horóscopo dela na tela do computador. Ele dizia *Prepare-se para uma grande surpresa*, o que deve ter feito Jas pirar.

Durante toda a aula de geografia, Sunya continuou tentando falar comigo sobre o jogo. Comentava e comentava sobre o meu gol, que foi a coisa mais bonita que já viu, incluindo todo o futebol pela TV, e como sabia que eu seria brilhante porque eu era o Homem-Aranha. Mas nunca tinha me sentido menos como Homem-Aranha em minha vida, com o meu corpo doendo debaixo da camiseta e as mangas pendendo em volta dos braços. E quando ela mencionou que achava que o diretor me tornaria capitão do time no próximo jogo, mandei-a calar a boca. Ela perguntou *O que foi que você disse?* e eu disse *Você não entende nada de futebol*. Seus olhos

mudaram de círculos para fendas e os lábios formaram uma linha fina como se alguém os tivesse desenhado com um lápis bem apontado.

Ela não falou comigo durante toda a aula de inglês e na reunião não aplaudiu quando o diretor anunciou que eu fui o Homem do Jogo. Deveria ter sido o melhor momento de minha vida, mas me senti como o Dominic da minha escola de Londres. Dominic era incapaz e, sempre que fazia alguma coisa, até mesmo escrever o nome em enormes letras garranchudas, todo mundo fazia *Uau* e *Muito bem* como se ele tivesse escrito um livro ou coisa assim. Quando o diretor descreveu meu gol, foi assim mesmo que me senti, como se não fosse tão bom para mais ninguém, só tremendamente impressionante para o estranho garoto ruivo que todos pensavam que era retardado demais para jogar futebol.

Na hora do recreio fui até o nosso banco. Não esperava que Sunya estivesse lá. Acreditava que estivesse muito zangada. Mas lá estava ela, com o nariz levantado e o pé batendo no chão. Seus olhos estavam tão negros quanto o *hijab* na cabeça, e três fios de cabelo eram soprados pelo vento. Sunya avisou *Estou ignorando você*, e eu perguntei *Então por que está falando?*, e ela explicou *Estou apenas avisando que não vou falar com você pelo resto do dia*. Aí eu falei *Mas eu sinto muito*, e ela rebateu *Deveria mesmo sentir*, e eu observei *Pensei que você não estivesse falando comigo* e ela me deu um chute na perna. Não deveria ter doído tanto quanto doeu e xinguei bem alto e coloquei as mãos nos quadris. Sunya olhou da minha perna para o olho, para os arranhões nas mãos, e ficou de queixo caído. Levantou-se de um salto e ordenou *Venha*. Seu lenço de cabeça sacudia de um lado para o outro e suas pulseiras tilintavam enquanto marchava por uma ladeira abaixo que eu não tinha visto antes. Esta levava a um galpão verde mais abaixo da escola.

Onde estamos?, indaguei quando Sunya olhou por toda a nossa volta e então girou a maçaneta de uma porta oculta. Entrei atrás dela, piscando algumas vezes enquanto meus olhos se acostumavam ao escuro. O local cheirava a teia de aranha e lama. *Isto é o depósito da educação física*, explicou enquanto fechava a porta e se sentava sobre uma bola enorme. *Eu costumava me esconder aqui na época em que todo mundo me chamava de Micróbio de Curry*. Eu não sabia o que dizer, aí peguei uma bola de tênis e a quiquei no chão. Ela estendeu a mão e agarrou-a. *O que há de errado, Jamie?* Tentei rir, mas isso soou falso. Ela esperou até eu parar e então sussurrou *O que aconteceu?*

O sangue subiu para meu rosto e as contusões latejaram. Queria lhe contar, mas sentia muita vergonha. A merendeira gorda soprou o apito e me dirigi à porta. Sunya agarrou minha mão. Baixei a vista. Meus dedos brancos ficaram com uma aparência legal perto de seus dedos morenos. Ela se levantou. Estava tão perto que consegui ver uma pinta minúscula logo acima do lábio que nunca tinha notado antes. Ela largou minha mão e enfiou os dedos na manga direita da minha camiseta. Gritei *NÃO!*, mas ela a levantou, dobrando-a lenta e delicadamente como se soubesse que meu braço estava dolorido. E quando viu o machucado acima do cotovelo, seus olhos faiscantes brilharam com lágrimas. *Daniel?*, perguntou, e confirmei com a cabeça.

O apito soou mais uma vez e a gente não pôde falar. Saímos de mansinho pela porta e rastejamos ladeira acima e nos juntamos ao resto das crianças sem sermos vistos. Durante toda a aula de história e a de ciências, Sunya encarou Daniel e fiquei com medo de que ela dissesse alguma coisa e piorasse tudo. Mas ela parecia saber como eu me sentia, porque manteve a boca fechada e quando chegou a hora do almoço voltamos ao depósito.

Eu gosto de lá. É silencioso, legal e secreto. A gente se sentou sobre uma esteira e dividiu sanduíches e eu lhe contei sobre a briga. Ela mordeu o lábio, sacudiu a cabeça e xingou nas piores partes. Ela sugeriu *Vamos nos vingar*, mas eu pedi *Esqueça* e ela disse *Mas ele chamou você de babaca. Bateu em você. Temos de fazer alguma coisa*. Estava preocupado que ela pretendesse contar para uma professora, mas então me garantiu *Meus irmãos vão amassar a cara dele*. Ela sabe, como eu, que professores tornam as coisas piores. Pensei em Daniel sendo chutado por um garoto maior e isso fez com que eu me sentisse bem e mal ao mesmo tempo. Queria que ele levasse uma surra, mas queria ser corajoso o bastante para fazer isso eu mesmo.

Fiquei calado por algum tempo e comi as cascas do meu pão enquanto Sunya olhava minha camisa de Homem-Aranha. Tocou-a, e seu rosto ficou todo pensativo e eu soube o que ela estava para perguntar. E dessa vez palavras tipo “Mamãe” e “caso” e “Papai” e “bebedeira” não pareceram grandes demais para sair.

Contei-lhe quase tudo. Ela não interrompeu. Apenas ouvia e assentia. Contei sobre as garrafas de Papai na lata de lixo e Mamãe se mandando para viver com Nigel. Contei-lhe que pensei que Mamãe tivesse esquecido meu aniversário e como fiquei aliviado ao receber o presente dois dias depois. Na poeira do chão do depósito escrevi as palavras que Mamãe botou no PS do meu cartão, e Sunya concordou que

ela viria me visitar em breve. E quando expliquei por que não podia tirar a camiseta até Mamãe vir para me ver, ela entendeu.

Todo o tempo em que falei, fiquei encarando o quadrado dourado de luz em volta da porta secreta. Mas quando Sunya disse aquelas palavras, olhei para seu rosto. Ela sorriu e eu sorri e nossas mãos se apertaram e um fogo de artifício zuniu pelo meu braço acima. Começou a chover, mas o martelar no telhado não era tão alto quanto o BUUM do meu coração. Quis olhar a sarda de Sunya, assim me inclinei para a frente e encarei o pontinho marrom acima de seu lábio. *É uma superstição*, disse ela e sua voz era um pouco mais aguda do que o normal. Inclinei-me ainda mais. Sua respiração fez cócegas no meu rosto. *Uma superstição*, sussurrou. *É por isso que você veste*. Meu nariz quase tocou seus três cabelos brilhosos quando indaguei *Super o quê?* e ela explicou *Tipo aqueles jogadores de futebol que fazem gols e têm de usar as mesmas cuecas suadas em todos os jogos para dar sorte*. Aí começamos a dar risadinhas e a sarda desapareceu quando seus lábios se esticaram para um sorriso.

De repente nossos rostos ficaram perto demais e me levantei e olhei em volta atrás de uma bola. Achei uma num canto do depósito e a chutei um pouco. Sunya pediu *Me fala da sua irmã* e atingi a bola com tanta força que ela estrondou contra a porta secreta. Falei *Ela tem cabelo cor-de-rosa*, e Sunya disse *Eu me refiro à outra*.

Sunya é muçulmana e muçulmanos mataram minha irmã. Não sabia o que dizer. Pensei em mentir, mas isso não parecia direito e desejei que Rose tivesse apenas morrido afogada ou queimada, visto que isso teria sido muito mais fácil de explicar. Então comecei a rir porque foi uma coisa estranha de se desejar e Sunya também começou a rir e aí não conseguimos mais parar.

E em meio a toda risada consegui pronunciar aquelas quatro palavras: *Muçulmanos mataram minha irmã*. E Sunya não pareceu chocada, nem disse *Sinto muito*, ou tentou parecer triste como todo mundo que ficava sabendo disso. Apenas comentou *Não é engraçado, ai, não tem graça*, mas riu mais forte ainda, segurando os quadris, lágrimas rolando pelas suas faces morenas. E eu ri também, e meus olhos ficaram úmidos pela primeira vez em cinco anos. E fiquei imaginando se aquilo era o que a psicóloga quis dizer quando falou *Um dia isso o atingirá e aí você vai chorar*. Seja como for, não creio que ela estava se referindo a lágrimas de riso.



GOSTO DO GOSTO de envelopes e lambi cinco vezes a borda reluzente antes de baixar a aba para colá-la. Imaginei Mamãe abrindo a carta na casa de Nigel, os dedos tocando meu cuspe seco, e isso fez com que eu me sentisse legal. A sra. Farmer afirmou que era muito importante que Mamãe e Papai viessem à Tarde dos Pais em dezembro. Ela frisou *Essa é a última chance deles de conversarem comigo antes de vocês irem ano que vem para o final do ensino fundamental e depois para o ensino médio. Vocês têm de vir com suas mães e arrastem também seus pais.*

Peguei duas cartas da pilha na sala de aula e dei uma para Papai e enviei a outra para Mamãe. Escrevi um bilhete na parte de cima da carta dela com a melhor das caligrafias. *Me encontre do lado de fora da minha nova escola, a Escola Fundamental da Igreja Anglicana de Ambleside, em 13 de dezembro às três e quinze da tarde. P.S. Não traga Nigel.* Eu ia escrever *Estarei usando minha camiseta de Homem-Aranha*, mas decidi não fazer isso. Quero que seja uma surpresa. Dobrei cuidadosamente as páginas que tinha arrancado do meu caderno de desenho e também as coloquei no envelope. Um desenho de mim e outro do peixe dourado. Mamãe ia adorar.

Quando a carta caiu na caixa do correio, fiquei emocionado. A Tarde dos Pais ainda está a duas semanas de distância, então há bastante tempo para Mamãe pedir uma folga ao sr. Walker. Ela não vai querer perder isso. Mamãe vive falando e falando sobre o quanto a escola é importante e que boas notas podem me fazer conseguir tudo que quero. Ela disse *Dê duro agora e obterá as recompensas mais tarde na vida.* Vou tentar ralar de verdade na escola até 13 de dezembro para que a sra. Farmer tenha uma porção de coisas boas para falar.

Após enviar a carta, me sentei no muro ao lado da caixa de correio e esperei por Sunya. Me senti mal ao deixar Papai porque ele me perguntou o que eu queria fazer esta manhã. Ele quis saber *Você tem algum plano?* e quase engasguei com o meu

cereal. Tossi *Vou sair com meus amigos* e ele fez *Oh!* daquele jeito decepcionado que fez eu me sentir como se estivesse fazendo algo errado. O que, é claro, eu estava, porque ia almoçar com uma muçulmana, mas Papai não sabia disso. Ele disse *Eu achei que a gente poderia ir pescar* e Jas deu um gole tão grande no chá que queimou a língua. Eu me desculpei *Sinto muito* e ele sugeriu *Bem, volte lá pelas cinco, pois vou fazer chá*. Jas estava abanando a língua com a mão, mas os olhos continuavam arregalados em choque.

Papai está muito melhor desde aquela discussão com Jas. Acho que ele se tocou de que não está cuidando muito da gente. Ele ainda bebe, mas não pela manhã, e este mês nos levou quatro vezes à escola. E começou a me perguntar sobre as lições e essas coisas. Embora nem sempre escute a resposta, sinto prazer em lhe contar. Quando falei que tinha feito o gol da vitória no jogo de futebol e que meu time estava em primeiro na liga, ele comentou *Você devia ter me avisado que ia jogar. Eu teria ido assistir*, o que foi irritante e legal tudo junto e misturado. Jas estava pintando as unhas quando ele disse isso e ela simplesmente sacudiu a cabeça e piscou para mim e soprou as unhas pretas para fazê-las secar.

É bom que Papai tenha mudado porque Jas pensava que meu plano era um lixo. Eu lhe contei que tinha ligado para o Maior Show de Talentos da Grã-Bretanha e deixado o nosso endereço para que o pessoal da TV pudesse nos enviar informações sobre os testes. Ela alegou *Mas você precisa ter algum talento para entrar num show de talentos* e eu lembrei *Você sabe cantar* e ela disse *Mas não como Rose*, e isso me deixou chateado pelo simples fato de que não era verdade. Quando chegou a informação, fui mostrar para Jas. Indiquei a data, 5 de janeiro, e o local do teste mais próximo, Manchester Palace Theatre. Ela chiou *Isso de novo, não*, e eu falei *Mas isso pode mudar as nossas vidas* e ela ordenou *Pare de falar besteira e Dê o fora do meu quarto*.

Avistei Sunya antes de ela me avistar. Vinha descendo apressada a colina em direção ao posto do correio. Seu *hijab* voava atrás dela e ela parecia mesmo uma super-heroína zunindo pelo ar. Na aula de matemática, na sexta-feira passada, quando lhe perguntei se em algum momento tirava o *hijab*, ela deu uma bufada com uma risada. *Só uso isso fora de casa ou se alguma pessoa aparece por lá*. Perguntei *Por que você tem de se cobrir?*, e ela explicou *Porque é o que diz o Alcorão*. E eu quis saber *O que é o Alcorão?*, e ela respondeu *É tipo a Bíblia*. E essa é a questão sobre

cristãos e muçulmanos — ambos têm um Deus e ambos têm um livro. Eles apenas são chamados por nomes diferentes.

Sunya correu para a caixa do correio, agarrou meu braço e me puxou de volta pela colina, falando o tempo todo. Me senti supernervoso. Eu nunca tinha estado no interior de uma casa muçulmana. Estava preocupado que cheirasse a curry como Papai disse em Londres. Temia que a família dela fosse rezar e falar numa língua diferente. E tinha medo de que o pai de Sunya estivesse fabricando bombas no seu quarto. É isso segundo Papai o que todos os muçulmanos fazem. E ainda que eu fosse achar surpreendente se o pai de Sunya fosse um terrorista, Papai me disse que nunca se pode ter certeza e até mesmo as pessoas de aparência mais inocente têm explosivos em seus turbantes.

Quando passamos pela porta, um cachorro veio saltitando para Sunya. Era preto e branco com orelhas compridas, um focinho úmido e um rabo minúsculo que sacudia sem parar. Sammy, o cachorro, parecia um animal de estimação inglês e não muçulmano. Suspirei aliviado. Ele era normal. E assim era tudo mais. A casa de Sunya não era diferente da minha. Na sala havia um sofá creme e um tapete legal e uma prateleira acima da lareira com todas as coisas certas sobre ela — fotos, velas e vasos cheios de flores e não de irmãs. A única coisa muçulmana em todo o aposento era uma foto de prédios luxuosos com cúpulas e pináculos. Sunya explicou que era um lugar sagrado chamado Meca e eu ri porque esse era o nome do bingo que fica na rua de nosso apartamento em Finsbury Park.

A cozinha era o mais interessante. Eu esperava que cheirasse a temperos e tivesse uma porção de tigelas grandes cheias de legumes exóticos. Mas era igual à minha cozinha, só que mais legal porque havia uma caixa de cereal numa prateleira, mas nenhuma garrafa de álcool, e a lixeira só cheirava a lixo.

A mãe de Sunya fez milkshake de chocolate e pôs um canudo com voltas no meu copo. Ela usava um lenço azul na cabeça e tinha os olhos cintilantes de Sunya, mas a pele era mais clara e o rosto mais lento. Mais sério. O rosto de Sunya é veloz. Muda dez vezes por minuto. Seus olhos aumentam e diminuem e a sarda dá pulos e as sobrancelhas ondulam quando ela fala. A mãe de Sunya é calma, amável e inteligente. Tem um forte sotaque, ao contrário de Sunya, e meu nome soa diferente quando ela o pronuncia. Não parece o tipo de mulher que se casaria com um bombardeador, mas nunca se sabe.

Tomamos os nossos milkshakes no quarto de Sunya. A gente estava com sede porque pulou na cama para ver quem conseguia ficar mais tempo no ar. Como sou o Homem-Aranha, tive de tocar o teto e tentar me manter lá o maior tempo possível. E como ela é a Menina M, Sunya teve de sacudir seu *hijab* e tentar pairar acima do carpete. No final deu empate.

Uma porção de cabelo se soltou do lenço cor-de-rosa de Sunya, a maior quantidade que eu já tinha visto. Era grosso e lustroso e mais legal do que todos os cabelos naqueles anúncios de xampu em que as mulheres jogam o cabelo de um lado para o outro. E comentei que era muito triste o Alcorão mandar que ela cobrisse o cabelo como se fosse uma coisa ruim. Sunya sugou com um ruído o resto do milkshake de chocolate e declarou *Não cubro o cabelo porque ele é ruim. Eu o cubro porque ele é bom*. Aquilo era confuso, por isso me mantive calado e soprei uma bolha de chocolate. Sunya pousou seu copo e disse *Mamãe guarda o cabelo dela para Papai. Nenhum outro homem pode vê-lo. Isso o torna mais especial*, e perguntei *Como um presente?*, e ela disse *É*. Pensei no quanto teria sido melhor se Mamãe tivesse guardado seu cabelo para Papai em vez de mostrá-lo a Nigel, e falei *Entendi*.

Sunya sorriu e eu sorri, e eu estava mesmo pensando no que nossas mãos fariam quando a mãe dela entrou no quarto com uns sanduíches. Havia de queijo e de peru e vinham cortados em triângulos, mas eu não podia comê-los. Sempre detestei aquele jogo do Passe o Pacote porque a música nunca para em mim, de modo que nunca consigo abrir nenhum pacote. E o *hijab* de Sunya parecia com papel de presente cor-de-rosa e a imaginei desaparecendo, brilhosa, cintilante e perfeita, antes que eu conseguisse dar uma espiadinha por baixo da camada externa.

Sunya tinha a boca cheia de pão, por isso a princípio não pude saber o que ela estava dizendo. Mas logo engoliu e perguntou *Você sente saudades de Rose?*, e foi a primeira vez que falamos sobre ela desde o depósito nove dias atrás. Balancei um sim com a cabeça, abri a boca e estava para dizer *Sim*, tipo um robô. Mas aí me toquei de que nunca tinham me feito essa pergunta. É sempre *Você deve sentir saudades de Rose*, ou *Aposto como sente saudades de Rose*, mas nunca *Você SENTE saudades de Rose?*, tipo como se houvesse uma opção. Portanto, parei de balançar a cabeça e mudei a palavra na garganta e disse *Não*. Depois sorri porque nada de ruim havia acontecido, o mundo não tinha sido feito em pedaços e Sunya nem mesmo pareceu

chocada. Repeti. Dessa vez mais alto. *Não*. Então, me sentindo mais corajoso, olhei em volta e acrescentei algo mais. *Não sinto nem um pouquinho de saudades de Rose*.

Sunya revelou *Eu também não sinto saudades do meu coelho* e eu quis saber *Quando ele morreu?*, e Sunya explicou *Patch foi comido por uma raposa dois anos atrás*. E eu perguntei *Quantos anos tem Sammy?*, e ela respondeu *Dois*. *Papai comprou ele quando Patch morreu porque sabia que eu ia ficar chateada*. E isso não pareceu o tipo de coisa que um terrorista faria, e quando passei pelo quarto dos pais dela a caminho do banheiro, também não havia nenhum sinal de bomba.

Após o almoço, subimos em árvores e nos sentamos em galhos que sacudiam ao vento. Folhas rodopiavam pelo jardim e nuvens corriam pelo céu e tudo pareceu estimulante e livre como se a Terra fosse, na verdade, apenas um grande cachorro enfiando a cabeça para fora da janela de um carro em alta velocidade. Perguntei a Sunya se seu pai era inglês e ela respondeu *Ele nasceu em Bangladesh* e eu falei *Onde fica isso?*, e ela disse *Perto da Índia*. Não consigo imaginar um lugar como esse. O mais distante onde estive foi em Costa del Sol, na Espanha, que é mais quente do que a Inglaterra, mas não tão diferente assim. Tem cafés que servem café da manhã do estilo inglês e eu comi salsicha e ketchup a cada manhã durante duas semanas. Por isso indaguei *Como é que é lá?*, e ela respondeu *Não faço ideia, mas meu pai prefere aqui*, e eu insisti *Por que ele se mudou?*, e ela contou *Meu avô veio em 1974 para procurar trabalho em Londres*. Parecia uma distância e tanto para alguém ir procurar emprego. *Ele não podia ter ido à central de empregos em Bangladesh?*, perguntei, e Sunya simplesmente riu. De repente eu quis saber tudo sobre ela. Todas aquelas perguntas atacaram do meu cérebro para a boca e a primeira a sair foi *Como sua família veio parar nos Lagos?*. As pernas de Sunya balançaram para trás e para frente debaixo do galho enquanto ela falava. *Meu avô fez meu pai ralar no trabalho, não se meter em encrenca e ir para uma escola de medicina o mais longe possível de Londres*. *Ele foi para Lancaster e conheceu minha mãe, eles se casaram e se mudaram para cá*. *Foi amor à primeira vista*, acrescentou, virando-se para olhar para mim, as pernas de repente imóveis. Todas as perguntas que eu queria fazer evaporaram do meu cérebro como aquele vapor sobre o qual a gente aprendeu na aula de ciências. *Amor à primeira vista*, repeti, e Sunya confirmou com a cabeça, então sorriu, antes de pular da árvore.



Cuidei para estar em casa às cinco. Quando entrei no chalé, Roger saiu correndo como se estivesse esperando que alguém abrisse a porta da frente. A entrada estava cheia de fumaça. *Espero que você goste crocante*, falou Papai quando entrei na cozinha. Ele havia posto a mesa e acendido uma vela e Jas já estava sentada lá com o cabelo todo em camadas repicadas e na moda, um enorme sorriso no rosto. Eu não podia acreditar. Papai havia feito um jantar de assados e não importava nem um pouco se a galinha estivesse preta por fora.

As batatas assadas estavam muito gordurosas e o molho bastante salgado e os legumes empapados demais, mas comi até o último pedacinho para compensar o fato de Jas não ter tocado na comida dela. Eu também teria comido os bolinhos assados se eles não tivessem ficado grudados no tabuleiro. A gente estava bem e até mesmo conversando para variar quando Papai começou a falar coisas sobre Sunya. *Você sabia que Jamie tem uma namorada?*, perguntou. Jas engoliu em seco enquanto o meu estômago se apertava. *É mesmo?*, guinchou ela e eu fiquei vermelho. *É o desodorante*, disse ela rindo. *É por isso*. Papai piscou para Jas. *O nome dela é Sonya e parece bem legal. Amor adolescente*, caçoou, e eu falei *Paaaaaai* daquele jeito manhoso-orgulhoso que não pedia para ele parar.

Jas pigarreou. Eu sabia o que estava para vir e mordi uma coxa da galinha como Sammy, o cachorro. Ela disse *Já que tocou no assunto, tem uma coisa que preciso lhe contar*. Papai largou o garfo. *Eu tenho um namorado*.

Papai encarou a mesa. Jas cortou uma cenoura em pedacinhos. Enfiei os dedos no molho do meu prato. Estava limpando-os com uma chupada quando Papai declarou *Tudo bem*, sem erguer o olhar. E Jas guinchou *Tudo bem*, e Papai suspirou *Tudo bem*, e me senti sobrando e também disse isso. Mas ninguém ouviu porque Jas tinha dado um pulo e envolvera Papai com os braços e estava lhe dando o primeiro abraço que eu já tinha visto. E o rosto de Jas estava afogueado e feliz, mas Papai estava tenso por uma tristeza que não entendi.

Jas cantava enquanto lavava a louça. Parei de enxugar os pratos e olhei direto para ela. *Você tem mesmo uma voz bonita*. Ela retrucou *Não vou entrar na porcaria daquele concurso*, e confirmei *Eu sei* e ela pediu *Agora me fale dessa sua namorada*. Pensei na sarda de Sunya e seu cabelo reluzente e olhos cintilantes e lábios

sorridentes e dedos morenos e declarei *Ela é linda*, antes que conseguisse me conter. Jas fingiu vomitar na tigela lavada, então bati nela com a toalha e depois a gente caiu na gargalhada. Papai entrou na cozinha para guardar as panelas e mandar que parássemos de ser bobos. A gente era como uma família de verdade e pela primeira vez não senti falta da Mamãe. O leão de prata nos olhou através da janela do chalé. Pode ter sido apenas Roger, mas acho que ouvi um ronronar.



HAVIA MILHARES DE estrelas acima do chalé, nenhuma nuvem e a lua estava gorda. Parecia um pires de leite e a aponte para Roger. Ele tinha me seguido para fora e estava sentado no meu colo, olhando para o céu com seus espertos olhos verdes. Nenhum de nós dois conseguiu dormir e eu estava contente por ele estar ali para me fazer companhia. Meus dedos se mantinham quentes em seu pelo e podia sentir seu coração batendo contra os meus joelhos. A noite cheirava a frio e a segredo, como o depósito, e fiquei imaginando se Sunya estava adormecida debaixo do edredom azul que eu havia visto em seu quarto dois dias antes. Me senti culpado por pensar nela, aí sacudi a cabeça, pisquei três vezes e olhei dentro do lago, lembrando-me das regras escritas na pedra que Deus jogou naquele homem esquisito chamado Moisés.

Hoje a sra. Farmer disse que se a gente quisesse ir para o céu teria de seguir Os Dez Mandamentos. Ela falou *Deus deu-os a Moisés numa pedra no alto de uma colina e elas são as regras por meio das quais todos nós devemos viver*. A princípio eu não estava mesmo prestando atenção porque, para ser honesto, o céu não parece ser tão legal assim. Até onde eu sei, é cheio de anjos cantando hinos e tudo um pouquinho brilhante demais, então vou providenciar para ser enterrado com uns óculos escuros. Mas daí a sra. Farmer disse *O quinto é um dos mais importantes: respeitar pai e mãe*, e de repente me senti mal. Comer sanduíches em forma de triângulo com uma muçulmana não é respeitar nem um pouquinho o Papai.

Houve um tilintar de pulseiras quando a mão de Sunya disparou no ar. *O que acontece se você quebra as regras?*, ela quis saber, antes que a sra. Farmer desse permissão para ela falar. *Não interrompa*, disse a professora. *Você vai para o inferno?*, insistiu Sunya, os olhos arregalados. *E o diabo está lá?* A sra. Farmer ficou pálida e cruzou os braços. Olhou de relance para as nuvens no quadro de avisos e depois

para Daniel, que encarou Sunya como se não conseguisse acreditar que ela estivesse mais uma vez trazendo tudo de volta. Ela o ignorou e coçou a têmpora. *Qual é a aparência do diabo?*, perguntou docemente e a classe começou a rir. Sunya nem mesmo sorriu. Manteve os olhos imensos e curiosos. A boca de Daniel era um enorme e negro “O” em meio ao rosto vermelho e brilhante. *Já basta*, disse a sra. Farmer, e as palavras soaram estranhas porque foram empurradas através dos pequeninos espaços entre seus dentes trincados e me fizeram pensar em queijo sendo assado. *Vamos ver os outros mandamentos*.

Sunya piscou para mim e retribuí a piscadela, mas o quinto mandamento fez eu me sentir culpado. *Respeitar pai e mãe*. Foi isso que Deus disse. E ali estava eu piscando para uma muçulmana, como se fosse uma boa coisa fazer algo que Papai odiaria. De repente me toquei de que não adiantaria se meu anjo pulasse cada uma das nuvens e chegasse ao topo do cartaz da sala de aula. Se havia um céu de verdade em vez de um recortado de cartolina dourada, eu não iria para lá porque estava infringindo um mandamento. E por algum motivo aquilo me fez pensar em Rose. Não sei onde está a alma dela, mas, se está no céu, aposto que está muito solitária. Imaginei a alma de Rose sozinha numa nuvem branca, sem cotovelo, sem clavícula, sem família ou amigos. Não consegui tirar a imagem de minha cabeça e isso me causou um enjoo que durou o dia todo e me impediu de dormir.

O arbusto farfalhou e Roger saltou do meu colo e penetrou sorrateiro na noite, a barriga roçando o capim alto. Curvei-me sobre o pequeno lago e tentei encontrar meu peixe na água prateada. Estava escondido debaixo de uma ninfeia e bem na dele, então lhe dei uma sacudida. Ele nadou para cima para os meus dedos e os mordiscou como se fossem comida. Fiquei imaginando aonde seus pais tinham ido. Talvez ele os tivesse deixado num rio ou no mar. Ou talvez o lago fosse uma espécie de céu dos peixes e o resto de sua família ainda não estivesse morta. E mesmo sabendo que isso era impossível, senti tanta tristeza pelo meu velho peixe solitário que fiz companhia para ele durante um tempão e teria permanecido ali a noite inteira se o coelho não tivesse começado a guinchar.

Coloquei as mãos sobre os ouvidos e fechei os olhos o mais forte possível, mas foi difícil bloquear o guincho. Em seguida, me toquei de que Roger estava junto a mim esfregando a cabeça no meu cotovelo, um coelho morto jogado diante dos meus joelhos. Não queria olhar, mas não conseguia deter os olhos, como quando alguém tem comida ou sinal de nascença no rosto e você continua olhando por

acaso. O coelho era apenas um bebê. O corpo era minúsculo e o pelo todo fofinho e as orelhas pareciam novas em folha. Tentei tocar em seu focinho, mas sempre que meu dedo chegava perto dos bigodes, meu corpo dava um puxão para trás como se eu tivesse sido eletrocutado. Não queria deixar o coelho ali, mas não conseguia me forçar a tocá-lo e no final das contas encontrei dois gravetos e os usei como *hashi*. Peguei o coelho por uma das orelhas e o levei para longe do lago e o larguei junto a um arbusto. Cobri-o com capim, folhas, tudo que consegui encontrar. Roger ronronou do meu lado como se me tivesse feito um favor.

Me agachei, olhei-o nos olhos e lhe falei sobre o sexto mandamento. *Não matará*s. Roger ronronou ainda mais forte, o rabo orgulhosamente presunçoso. Ele apenas não entendeu, e fiquei zangado com meu gato. Deixei-o voltar ao chalé, mas bati a porta do meu quarto em sua cara e aí tentei dormir. Pela primeiríssima vez, sonhei com Rose.



A sra. Farmer tinha grudado Os Dez Mandamentos na parede diante da minha carteira. Mesmo que eu quisesse esquecer tudo sobre o quinto mandamento, seria impossível. É como se os olhos de Papai estivessem pregados no cartaz, me vigiando.

No início da aula de matemática, Sunya não parou de cochichar *O que há de errado?* e eu não parei de responder *Nada*, mas não conseguia olhar para ela sem pensar em Rose. Por fim ela disse *Tudo bem* e me perguntou se eu tive mais alguma ideia para a vingança. Os irmãos de Sunya não acham certo bater num menino de dez anos e por isso a gente precisa de um novo plano. Ela está desesperada para derrotar Daniel, mas eu não quero fazer isso. Ela vive afirmando *Se você deixar que ele se safa dessa, ele simplesmente vai fazer isso de novo*, mas não acho que seja verdade. Daniel gosta de vencer e agora que venceu perdeu o interesse. Já faz um tempão que não pratica *bullying* comigo. Há dias que não me chuta ou me belisca ou me chama de *babaca*. Acabou-se e eu perdi e tudo bem.

Bom, não está tudo bem, mas não posso vencer, então estou sendo um bom perdedor. Em Wimbledon tem aquele tenista que muitas vezes chega à final, mas nunca leva o troféu. Todo mundo sempre diz coisas tipo *Ele é um cavalheiro* e *Excelente espírito esportivo* porque ele simplesmente sorri e dá de ombros e aceita ser

o segundo melhor. Portanto, estou fazendo isso porque se eu tentasse derrotar Daniel ia perder e levar chutes na cabeça.

Lá pela metade da aula de matemática, a sra. Farmer disse que tinha uma coisa muito importante para falar. Os cabelos da verruga dela começaram a vibrar e o queixo era uma tremedeira só. Ela disse *A junta está vindo aí* e olhou de relance para a porta como se já estivesse chegando. Junta soava tipo exército ou coisa assim, e eu estava só imaginando se eles tinham armas quando a sra. Farmer disse *São os inspetores*. A mão de Daniel disparou para o ar e ele falou *Meu pai é inspetor-chefe da polícia*. A sra. Farmer observou *Chega de se vangloriar*, e Sunya riu bem alto de propósito. A sra. Farmer disse *Esses inspetores não são da polícia. São homens e mulheres especiais que examinam escolas e lhes dão uma nota: excelente, boa, satisfatória ou ruim*. O rosto dela estava ficando mais branco e até mesmo seus olhos sem cor pareciam desbotar. *Semana que vem eles vão assistir à minha aula e é muito importante mostrar aos inspetores como trabalhamos bem. É muito importante que vocês se comportem como bons meninos e boas meninas. Eles podem lhes fazer perguntas e é muito importante que vocês sejam educados, inteligentes e digam coisas boas sobre nossa aula*. Sunya arreganhou os dentes. Eu sabia exatamente o que ela estava pensando. Quis sorrir de volta, mas não fiz isso.

Na hora do recreio passei doze minutos no banheiro respeitando Papai. Coloquei as mãos debaixo do secador, fingindo que era um monstro que soprava fogo. Minhas mãos estavam se queimando e as chamas eram quentes demais, mas eu era durão o suficiente para suportá-las e nem mesmo gritei. Foi uma boa jogada, mas não tão boa quanto sentar no banco ou passar pela porta secreta com Sunya. Mas não posso mais fazer isso. Só para o caso de haver um céu e a alma de Rose estar presa lá em cima sozinha, Deus tem de me deixar entrar também. Preciso seguir Os Dez Mandamentos. Todos eles, inclusive o quinto.



Faz dois dias desde que falei com Sunya pela última vez. Papai tem nos levado à escola e feito chá todos os dias desde os assados, portanto acho que estou fazendo a coisa certa. Mas é difícil e meu estômago revirou quando encontrei o anel de massa na minha gaveta. Deveria ser mais fácil agora que não somos mais amigos, mas era

melhor quando ela vivia me perguntando *O que há de errado?* e *Por que você está esquisito?*. Pelo menos eu podia ouvir a voz dela, nesses momentos.

Eu me sinto como um daqueles viciados em drogas dos filmes que não fazem outra coisa a não ser pensar em entorpecentes, e quanto menos conseguem mais eles querem, até que surtam e assaltam um supermercado para conseguir o dinheiro. Não estou dizendo que vou assaltar a lojinha de doces da escola ou coisa assim. Não acredito que Sunya seria minha amiga mesmo se eu lhe desse todo o chocolate do armário da recepcionista, que é onde fica instalada a lojinha de doces, às quartas e sextas na hora do recreio.

Leo veio esta noite para o chá. Papai fez pizzas. Foram compradas no supermercado, mas ele picou pedacinhos de presunto e espalhou uma lata de abacaxi por cima para torná-las tropicais. Mamãe costumava fazer isso. À mesa não houve muito papo. Papai ignorava Leo e Leo parecia nervoso e eu podia perceber que Jas também estava sem jeito. Ela ficava me fazendo perguntas que já tinha feito antes. Quis saber *Como vai indo o futebol?*, embora eu tivesse lhe dito semana passada que só haveria jogos depois do Natal. Depois ela perguntou *Como é que é o seu diretor?*, mas ela sabia melhor do que eu porque falou com ele pelo telefone. Mesmo assim respondi a tudo da melhor forma possível. Ela estava desesperada por algum ruído que não fosse o de facas roçando em pratos e Papai suspirando por causa do cabelo verde de Leo.

Após o chá, Leo não parou de dizer *Muito obrigado* e *Foi ótimo, ótimo mesmo*, como se a gente tivesse tido um banquete em vez de pizzas de supermercado. E Papai rosnou algo que não consegui ouvir e isso me deixou chateado porque vovó sempre diz *Boas maneiras não custam nada*. Jas segurou a mão de Leo e os olhos de Papai pularam para fora da cabeça quando ela o puxou na direção da escada. Ele disse *Nada disso* e apontou para a sala. O rosto de Jas ficou como um daqueles tomates cozidos que servem no café da manhã inglês na Espanha. Senti pena dela, mas estava sendo respeitoso, por isso não disse uma só palavra e apenas ajudei Papai com a louça. Ele lavou tudo com muita força e as bolhas transbordaram da pia. Quis perguntar por que ele estava irritado, mas não ousei. Em vez disso lhe falei sobre Moisés e a pedra, mas ele saiu antes de eu terminar e foi pegar uma cerveja.



ONTEM À NOITE sonhei com Sunya. Ficava pedindo para ver seu cabelo e tentava tocar o *hijab*, mas ela se esquivava e o forçava em volta da cabeça. Eu pedia de novo. E de novo. Implorando e implorando e cada vez mais e mais desesperado, mas, todas as vezes que eu pedia, o *hijab* ficava mais apertado e o rosto dela diminuía até ele cobrir tudo exceto um dos olhos. O olho não cintilava, apenas encarava e encarava e então se transformava numa boca que dizia *Volte para Londres*. Quando acordei, meu corpo estava suado, o cabelo grudento e senti tantas saudades de Sunya que meu coração doeu.

No carro a caminho da escola, Papai dizia *Não* e Jas estava de cara amarrada. Ela continuou repetindo *Mas você falou tudo bem* e Papai disse *Para ter um namorado, não para sair com ele*. Ela alegou *A gente só quer ir ao cinema* e ele rebateu *Leo tem cabelo verde*. E Jas perguntou *E daí?*, e Papai respondeu *É estranho* e Jas retrucou *Não é, não*, e eu concordei, mas mantive a boca fechada. Papai afirmou *Garotos que pintam o cabelo são meio...* E aí fez uma pausa. Jas o encarou. *São meio O QUÊ?*, berrou ela, e rezei a Deus para que jogasse outra pedra para derrubar Papai e fazer com que se calasse. Ele disse *São meio mulherzinhas* e ela perguntou *Quer dizer GAY?*, e Papai devolveu *Você quem disse, não eu*.

Então baixou um silêncio que se prolongou até Jas ordenar *Pare o carro*. E Papai disse *Não seja ridícula* e Jas gritou *Pare a PORCARIA do carro*. Papai parou e alguém buzinou. Jas pulou fora. Ela bateu a porta e estava chorando e Papai berrava e as vidraças começaram a ficar embaçadas. Alguém buzinou de novo. Papai olhou no retrovisor e declarou *Não me diga o que fazer no meu próprio país*. Limpei o vidro e olhei para trás e vi Sunya no carro com sua mãe. Papai partiu bem depressa deixando Jas na chuva e passou a falar e a falar dos paquistaneses, que eles não

trabalham e só ficam o dia todo sentados em casa tirando dinheiro do governo antes de explodir o país que os mantém vivos.

De repente, ao desviarmos de uma ovelha que comia grama na beira da estrada, o nono mandamento explodiu no meu cérebro. *Não darás falso testemunho contra o teu próximo.* Ontem quando a sra. Farmer perguntou o que isso significava, Daniel ergueu a mão e disse *Não contar mentiras sobre seus vizinhos.*

Ergui-me do assento. *Não contar mentiras.* Meu coração bateu muito mais depressa. *Sobre seus vizinhos.* O rádio foi ligado e a música era alta, mas tudo que eu conseguia ouvir eram as mentiras que Papai contava. *Todos os muçulmanos são criminosos. Preguiçosos demais para aprender inglês. Fazem bombas em seus quartos.* Meu coração parou de repente. Papai estava dando falso testemunho. E Sunya mora a apenas três quilômetros. Portanto ele infringiu o mandamento porque este diz *Não conte mentiras sobre seus vizinhos* e não *Não conte mentiras sobre seus vizinhos de porta*, o que teria sido bem diferente.

O carro encostou do lado de fora da escola e Papai falou *Pode sair*, e eu fiz que sim com a cabeça, mas meu corpo não se mexeu. Papai tem dado falso testemunho. *Depressa*, vociferou, observando os limpadores espirrarem a chuva de um lado para o outro. Soltei o cinto de segurança. Saltei do carro. Papai partiu sem se despedir. E enquanto o carro disparava pela via ergui o dedo médio na direção do céu. Dois anéis estavam em volta dele em vez de um, as pedras branca e marrom quase se tocando. Praguejei contra Deus e praguejei contra Moisés. Depois inclinei a mão e praguejei contra Papai e infringi o quinto mandamento, e a sensação foi boa. O carro desapareceu numa esquina e corri para dentro da escola para procurar Sunya.



A sra. Farmer disse *Como o Natal está próximo, vamos começar os trabalhos sobre o nascimento de Jesus.* Todo mundo gemeu e percebi que aquela escola era exatamente como a minha anterior. Em Londres a gente tinha Jesus todo mês de dezembro e fazia a cena do estábulo para todos os pais e mães que já deviam estar cansados de ver a mesma peça repetidas vezes. Até agora eu tinha sido uma ovelha, a parte de trás de um burro e a estrela de Belém, mas nunca uma pessoa. A sra. Farmer disse *É importante entender o verdadeiro significado do Natal* e cantei baixinho *Nós somos os*

três reis magos de Leicester Square, vendemos calcinhas. É fantástico, tem uma porção de elástico, por que você não compra umazinha?. Sunya nem mesmo sorriu.

A sra. Farmer disse *Nós vamos escrever a história do nascimento do Senhor do ponto de vista de Jesus*. Jesus não devia ter visto nada além do lado de dentro da barriga de Maria, muita palha e alguns pelos de narinas quando os pastores foram bisbilhotar o berço. Mas aí a sra. Farmer disse *Esse é o trabalho mais importante que vocês farão no ano. Quero que se esforcem ao máximo para que eu possa lhes dar uma boa nota e mostrar os trabalhos para suas mães e seus pais na Tarde dos Pais*. Escrevi quatro páginas antes de a sra. Farmer dizer *Larguem suas canetas*. Mamãe vai adorar, sobretudo quando o interior da barriga de Maria se ilumina com um vermelho brilhante da luz do anjo Gabriel, que na minha história transformei em mulher para o caso de Papai ler meu trabalho na Tarde dos Pais. Se ele acha que garotos de cabelo verde são gays, não sei o que dirá de um homem com asas.

Arranquei uma página do meu caderno de desenhos e rabisquei um recado para Sunya. Dizia *Me encontre no depósito na hora do recreio* e desenhei com meus lápis especiais uma carinha risonha com chifres de diabo. Ela leu o bilhete, mas seu rosto não se mexeu. Quando permitiram nossa saída, corri até a sala da recepcionista, mas não mantive a sra. Williams sob a mira de um revólver e exigi que me entregasse as barras de chocolate e tudo mais. Comprei um Crunchie com o dinheiro que a vovó me mandou, disparei para fora e desapareci através da porta oculta.

Quiquei uma bola de tênis cinquenta e uma vezes até perceber que Sunya não vinha. Fiquei chateado por ela ser uma garota mal-humorada e então abri o Crunchie e estava para dar uma mordida e tanto quando me detive. Minha boca salivava loucamente, mas embrulhei de volta o chocolate e o enfiei na meia porque não tinha bolsos na calça. Na aula de matemática, escrevi outro bilhete para Sunya e pedi para ela me encontrar no depósito na hora do almoço. Dessa vez coloquei um *Por favor* e *P.S. Tenho uma surpresa para você*, para tentar fazer com que ela fosse.

Comi meus sanduíches sentado numa bola de futebol. Ela não parava de girar e era difícil manter o equilíbrio e deixei cair uma das minhas cascas no chão. Sempre que algo rangia, e mesmo quando nada rangia, meu coração explodia e a perna direita se contraía e a boca ficava seca demais para engolir o pão. Meus olhos permaneceram grudados na fresta de luz debaixo da porta. Fiquei torcendo para que crescesse e se tornasse um quadrado e Sunya surgisse parada ali, uma silhueta contra o sol, mas a maçaneta não girou e a porta continuou fechada.

Peguei uma raquete e bati uma bola de tênis contra a parede. E bati outra vez. E outra vez e outra vez e outra vez. Mais depressa e com mais força a cada vez. O suor escorreu pelas minhas costas, a respiração ficou ruidosa e daí houve um tapinha no meu ombro; errei a bola e ela bateu na minha cara. Sunya perguntou *Você está bem?*, e eu sabia que devia ter doído, mas não senti nada exceto felicidade por vê-la.

Confirmei com a cabeça e tirei o anel dela do meu dedo médio. Estendi-o e ela olhou-o e olhou-o e nada disse durante um milhão de anos. Eu pedi *Coloque* e ela perguntou *Então é isso?* e eu perguntei *Isso o quê?* e ela sacudiu a cabeça e foi saindo. Estava na porta quando eu gritei *Não vá!* e ela perguntou *Por que não?* e eu respondi *A surpresa*. Baixei a meia e lhe ofereci o Crunchie.

A expressão em seu rosto foi exatamente a mesma que dei a Roger quando ele me trouxe o coelho morto. Ela levantou o nariz, saiu com raiva do depósito e bateu a porta na minha cara. As paredes sacudiram e tudo ficou escuro. Olhei para baixo, para minha mão. O Crunchie estava todo amassado e melado e havia pedacinhos de fiapos brancos grudados no chocolate derretido.

Olhei em volta do depósito, atrás de algo para lhe dar. A única coisa de aparência interessante era um dardo de arremesso, mas seria grande demais para sair com ele camuflado sem ser visto pela merendeira gorda. O depósito não era divertido comigo sozinho, por isso saí para a chuva e algo amarelo me chamou a atenção. Tive uma ideia.

Restavam dez minutos de hora de almoço. Caminhei pelo pátio tentando encontrar Sunya com a nova surpresa escondida nas costas. Eu a avistei com Daniel e por um milissegundo senti ciúmes, mas aí me toquei de que estavam discutindo. Fiquei distante porque não queria apanhar, mas ouvi Daniel dizer *Micróbio de Curry* e *Você fede* antes de sair correndo. Fui até ela e minhas palmas estavam úmidas e o coração batia nas costelas como Sammy, o cachorro, no portão de Sunya. Fiz *Taráá* e estendi as flores que tinha acabado de colher. E embora a maioria fosse dentes-de-leão, elas tinham uma boa aparência, por isso fiquei surpreso quando ela começou a chorar.

Sunya é forte e Sunya é Menina M e Sunya é claridade e sorrisos e faíscas. Mas essa Sunya parecia diferente e o cachorro em meu peito tinha um triste rabo abaixado. *O que há de errado?*, perguntei, e ela apenas sacudiu a cabeça. Lágrimas escorreram pelas suas faces uma após a outra, e ela fungava e mordida o lábio

trêmulo. Eu perguntei *E aí, você quer elas?*, e saiu alto demais como se eu estivesse com raiva dela ou coisa assim, quando na verdade eu estava irritado com Daniel, pois ele a fez chorar, estragando a minha surpresa. Ela arrancou as flores da minha mão e as jogou no chão. Em seguida pisoteou-as com o máximo de força que tinha e arrastou os pés para trás, de modo que as pétalas lambuzaram todo o pátio. *Eu NÃO quero suas flores idiotas, nem seu chocolate idiota*, berrou ela, e fiquei perplexo porque não conseguia pensar em mais nada para lhe dar. Assim eu quis saber *Bem, o que você quer, afinal?* e ela gritou *Que você PEÇA DESCULPAS*.

Olhei para ela, então, olhei bem, e ela me encarou de volta com uma mágoa que era grande, pura e verdadeira. E de repente meus olhos conseguiram ver todas as coisas ruins que eu tinha feito e meus ouvidos conseguiram ouvir todas as coisas horríveis que eu tinha dito. Me lembrei de ter fugido quando ela me ofereceu o anel. Me lembrei de ter dito *Me deixe em paz* do lado de fora da sala do diretor. Me lembrei de ter ido embora no Halloween, de mandá-la calar a boca após o futebol e ignorá-la sem qualquer motivo após ter estado em sua casa. Bem, não sem qualquer motivo. Na ocasião, eu estava tentando entrar no céu, mas essa não é uma desculpa muito boa.

Segurei a mão dela e Daniel gritou *Homem-Aranha viadinho pegou a Micróbio de Curry*, mas o ignorei. Pedi a ela *Me desculpa* e falei para valer, e Sunya fez que sim com a cabeça, mas não sorriu.



PERGUNTEI A SUNYA se ela queria caminhar até em casa, mas ela disse *Não, obrigada*. Ela era novamente minha amiga porque pegou emprestados meus lápis especiais para desenhar um mapa para geografia, mas a sensação não era a mesma. Conte-lhe três piadas, incluindo a mais engraçada piada de Toc-Toc de todos os tempos e ela nem mesmo riu. E quando lhe dei o anel de massa na aula de história, ela o colocou no seu estojo de lápis em vez de no dedo.

Levei um tempão para andar até em casa. Meus pés e a mochila pareciam mais pesados do que o normal. Roger pulou para fora de um arbusto quando eu estava a dois minutos do chalé e também pedi *Desculpa* para ele. Caçar é o que felinos fazem e eu não deveria ficar zangado quando ele matasse umas coisas. Ele me seguiu até em casa e a gente ficou sentado um longo tempo na entrada, minhas costas contra a porta e as de Roger contra o chão, as patas laranja esticadas para cima. Balancei um cadarço e ele brincou com aquilo e miou como se tivesse esquecido tudo sobre nossa briga. Queria que as garotas fossem tão simples quanto os gatos.

A casa parecia diferente quando entrei. Vazia. Escura. A chuva respingava nas vidraças e os aquecedores estavam gelados. Não havia comida cozinhando na cozinha e Papai não perguntou *Como foi seu dia?*. Embora tivesse apenas acontecido algumas vezes, eu começava a me acostumar àquilo e por isso o silêncio sombrio me amedrontava. Queria gritar *Papai!*, mas receava não ouvir nada, então comecei a assobiar e a ligar as luzes. Estava preocupado que houvesse um bilhete na mesa da cozinha dizendo *Não aguento mais isso*. Não havia, mas também não conseguia ver Papai em lugar algum.

Foi quando notei a porta do porão. Estava aberta. Não muito. Apenas uma brecha. Estava escuro lá embaixo. Dei um toque no interruptor. Não aconteceu nada. Pensei no Candyman, por isso peguei uma colher de pau numa gaveta da

cozinha, por via das dúvidas. Aí me toquei de que uma colher de pau não teria muita utilidade contra um gancho e troquei-a por um saca-rolhas. Desci o primeiro degrau. Meus dedos dos pés doeram no concreto frio. *Papai*, sussurrei. Nenhuma resposta. Desci o segundo degrau. No fundo do porão, pude ver o feixe de luz amarela de uma lanterna. *Papai*, chamei de novo. *Você está aí embaixo?* Alguém respirava pesadamente. Baixei o pé devagar para o terceiro degrau, mas não consegui aguentar mais e desci correndo.

A gente tinha sido assaltado. Era a única explicação. Nem mesmo consegui ver o chão do porão que estava coberto com tanto treco. Fotos, livros, roupas, brinquedos e as pernas de Papai penduradas para fora de uma enorme caixa. *Como é que eles entraram?*, perguntei, me equilibrando no último degrau porque não havia mais nenhum lugar para colocar os pés. Não tinha visto nenhuma janela quebrada. *Quem fez isso?* Papai estava curvado bem dentro da caixa quando avistei o que estava escrito do lado do papelão: SAGRADO. Os braços de Papai se movimentavam e sua mão encontrou algo que jogou para o ar por cima da cabeça e caiu no chão. *Foi você*, sussurrei.

Papai saltou para fora da caixa. Parecia pálido à luz da lanterna e o cabelo negro estava em pé. Um crachá preso à sua camisa manchada dizia “Faço sete anos hoje.” *Achei*, ele avisou, balançando uma pintura no ar. *Brilhante, não é mesmo?* Não era nem mesmo uma figura, apenas cinco borrões num pedaço de papel amassado, mas me controlei e concordei com a cabeça. *São tão pequenas, James. Olhe só como são pequenas.*

Passei por cima de um sapato com fivela, um vestidinho florido e um cartão de aniversário antigo com um crachá faltando. Inclinei-me para perto. Os borrões se tornaram impressões de mãos. Havia duas grandes com Mamãe e Papai escrito dentro, duas menores com Jas e Rose escrito e uma pequenininha com o meu nome dentro. Estavam num círculo em volta de um coração e no coração alguém escrevera “Feliz Dia dos Pais”. Talvez Mamãe, porque estava tudo bem-feito.

Era um desenho legal, mas beijá-lo já era demais. Os lábios de Papai pressionaram as mãos de Jas depois as de Rose e então as de Jas mais uma vez. *Lindos nomes*, ele disse naquela voz trêmula que me dava nos nervos. *Jasmine e Rose*. Alisou as antigas impressões das mãos das gêmeas. *É assim que me lembro delas*. Me senti confuso e falei *Jas ainda está viva*, mas Papai não ouviu. Sua cabeça tinha caído

entre as mãos e os ombros tremiam. Senti uma forte vontade de rir, porque ele continuava soluçando bem forte e bem alto, mas engoli o riso e tentei pensar em umas coisas tristes, como guerra e aquelas crianças da África que têm barrigas enormes, mesmo sem comer coisa alguma.

Papai estava falando alguma coisa, mas estava tudo coberto por ranho e lágrimas e as únicas palavras que consegui entender foram *Sempre* e *Minhas menininhas*. Jas é grande, bonita, cor-de-rosa e tem piercings e Papai sente saudades como se desejasse que ela ainda tivesse dez anos.

Vovó diz *As pessoas sempre querem o que não podem ter* e acho que é verdade. Papai quer que Rose esteja viva e Jas tenha dez anos, mas ele tem a mim. Tenho a idade certa, mas o sexo errado, Jas tem o sexo certo mas a idade errada e Rose tem a idade certa e o sexo certo. Mas está morta. *Algumas pessoas nunca estão satisfeitas*, é outra coisa que vovó diz.

Jas só chegou às onze e eu tive de fazer todas as coisas que ela costuma fazer. Limpei o vaso depois que Papai vomitou e o coloquei na cama. Ele enfiou o desenho de Dia dos Pais debaixo das cobertas e alguma coisa dolorosa revolveu meu estômago. Ele adormeceu bem rápido. O rosto todo se agitando enquanto roncava e fui apanhar para ele um copo de água para mais tarde. Observei-o por um minuto e depois fui para o meu quarto e me sentei no parapeito da janela com a informação sobre *O Maior Show de Talentos da Grã-Bretanha*. Roger estava ronronando tão forte que a sensação de sua garganta nos meus dedos do pé era quente e vibrante. A parte de cima da carta dizia *Venha a Manchester para mudar sua vida*, e me imaginei com Jas indo para o teatro e seguindo para o palco e cantando para os juízes diante de uma porção de câmeras de TV. Podia ver o rosto da Mamãe na plateia e ela estava sentada ao lado do Papai e os dois estavam de mãos dadas porque estavam orgulhosos da gente. Tinham esquecido todas as brigas e tinham esquecido tudo sobre Rose e não importava nem um pouco que Jas tivesse crescido e mudado. Depois do concurso, Mamãe ligava para Nigel e informava *Estou deixando você*. Ela até mesmo o chamava de escroto e nós todos ríamos e entrávamos no mesmo carro e voltávamos para a mesma casa. Papai jogava fora seu álcool. Mamãe comentava *Você fica lindo com sua camiseta* e finalmente eu a tirava e vestia um pijama. Daí deitava na cama e Mamãe me enfiava debaixo das cobertas como costumava fazer antes de fugir com o homem do seu grupo de apoio cento e sessenta e oito dias atrás.



A sra. Farmer entrou na sala vestida com um conjunto preto que era pequeno demais. A barriga pendia sobre o cós da calça e parecia pálida e pastosa como massa de torta. Ela disse *Bom dia, meus queridos* e isso soou diferente, suave demais e amigável demais. Ela disse *Vamos acordar nossas mentes* e a gente teve de levantar e fazer aqueles lances esquisitos com os braços que faziam diferentes partes de nossos cérebros ralarem de verdade. Eu estava pensando se a sra. Farmer tinha ficado maluca quando um homem com uma prancheta entrou na sala. A sra. Farmer disse *Este é o sr. Price, ele é um inspetor*.

No quadro, a sra. Farmer escreveu uma coisa chamada “Metas de aprendizagem” e falou e falou sobre nosso objetivo daquela manhã. Pude perceber que ela tentava impressionar o sr. Price pelo modo como o olhava de relance, mas ele não sorriu. Tinha dedos compridos e um queixo comprido e um nariz comprido com um par de óculos bem na ponta. A gente estava estudando Jesus de novo e tinha de trabalhar em duplas e fazer a cena da natividade em barro. Um de nós tinha de fazer as pessoas e o berço, e o outro, o estábulo e os animais.

Sunya fez as vacas, a ovelha e um bicho bem gordo que podia ser um porco, exceto pelo fato de que tinha chifre. Ao passar e dar uma segunda olhada, a sra. Farmer cochichou *Que diacho é isso?* e Sunya respondeu *Um rinoceronte*. A sra. Farmer deu uma checada por cima do ombro para ver se o sr. Price não estava olhando e então amassou o animal de barro com o punho. O rinoceronte se esparramou na carteira e os olhos de Sunya lampejaram perigosamente. *O nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo não aconteceu num zoológico*, sibilou a sra. Farmer, e Sunya indagou *Como é que você sabe?* O inspetor se aproximou de nossa carteira e perguntou *E o que você estava fazendo?* Sunya abriu a boca, mas a sra. Farmer berrou *Ovelha* antes que Sunya tivesse uma chance de responder. *Você está fazendo uma ovelha, não é mesmo, meu bem?* Sunya não disse nada, mas enrolou um pedaço de barro formando uma salsicha pontuda que parecia muito com um chifre.

A sra. Farmer avançou olhando as duplas e perguntando *Como está indo?* e isso pareceu esquisito porque ela costuma ficar sentada na escrivaninha dela tomando café. O sr. Price conversou com Daniel e Ryan, que estavam fazendo um estábulo perfeito com animais perfeitos e um perfeito bebê Jesus. Daniel falou e falou sobre a

sra. Farmer, que ela era uma boa professora, e a sra. Farmer fingia que não estava ouvindo, mas tinha dois círculos rosados de satisfação nas bochechas. Daniel olhava para o cartaz como se soubesse que seu *post-it* em breve estaria na segunda nuvem. Sunya enrolava com raiva mais barro, fazendo mais cinco chifres.

Perto do final da lição, a sra. Farmer tirou o casaco. Duas marcas de suor pingavam de suas axilas. Ela disse *Bom trabalho, meus queridos. Por favor, coloquem seus estábulos na carteira da frente que eu os assarei no forno durante o recreio.* O sr. Price falou *Eu gostaria de voltar para ver os modelos quando estiverem prontos* e a sra. Farmer pestanejou, mas disse *Isso seria adorável.* O inspetor saiu da sala e a sra. Farmer desabou na cadeira e disse *Arrumem essa bagunça*, a voz de volta ao normal.

Sunya levou o nosso estábulo para a frente e se inclinou para ver o trabalho das outras crianças. Ficou ali um tempão deixando que eu fizesse toda a limpeza e eu teria ficado irritado se não estivesse tentando com muito empenho ser legal. Quando a sala de aula ficou limpa, tivemos permissão de ir lá para fora, mas Sunya desapareceu no banheiro das meninas e só voltou a aparecer depois que a merendeira gorda soprou o apito.

Enquanto Jesus assava no forno, a gente teve aula de inglês. Os olhos da sra. Farmer não paravam de se dirigir para a porta, como se ela esperasse que o inspetor chegasse a qualquer momento. A gente redigiu poemas intitulados “Meu Natal mágico” e teve de incluir todas as coisas maravilhosas que estava desejando. Não consegui pensar em uma única coisa. O Natal sempre é triste na minha família. Ano passado Papai pendurou uma meia junto à urna e berrou com a Mamãe quando ela não a encheu de presentes. E este ano será pior do que nunca, porque Mamãe não está aqui para preparar um jantar de Natal, que é a melhor coisa da festa, mesmo que isso signifique comer couve-de-bruxelas.

A sra. Farmer disse *Apresse-se, James* e eu mal tinha começado a escrever. Imaginei o melhor Natal de todos os tempos e escrevi sobre ele para variar. Descrevi o cheiro de peru e o badalar dos sinos das igrejas. Escrevi sobre os sorrisos iguais de duas felizes gêmeas lindas. Não consegui pensar em nada para rimar com festa santa exceto Fanta, que não é minha bebida favorita, ao contrário do que eu disse no segundo verso. Mas, como o poema todo é uma grande mentira, não creio que isso tenha importância.

Dessa vez Sunya estava encontrando problemas e tinha escrito apenas quatro linhas. Cochichei *Qual é o problema?* e ela respondeu *Eu não festejo o Natal.* Não

soube o que dizer sobre isso. Não consigo imaginar inverno sem Natal, exceto naquele filme de Nárnia no qual a Feiticeira Branca impede que o Pai Natal entregue presentes para os castores falantes. Sunya falou *Eu gostaria de ser normal*, quando o sr. Price entrou.

O barro estava pronto e a sra. Farmer o tirou do forno. Ela disse *Cuidado que está quente*, quando todos se juntaram em volta. O nariz do sr. Price bisbilhotou por cima da prancheta. Nosso estábulo parecia legal. Maria era maior do que José, e os braços de Jesus e a perna direita tinham caído e ele parecia um girino, mas fora isso estava perfeito. Nenhum dos animais tinha chifre e eu estava imaginando onde Sunya tinha colocado suas salsichas pontudas quando o sr. Price arfou. Segui seu olhar e vi o estábulo de Daniel. Dentro, todos os animais tinham alguma coisa grudada no meio da testa. E não apenas os animais — Maria, José e até mesmo o bebê Jesus tinham uma espécie de salsicha enfiada entre as sobrancelhas. Olhei para Sunya. O rosto era inocente, mas os olhos queimavam como brasa. As salsichas pontudas não pareciam em nada com chifres. Eram iguais a piroquinhas. Pus a mão sobre a boca para me impedir de rir. Não ousei olhar para Daniel, pois ele poderia botar a culpa em mim, mas pensei *Quem é o babaca agora?*

O sr. Price deixou a sala, as bochechas roxas e a caneta tremendo nos dedos compridos enquanto escrevia algo ruim na prancheta. Daniel não se encrencou. A sra. Farmer não tinha prova de que tinha sido ele. Mas não importava. A gente tinha se vingado. A turma toda teve de permanecer na hora do almoço porque ninguém confessou ter *Aviltado o filho de Deus*, seja lá o que isso signifique. Todos ficaram chateados porque flocos brancos começaram a cair do céu e as outras turmas estavam no pátio brincando de guerra de bolas de neve. Mas eu não estava nem aí, porque dessa maneira tive de passar a hora do almoço com Sunya em vez de ter de esperar que ela saísse do banheiro das meninas.

Antes de Jas parar de comer, ela adorava salsicha com purê. Cortava as salsichas todinhas e as escondia no purê de batata. Depois da escola, era nisso que eu pensava. Em parte porque eu estava morrendo de fome e em parte porque o mundo parecia um imenso prato de salsichas com purê da Jas, tudo escondido debaixo de granulosa neve branca.

Sunya não esperou quando a sra. Farmer mandou a classe ficar longe de sua vista. Ela saiu correndo da escola e caminhou o mais depressa possível pela rua. Escorreguei tentando alcançá-la. Quando gritei seu nome, ela parou e se virou. Seu

rosto era escuro por baixo dos flocos de neve e parecia tão bonita que esqueci o que queria dizer. *O que você quer, Jamie?* Ela não parecia chateada, apenas cansada e de saco cheio. Talvez até mesmo entediada, e isso era pior do que qualquer coisa. Eu estava todo gelado e isso nada tinha a ver com a neve. Queria dizer algo de fato engraçado para fazer seus olhos cintilarem, mas tinha dado branco em minha mente e eu simplesmente encarei e encarei enquanto a neve rodopiava à nossa volta. Após uma longa pausa, perguntei *Quantas pessoas você salvou hoje, Menina M?* e ela revirou os olhos. Falei *Eu salvei mil e quatro, mas foi um dia tranquilo*, e ela cruzou os braços e suspirou com impaciência. Seu *hijab* estava salpicado com flocos de neve e se agitava ao vento. Ela parecia aborrecida, então eu disse *Obrigado* e ela perguntou *Por quê?*. Dei um passo para mais perto. *Por dar uma piroquinha a Jesus, por se vingar de Daniel*, e em minha cabeça acrescentei *Por tudo*. Sunya deu de ombros. *Não fiz isso por você. Fiz por mim*. Aí se virou e foi embora, os pés deixando pegadas profundas na neve.



PASSEI A SEMANA toda avisando a Papai que ele tem de ir à escola amanhã às três e quinze da tarde. Espero que ele não beba. Não quero que ele me envergonhe, nem a Mamãe. Ela não respondeu à carta, mas sei que vai vir. Acho que vai vir. Espero que sim, de verdade. Ontem cruzei os dedos por uma hora e treze minutos, por via das dúvidas. Jas recomendou *É melhor não ter muita esperança*, mas eu rebati *Mamãe não vai perder a Tarde dos Pais*. A história que escrevi do ponto de vista de Jesus ganhou uma nota A e por isso agora meu anjo está na sétima nuvem. Mal posso esperar para que Mamãe a leia.

Quando cheguei em casa mais cedo, vindo da escola, a luz da secretária eletrônica estava piscando. Pensei que podia ser a Mamãe deixando um recado sobre amanhã, então fui me preparar para ouvi-lo. Papai estava dormindo no sofá com a urna sobre uma almofada e o desenho do Dia dos Pais enfiado embaixo de sua papada, vibrando sempre que ele expirava. Fechei a porta, dei comida para Roger, escovei os dentes, lavei o rosto e penteiei o cabelo com os dedos. Havia meses que não ouvia a voz da Mamãe e queria estar com uma boa aparência. A camisa do Homem-Aranha está toda amassada e imunda, assim a esfreguei com uma toalha úmida e dei uma borrifada nela com o meu desodorante.

Quando estava pronto, arrastei uma cadeira até o telefone e sentei, me sentindo nervoso. Estendi o dedo. Minha mão ficou vermelha na luz da secretária. Pendeu acima do botão de play. Estava desesperado para ouvir a voz da Mamãe, mas também apavorado. Ela podia ter telefonado para cancelar. Comecei a contar até trinta, mas meu dedo apertou o botão antes mesmo de eu ter chegado a dezessete.

A voz de uma mulher: *Olá*, disse ela, surpresa por estar falando com uma secretária eletrônica. Não parecia Mamãe, mas por outro lado as pessoas fazem uma

voz diferente no telefone. Cruzei os dedos.

Sr. e sra. Matthews, sou a srta. Lewis, professora orientadora de Jasmine. Não é nada para se preocuparem, mas Jasmine não aparece na escola desde a última sexta-feira. Queria me certificar de que ela está em casa com vocês. Suponho que ela não tem andado muito bem e é por isso que não a vejo faz algum tempo. Poderiam, por favor, me telefonar esta tarde para me informar onde ela está e como tem passado? Se Jasmine está doente, espero que ela melhore logo para que a vejamos na escola nos próximos dias. Muito obrigada.

Meu primeiro pensamento foi *Não é a Mamãe, não é a Mamãe, não é a Mamãe*, e não consegui nem mesmo me concentrar no que a srta. Lewis dizia. Então apertei o botão de repetir e ouvi mais uma vez, meu queixo caindo mais um pouco a cada frase. Jas não estava doente. Tinha saído para a escola pela manhã vestida com o uniforme.

Fiquei sentado ali em silêncio, chocado demais para me mexer. Roger pulou para o meu colo. O rabo dançou no ar como uma daquelas cobras encantadas que a gente vê em países poeirentos como a África e no filme *Aladim*. Eu não sabia o que fazer. Matar aula é coisa séria.

Onde você esteve?, perguntei quando a maçaneta girou e Jas entrou em casa. Ela olhou para mim como se eu estivesse sendo idiota e respondeu *Na escola*. A mentira me esbofeteou o rosto e minhas bochechas pareceram a secretária eletrônica, piscando piscando piscando vermelho. Pedi *Fale a verdade* e ela disse *Não seja tão intrometido*, de um modo sarcástico. A srta. Lewis deixou um recado, avisei, e os olhos de Jas dispararam para a secretária e a mão disparou para a boca. Ela quis saber *Papai já...* E eu respondi *Não* e ela perguntou *Você vai...* E eu disse *Claro que não vou contar para ele*.

Jas assentiu e preparou uma xícara de chá para ela e perguntou se eu queria um suco, que é justamente minha bebida favorita, mas impossível de rimar com palavras referentes ao Natal. Respondi *Sim*, mas não disse *Por favor*. Ainda estava chateado com ela por ter mentido e por ter aventuras que não me incluíam. Ela se sentou à mesa da cozinha e pediu *Desculpa* e eu disse *Tudo bem*, mas não era verdade e me aborreceu o fato de ela parecer aliviada, como se apenas uma palavrinha tivesse feito tudo desaparecer. E pensei em Sunya e pela primeira vez entendi por que ela não

quis usar o anel de massa. Ela não havia me perdoado porque eu me desculpei apenas uma vez, e isso não era o bastante.

Queria sair correndo da cozinha e seguir o caminho todo pela rua e subir a colina até a casa de Sunya. Queria parar do lado de fora de sua janela e gritar *Desculpa, desculpa, desculpa* até ela olhar para baixo com seus olhos faiscantes e dizer *Tudo bem* e de verdade. Mas não podia, aí não fui, e apenas fiquei sentado à mesa e esperei que Jas começasse a falar.

Estou apaixonada. Eu não estava esperando isso. Tossi o suco pela minha camiseta abaixo. Jas bateu nas minhas costas. Quando consegui respirar de novo, perguntei *Por Leo?*, e ela mordeu as unhas e eu fiz *Ah!*. Jas se inquietou na cadeira. *O que Papai disse...* começou, os olhos se enchendo de lágrimas. Levantei-me para pegar um lenço de papel, mas não achei nenhum e em vez disso lhe dei uma toalha de papel. Ela riu quando a entreguei, mas não pareceu contente. *O que Papai disse no carro. Todo aquele lance sobre Leo ser mulherzinha. Ser gay. Eu nunca o perdorei.* Eu rebati *Você tem de perdoá-lo* e ela fungou e perguntou *Por quê?*. Então justifiquei *Ele é nosso pai* e ela retrucou *E daí?* e eu fiquei empacado. *Ele é nosso pai*, repeti. Não sabia mais o que dizer. E Jas afirmou *E somos seus filhos*. Não entendi o que isso quis dizer e apertei sua mão. Parecia toda gelada e ossuda.

Depois que Papai foi embora e me deixou na chuva, não consegui ir para a escola. Jas olhava fixo para uma mancha na mesa enquanto falava. *Liguei para Leo e ele matou aula e foi me buscar. Passamos o dia juntos e foi o dia mais feliz que já tive.* Depois disso, *a escola não pareceu tão importante assim.* Cheguei mais perto e sacudi a cabeça. *A escola é importante, falei. Realmente importante. Mamãe disse que boas notas podem nos fazer conseguir qualquer coisa que a gente quiser. Mamãe disse que a educação é...*

Jas desviou o olhar da mancha sobre a mesa e olhou bem dentro dos meus olhos. *Mamãe não está aqui, Jamie.*

Eu ia lhe falar de novo sobre a Tarde dos Pais, como era provável que Mamãe estivesse naquele momento fazendo a mala, empolgada para me ver. Quis dizer *Mamãe está vindo. Ela estará do lado de fora do meu colégio, a Escola Fundamental da Igreja Anglicana de Ambleside, amanhã às três e quinze da tarde. Sem Nigel.* Mas não disse. Não disse uma só palavra e senti a primeira palpitação de algo que me apavorou.

Amanhã eu volto para a escola, prometeu Jas. *Vou falsificar um bilhete como se fosse do Papai e vai ficar tudo bem*. E perguntei *Promete?* e ela afirmou *Eu juro e espero que...* Mas aí parou. Nós dois pensamos em nossa irmã morta na prateleira e Jas se levantou e lavou as xícaras na pia da cozinha. *Desculpa*, repetiu enquanto o enxague fazia bolhas que pareciam neve, um mar de espuma e as borbulhas de Fanta. *Por mentir e matar aula e essas coisas*. Falei *Tudo bem* e dessa vez foi sério. *É que é difícil*, disse ela, enquanto esfregava as xícaras. *Pensar em qualquer outra coisa. Ficar longe dele. Um dia você entenderá*. Eu não disse nada, mas acho que entendi perfeitamente.



Desculpei-me com Sunya mais de trezentas vezes. Sempre que a sra. Farmer parava de falar eu dizia *Desculpa, desculpa, desculpa, desculpa, desculpa, desculpa, desculpa*, sem mesmo tomar fôlego. Por algum motivo não deu certo e ela permaneceu o tempo todo calada e triste. Na hora do almoço nos sentamos no nosso banco, mas Daniel gritou *Vai ganhar curry no Natal, não é, Micróbios de Curry?* e jogou uma bola de neve na cabeça dela. Quis dizer alguma coisa, mas não disse, e Sunya saiu correndo e passou o resto do almoço no banheiro das meninas. Acho que Daniel sabe que foi Sunya quem colocou as piroquinhas no seu estábulo, porque ele anda mais malvado com ela do que nunca.

Não consegui me concentrar o dia todo porque Mamãe estava a caminho. Não consegui seguir mapas, nem os vitorianos ou escrever direito em parágrafos. Fiquei simplesmente encarando meus livros sem escrever nada. Mantive a caneta na mão para que a sra. Farmer não gritasse comigo nem dissesse para Mamãe que eu era um menino preguiçoso. Quando a aula acabou eu me sentia exausto, como se estivesse acordado e esperando pelas três e quinze há um milhão de anos.

Eu era o primeiro. A sra. Farmer disse *Vá se encontrar com seus pais e eu estarei com vocês dentro de cinco minutos*. Fui lá fora e avistei o carro do Papai e fiquei aliviado quando ele baixou o vidro da janela e fez *Oi* numa voz que não estava muito bêbada. Ele perguntou *O que há de errado?*, pois minha cabeça não parava de virar de um lado para o outro e o coração batia e os joelhos tremiam e a boca estava seca.

Havia uma porção de carros no estacionamento, mas nenhum deles continha Mamãe.

Papai avisou que precisava ir ao banheiro e entramos. Enquanto ele estava no banheiro dos meninos, atravessei rapidamente a porta e fui correndo até o acesso para carros para dar uma checada na placa. Ela dizia mesmo *Escola Fundamental da Igreja Anglicana de Ambleside*, assim Mamãe não podia ter passado direto sem ver o colégio. Minha camisa de Homem-Aranha estava ensopada porque a neve tinha grudado na pele e eu parecia um idiota. As mangas estavam maiores do que nunca e a pele arrepiada comichava contra o tecido vermelho e azul.

Esperei e esperei e esperei. A neve caía pesadamente. Flocos grudaram em minhas pestanas. Houve uma rajada de vento gelado e enrolei os braços em volta do peito. Então ouvi um carro.

Uma mulher dirigia. Uma mulher com cabelo comprido, igual ao da Mamãe. Corri em direção a ela, agitando a mão. Escorreguei e caí e meus joelhos atingiram a neve, que estava com manchas laranja onde o zelador tinha espalhado arenito. O carro entrou no acesso.

Mamãe!, gritei. Ela tinha vindo. Eu me senti tão feliz que nem conseguia me mexer, embora ainda estivesse de quatro na neve no meio da via. *Mamãe*. A mulher avançou devagar com o carro, inclinada sobre o volante, os limpadores de para-brisa movimentando-se rápido à medida que a neve caía sobre o vidro. Acenei mais uma vez e olhei dentro do carro. A mulher olhou de volta, os olhos apertados atrás dos óculos como se ela estivesse confusa.

Mamãe não usa óculos.

Olhei de novo. Mamãe também não tem cabelo castanho. A mulher, a mãe de outro, apontou para a calçada. Ela queria que eu me afastasse, mas eu não conseguia ficar de pé, e não era felicidade, mas algo muito mais amedrontador que me mantinha de joelhos. Ela buzinou três vezes. Rastejei para o lado da via.

Papai me encontrou junto à parede. Ele indagou *Que diabos você está fazendo?* e me agarrou pelo ombro. Me colocou de pé e não sei como fomos parar ali porque minha mente estava a quinhentos quilômetros de distância, em Londres, mas de repente eu estava sentado diante da sra. Farmer e ela dizia que eu tinha tirado um A em minha história sobre o nascimento de Jesus.

Mamãe tinha mentido novamente. Ela disse que boas notas podiam me conseguir tudo que eu quisesse. Mas o que eu queria era que ela estivesse na Tarde dos Pais e ela não estava lá.

Papai pareceu impressionado e pediu *Posso vê-la?*. Fingiu que leu um pouco e em seguida disse *Muito bem*, mas eu não senti nada. Insensível. E não por causa da neve. A sra. Farmer tinha um pequeno aquecedor debaixo da escrivaninha e ele havia esquentado meus pés. A sra. Farmer disse alguma coisa, e Papai disse alguma coisa, e a sra. Farmer disse mais alguma coisa e olhou para mim como se esperasse uma resposta. Por isso eu disse *Sim*, e nem mesmo liguei para o fato de não ter ouvido a pergunta. A sra. Farmer sorriu, e então eu devia ter dito a coisa certa, e aí ela perguntou *Em qual escola ele cursará o Ensino Médio ano que vem?* e Papai respondeu *Grasmere* e a sra. Farmer quis saber *É para onde vão as gêmeas?*. Papai perguntou *Como assim?* e de repente eu estava prestando atenção.

É para onde vão as gêmeas?, perguntou outra vez a sra. Farmer, e Papai esfregou a mão no queixo e o pelo fez um ruído estridente. *Gêmeas?*, disse ele, como se não tivesse entendido, e a sra. Farmer pareceu confusa e disse *Rose e... Oh, como é mesmo que a outra se chama?* e Papai não falou e eu não falei e o vento uivou lá fora.

Jas vai para Grasmere, disse Papai finalmente. Eu quis dar um chute no queixo da sra. Farmer para fazer com que ela parasse de falar, mas esse tipo de coisa só funciona nos livros. *E Rose?*, perguntou ela.

Papai declarou *Rose foi para um lugar melhor* e a sra. Farmer perguntou *Uma escola particular?* e Papai engoliu em seco e não respondeu. A sra. Farmer ficou vermelha e disse *Pois bem* e apanhou minha pilha de trabalhos e começou a folheá-los. *James tem escrito uns belos textos sobre sua família*. Ela puxou meu caderno de inglês e eu quis gritar *NÃÃÃOO*, mas a sra. Farmer já o tinha entregado a Papai. Ele leu “Minhas maravilhosas férias de verão”, “Nossa esplêndida família” e “Meu Natal mágico” e o caderno sacudiu em sua mão. A sra. Farmer esperou que Papai dissesse *Muito bem*. Olhou para mim enquanto eu olhava para Papai e Papai olhava para as mentiras que eu tinha escrito sobre Rose.

Ouviu-se um ruído do lado de fora da porta. Os pais que viriam a seguir tinham chegado. A sra. Farmer pigarreou e disse *Em suma, James é inteligente e às vezes trabalha bem, embora tenha a tendência de sonhar acordado. Socialmente, eu gostaria que ele se misturasse um pouco mais com as outras crianças, mas ele parece bastante*

chegado a uma menina chamada Sunya. Houve uma batida na porta. Uma menina chamada Sonya, repetiu Papai, e a sra. Farmer disse Entre. Não é Sonya, sr. Matthews. Sunya.

A maçaneta fez um estalido. A porta se abriu. *Ah, aí está Sunya*, anunciou alegremente a sra. Farmer. Rodopiei na cadeira, a camiseta de Homem-Aranha grudada ao suor das minhas costas. *Oi, Jamie*, cumprimentou a mãe de Sunya com seu sotaque engraçado. *Que bom ver você de novo.*



DOIS HIJABS BRANCOS reluziram sob a luz da sala de aula. Dois rostos morenos pareceram chocados quando Papai se pôs de pé. *Como é que conhecem meu filho?*, bradou ele, batendo com a mão na escrivaninha da sra. Farmer. Uma pilha de livros desabou e derrubou uma xícara de café sobre uns papéis que pareciam importantes. A sra. Farmer produziu um ruído, tipo um cachorro amedrontado, e me olhou como se a culpa fosse minha. A mãe de Sunya fez *Hã?* e eu sacudi a cabeça um pouquinho de nada, e então ela disse *Eu não o conheço*. Fechei os olhos e os abri devagar e torci para que a mãe de Sunya soubesse que aquilo queria dizer *Obrigado*.

Cochichei *Vamos embora*, mas Papai berrou *Que bom ver você novamente. NOVAMENTE. Foi isso que você disse*. Ele caminhou até a mãe de Sunya. Ela recuou um passo e segurou o ombro de Sunya. A sra. Farmer levantou-se, a mão voando para o peito. *Sr. Matthews, acalme-se*, guinchou ela. Papai gritou mais alto do que ela. *Onde você o viu antes?* A mãe de Sunya deu outro passo para trás, arrastando a filha consigo. *Quando conheceu meu filho?* Sunya sacudiu a mão de sua mãe e disse *No jogo de futebol da escola*, e sua voz estava calma, o rosto era inocente e a mentira foi a melhor que eu já tinha visto. *Cale-se!*, berrou Papai, e de repente a mãe de Sunya explodiu. *Como ousa?*, retrucou ela, as sobrancelhas desaparecendo debaixo do *hijab* branco. *Como ousa falar desse modo com a minha filha?* Papai riu, mas soou diabólico, como quando um vilão esfrega as mãos e os olhos ficam vermelhos e o som que sai de sua boca é *HAHAHAHAHA*. *No meu país, eu posso falar o que eu quiser*, rebateu Papai. Eu quis gritar *Também é o país de Sunya*, mas Papai parecia enlouquecido. A sra. Farmer guinchou *Vou chamar o diretor* e chocou a porta contra a parede ao sair apressada da sala de aula.

Muçulmanos mataram minha filha, disse Papai, apontando para seu peito. Corri para ele e tentei segurar seu braço, mas ele me afastou com um empurrão. *Eles mataram minha filha*, repetiu, socando as costelas a cada sílaba. *Isso é ridículo*, reagiu a mãe de Sunya, mas a voz era tremida e percebi que ela estava com medo. Pensei no canudo ondulado no milkshake de chocolate e odiei Papai por tê-la amedrontado. *Muçulmanos verdadeiros nunca, jamais, machucariam alguém. Só porque alguns se denominam de...*, começou ela, mas Papai gritou CALE-SE. Ele agora tremia e o rosto estava roxo. Pingava suor das têmporas e escorria pelas bochechas. Ele gritou algo sobre *Terroristas* e mais alguma coisa sobre *Tudo a mesma coisa* e a mãe de Sunya virou o rosto como se tivesse sido esbofeteada.

Sunya estava diante de um cartaz de Natal, os dedos comprimidos nos punhos fechados. Flocos de neve recortados de papel prateado cintilavam na parede atrás dela. Havia anjos à esquerda e um Papai Noel à direita e sua barriga estufava o casaco vermelho e presentes transbordavam do saco preto. No meio do cartaz havia uma Maria recortada de cartolina azul e um José recortado de cartolina marrom e um menino Jesus recortado de cartolina bem cor-de-rosa para parecer pele. E me deixou tão triste ver Sunya junto a todas essas coisas natalinas nas quais não acreditava e que não podia apreciar, e pensei no seu poema e que ela havia escrito apenas quatro linhas porque não havia nada de mágico que ela aguardasse com interesse em dezembro. E embora Papai ainda estivesse berrando e o vento sacudisse as janelas e o pinga-pinga de café da cafeteira pingasse fora da mesa e formasse uma poça no chão, tudo que eu conseguia ouvir eram as palavras de Sunya. *Eu gostaria de ser normal*. Quis ir até ela e segurar-lhe os punhos e colocar de volta o anel em seu dedo e declarar *Estou contente por você não ser*.

Uma lágrima reluziu no olho esquerdo de Sunya. Inchou e se tornou prateada como uma farta gota de chuva quando Papai chamou a família dela de *Maligna*. Me imaginei gritando *Não ligue para ele*. Me imaginei dizendo *Você é apenas diferente e isso é lindo*. E me imaginei socando o rosto de Papai por ter feito Sunya chorar, e por um milissegundo achei que tinha mesmo feito isso. Mas simplesmente permaneci ali no meio da sala de aula com o coração martelando e o corpo tremendo na camisa de Homem-Aranha, que era grande demais para um garoto como eu.

O diretor entrou na sala, os sapatos brilhantes batendo de leve no chão. Perguntou *Há algum problema?*. A mãe de Sunya não falou e tudo que consegui ver

foi a parte de cima do *hijab* quando ela olhou para o chão. Quis que ela olhasse para cima para eu poder pedir *Desculpa* com os olhos, mas ela não se mexeu. Papai disse *Não há nenhum problema* e então agarrou minha mão e me puxou em direção à porta e cumprimentou o diretor com um gesto da cabeça como se os últimos cinco minutos não tivessem acontecido. Eu esperava que as coisas ruins tivessem acabado, mas, enquanto seguíamos pelo corredor, as unhas de Papai se cravaram na palma da minha mão, e doeu. Eu estava encrocado.

Não conversamos no carro. Os pneus derraparam na neve e espirrou lama branca para tudo quanto é lado. Assim que encostamos em frente à nossa casa, Papai sibilou *Entre* e eu saltei e escorreguei no gelo e irrompi pela porta da frente e corri para a sala. Jas e Leo estavam deitados no sofá, os rostos vermelhos e as roupas pretas amarrotadas. Jas comentou *Pensei que você tivesse a Tarde dos Pais* e eu falei *Já acabou e Papai* e apontei para fora. Jas empurrou Leo para fora do sofá com um grito.

Papai marchou pelo corredor. *Depressa*, ordenei, puxando a mão de Jas. Leo mordeu o piercing em seu lábio. As passadas pararam. *Se esconde*, murmurou Jas. A maçaneta da porta girou. Leo mergulhou atrás do sofá enquanto Papai entrava na sala.

Não sou muito bom em pique-esconde. Não gosto de pequenos lugares escuros. Eles me fazem pensar em ser enterrado, assim entro em pânico e acabo atrás de uma porta ou numa porcaria qualquer. Mas até mesmo eu sou melhor em me esconder do que Leo, que nem ao menos se encolheu o suficiente para caber atrás do sofá. As espigas verdes do cabelo estavam acima do braço do sofá e as botas pretas saíam para o tapete.

Quando o viu, o rosto de Papai foi do roxo para o preto e ele berrou *Levante-se*. Não acho que Leo sabia que Papai estava se dirigindo a ele porque continuou ali um tempão, prendendo a respiração e de olhos fechados como se achasse que não tinha sido visto. Mas Papai foi até o sofá e agarrou as costas da camiseta de Leo e puxou com força. Leo se pôs de pé com dificuldade ao mesmo tempo em que Papai gritava *Dê o fora da minha casa*. Jas reagiu *Não fale assim com ele* e Papai rebateu *Eu falo com ele da porcaria do modo que eu bem entender debaixo do meu teto* e apontou para o teto com o dedo trêmulo.

Leo saiu correndo e Papai berrou *Você está proibido de vir à minha casa e está proibido de ver Jasmine*. Ele bateu a porta da sala. Uma antiga foto da família caiu da parede e se espatifou. *Você não pode fazer isso*, protestou Jas, furiosa e inflamada, agitando as mãos no ar. *Não pode mandar que a gente pare de se ver*. Papai retrucou *Acho que acabei de fazer isso*, e aí se virou para mim.

Você ama Rose?, perguntou, e eu disse *Amo* de imediato. Ele deu um passo adiante. *Você se lembra de como ela morreu?* Sua voz estava baixa, calma e perigosa. Engoli em seco, pois não havia saliva em minha boca. Fiz que sim com a cabeça. Papai fechou os olhos e pareceu tentar controlar alguma coisa, mas era forte demais para ele, porque começou a gritar e a chutar o sofá. **MENTIROSO. VOCÊ É UM MENTIROSO, JAMES**. Eu me espremi contra a parede. Papai jogou uma almofada e ela atingiu a luminária, que balançou e rangeu. *Não sou mentiroso*, protestei, caindo de joelhos enquanto Papai avançava pelo carpete. A urna chacoalhou na prateleira da lareira. *Como pôde fazer isso?*, esgoelou-se Papai, a voz ressoando em meus ouvidos como um iPod no volume máximo. *Se está dizendo a verdade, como pôde fazer amizade com aquela menina?*

Jas pediu *Deixe ele em paz* e rastejou para meu lado. Ela estava chorando e seu braço tremeu quando envolveu meus ombros. *Você sabia disso?*, rosnou Papai, inclinando-se sobre Jas e gritando no rosto dela. *Você sabia que a namorada de James é muçulmana?* Jas olhou para mim, mas não pareceu decepcionada nem zangada, apenas curiosa, e me deu um aperto secreto que queria dizer *Eu não me importo*. *A fdp de uma TERRORISTA*, urrou Papai, salpicando o queixo de saliva. Quis lhe dizer que estava enganado porque todos os terroristas que tenho visto na TV são homens com mais de vinte anos e não meninas com menos de onze, mas Papai socou a parede logo acima da minha cabeça e tive de esconder o rosto.

Meus olhos estavam pressionados contra os joelhos, mas podia ouvir que Papai estava chorando. Ele fungava e escorria muco das narinas para a garganta de modo que suas palavras soavam pesadas e grudentas. *Você nunca chorou por ela*, disse ele, e aí me senti culpado, como se cada coisa que tivesse dado errado na nossa família fosse minha culpa. Cutuquei meus olhos para fazer com que se enchessem de água.

Não pode amá-la, falou Papai, a voz subitamente baixinha. Espiei por entre os dedos. Ele caminhou até a lareira e olhou fixo para a urna. *Não se você escreveu todas aquelas mentiras, fingindo que Rose estava viva quando ela está morta já faz*

cinco anos. Não se você é amigo de uma muçulmana. Tirou a urna da prateleira e ela tremeu em suas mãos e os dedos suados deixaram marcas no dourado. *Veja o que eles fizeram com ela, James,* disse ele, estendendo a urna. *Veja o que os muçulmanos fizeram com sua irmã.* Ele não parecia mais zangado, apenas mais triste do que a pessoa mais triste de que consigo me lembrar, que no momento é o Homem-Aranha quando o Tio Ben morre. Jas chorou com mais intensidade ainda e desejei que meus olhos também conseguissem fazer isso.

Tudo ficou em silêncio e percebi que havia acabado, mas não sabia se era uma boa começar a falar outra vez. Fiquei sentado com as costas na parede, as palmas formigando e a cabeça doendo e fiquei observando os ponteiros do relógio tiquetaquearem em volta de um círculo. Após três minutos e trinta e um segundos, Papai colocou a urna de volta na prateleira, enxugou os olhos e saiu da sala. Ouvi um copo tilintar e o *plunc-pss* de uma lata sendo aberta. Jas me pôs de pé e falou *Vamos para o seu quarto.*

Sentamos no parapeito e observamos as estrelas. Os gêmeos estavam lá e o leão também. O prateado no céu brilhava sobre a neve, tornando a grama parecida com diamantes. *Meu horóscopo disse que hoje ia ser terrível,* comentou Jas. *Mas não imaginava que fosse ser tão terrível assim.* Sua respiração formava círculos de vapor na vidraça. Na condensação ela escreveu um enorme J e depois seu nome, e usou o mesmo J para escrever meu nome. Todas as letras escorreram ao mesmo tempo e ficou bem legal. Ela perguntou *Você está bem?* e eu respondi *Estou.*

Sinto saudades da Mamãe, falou Jas de repente, e foi estranho porque eu tinha acabado de pensar a mesma coisa. *Eu gostaria que ela ainda estivesse aqui.* Encarei o chão. *Ela não foi à Tarde dos Pais,* falei com uma vozinha de nada. Jas recostou-se contra a janela. *Eu não achava que ela ia.* Esfreguei os dedos dos pés no carpete. *Mas talvez ela tenha ficado engarrafada na estrada,* falei. *Se houve um engarrafamento, ela pode ter desistido e voltado para casa. Sabe como ela é. Vai ver que foi isso que aconteceu.* Jas remexeu num fio de cabelo cor-de-rosa. *Talvez* ela tenha concordado, mas não olhamos um para o outro. Aquela palpitação voltou, tipo uma daquelas velas mágicas de aniversário que a gente não consegue apagar. Não reconheci a sensação, mas, fosse qual fosse, me apavorou.

Ficamos em silêncio por algum tempo. Roger atravessou o jardim na ponta dos pés, as patas laranja deixando buracos cintilantes na neve. Ele olhou dentro do lago

congelado. Fiquei imaginando se meu peixe estava vivo em algum lugar embaixo de todo aquele gelo. Jas suspirou. *Espero que Leo esteja bem.* Puxei um fio da almofada e falei *Também espero que Sunya esteja.* Aí sorri, mesmo sabendo que não era engraçado. *Papai deve mesmo odiar a gente.*

É, concordou Jas, enrugando a testa. *E Mamãe.* Eu tinha falado aquilo de brincadeira, e quando estava para dizer isso Jas pousou o queixo nos joelhos, toda pensativa e séria. *Quando era pequena, eu tinha cinco ursinhos. Edward, Roland, Bertha, John e Burt.* Não entendi por que ela estava me falando de seus brinquedos. *Meu urso se chamava Barney,* eu disse devagar. Jas desenhou cinco linhas na condensação na vidraça. O esmalte preto estava lascado onde ela roera as unhas. *Eu amava todos eles. Em especial Burt, que não tinha olhos. Mas um dia eu o perdi. Deixei num ônibus na Escócia quando a gente foi visitar a vovó e nunca mais eu o vi.* Roger desapareceu debaixo de um arbusto, caçando. Bati na janela para fazê-lo parar. *Fiquei tão chateada,* continuou Jas. *Chorei durante horas. Mas fiquei aliviada ao voltar para os meus outros ursos em Londres.* Ela apagou uma das linhas da vidraça e olhou para as outras quatro. *Eu os amei ainda mais porque havia um a menos.*

Era uma história sem sentido, por isso não soube o que dizer. Fiquei calado e esperei. *Talvez seja assim que eles também vão se sentir,* disse ela. *Um dia. Quando toda a dor passar.* Não sabia se estava falando dos ursos ou de Mamãe e Papai, mas ela parecia mais nova, de jeito nenhum como a minha irmã mais velha, e eu, que queria que ela se sentisse bem, por isso disse apenas *Eles vão.* Jas apertou os joelhos contra o peito. *Você acha mesmo?,* perguntou, e eu fiz que sim de uma maneira sensata. Ela sorriu trêmula e falou com pressa. *Então eles vão nos amar por nós mesmos, sem pensar em Rose, e Mamãe vai voltar para casa e tudo vai ficar bem.*

A gente pode fazer ela voltar para casa, falei de repente, saltando do parapeito. *A gente pode fazer ela voltar para casa e tudo vai ficar bem.* Entreguei-lhe o envelope amassado que estava escondido debaixo do meu travesseiro. Ela o abriu e dessa vez quando leu as palavras *Venha a Manchester para mudar sua vida* não chamou de *monte de porcaria* ou coisa assim. Ela escutou meu plano. Cheguei à parte em que a gente entrava no teatro após ter cantado a nossa música e Mamãe e Papai tinham as mãos dadas porque estavam muito orgulhosos, e dessa vez Jas não disse *Isso nunca vai acontecer.* Ela sussurrou *Eu adoraria que eles voltassem às boas* e fechou os olhos, imaginando o primeiro abraço dos dois.

Vamos fazer isso então, falei, empolgado. Os testes são daqui a três semanas. Há uma porção de tempo para ensaiar. As pálpebras de Jas tinham talco preto por cima. Elas se contraíram de repente, como se ela sentisse dor. Não consigo mais aguentar o Papai. Toda essa... hesitou e inspirou fundo, *bebedeira*. Era a primeira vez que um de nós pronunciava essa palavra e na verdade significava álcool e náusea e decepção em vez de suco ou coisa assim. Ainda bem que Jas estava de olhos fechados, porque eu não sabia o que fazer com meu rosto ou com as mãos ou com a enorme verdade de que o nosso pai era um bêbado.

Eu só tenho quinze anos, falou ela bem alto, abrindo os olhos de repente e parecendo furiosa. *Você quer mesmo participar dessa porcaria de concurso?*, perguntou. Confirmei com a cabeça e, após uma pausa, minha irmã disse *Tudo bem*.



A ÚLTIMA SEMANA DO semestre foi uma droga. Sunya não falava comigo e fiquei de saco cheio das bolas de neve que Daniel jogava no meu rosto e do gelo que enfiava pela minha camisa de Homem-Aranha, e com o fato de todo mundo receber cartão de Natal, menos eu. Havia uma caixa de correio na biblioteca e a gente podia enfiar nela os nossos cartões e no final do dia eles os retiravam e os entregavam para as pessoas na sala de aula. O diretor fazia a entrega com um gorro de Papai Noel e entrava na nossa sala fazendo *Ho ho ho*. Depois lia os nomes nos cartões que estavam em sua mão e havia sempre um montão para Ryan, um montão para Daniel e alguns para Sunya. Isso me confundiu a princípio porque Sunya ficava sempre sozinha no pátio, por isso fiquei surpreso por ela ser tão popular. Mas aí vi que todos os seus cartões eram desenhados com hidrocor sobre papel A4 e eram assinados com a letra dela por super-heróis. Ela se enviou um do Batman, um do Shrek e um do Duende Verde, que todo mundo sabe que é o maior inimigo do Homem-Aranha. Ela colocou este perto do seu estojo de lápis para que eu pudesse ver.

A gente não se falava desde a Tarde dos Pais e ela não usava mais meus lápis especiais. Havia tanta coisa que eu queria falar com ela sobre o Maior Show de Talentos da Grã-Bretanha e o nosso plano de enviar uma carta para Mamãe e deixar um bilhete para Papai dizendo para ele ir ao teatro do Manchester Palace no dia 5 de janeiro. Eu quero cantar para ela a nossa música, mostrar para ela nossos passos de dança e dizer para ela que eles resolverão tudo. Quando Mamãe voltar, Papai parar de beber e eles esquecerem tudo sobre Rose, Papai estará feliz demais para odiar Sunya. Talvez ele não goste que sejamos amigos, mas Mamãe vai dizer *Deixe-os em paz* e Sunya virá tomar chá. A gente vai comer pizza tropical e eles esquecerão que ela é muçulmana.

Daqui a dois dias é véspera de Natal. Não creio que o carteiro venha em 24 de dezembro ou em 25 de dezembro ou em 26 de dezembro e não havia nada nesta manhã a não ser uma daquelas cartas tristes de uma instituição de caridade que pede para você pensar em todas as pessoas famintas da África enquanto come o peru. Vou tentar me lembrar delas quando estiver comendo meu jantar de Natal, que este ano será com sanduíches de frango porque Jas é quem está preparando. Não creio que as pessoas das instituições de caridade vão se importar com o que eu comer desde que *Reserve um pensamento para aqueles que morrem de fome* enquanto estiver na mesa.

Se não houver carteiro no Natal, então resta apenas o dia de amanhã para Mamãe me enviar um presente. Estou tentando ficar ansioso. Fico imaginando um gordo pacote sobre o capacho da porta da frente, mas sempre que penso no cartão com *Feliz Natal, filho* em grandes letras azuis sinto aquela estranha palpitação de algo que me amedronta. Agora ela nunca some de vez.

Perguntei à sra. Farmer com quanto tempo de antecedência ela teria de pedir ao diretor se precisasse de um dia de folga. Ela pareceu irritada por eu estar falando com ela e ficou olhando para o cartaz acima de sua escrivaninha como se todos os respingos de café nos anjos tivessem sido minha culpa. Finalmente ela disse *Se fosse importante o suficiente, eu teria uma folga de imediato. Agora vá lá para fora brincar e pare de fazer perguntas tolas.*

Se fosse importante o suficiente. Não conseguia tirar essas palavras da minha cabeça. Elas zuniam em volta do meu cérebro e me deixavam tonto. Quando redigimos histórias, minha caneta não tocou o papel, e quando tivemos aula de matemática, inventei os números, e quando tivemos artes, desenhei as ovelhas maiores do que os pastores, porque não estava me concentrando. Parecia um rebanho de ovelhas assassinas que ia atropelar o berço.

Na peça da escola surpresa surpresa a gente saiu um pouco do esquema do estábulo e fui gente pela primeiríssima vez. Ganhei o papel do homem que dizia *Não há vagas na estalagem*, mas ninguém foi assistir e assim não teve importância. Jas não conseguiu voltar da escola a tempo e Papai não tem saído da cama desde a Tarde dos Pais. Sunya a princípio ganhou o papel de Maria, mas quando chegava à estalagem não parava de gemer e segurar a barriga como se fosse dar à luz. No último ensaio, a sra. Farmer puxou Sunya da cadeira no meio do palco, a fez ficar de quatro e lhe disse que ela era um boi e que se mantivesse no fundo do estábulo.

No último dia, fiquei desesperado para falar com Sunya, mas não conseguia pensar em como começar. Quando ela não estava olhando, atirei meu lápis para baixo de sua cadeira e estava para pedir que o apanhasse quando a sra. Farmer me expulsou de sala por jogar objetos pontiagudos pela classe. Ela disse *Você podia ter furado o olho de alguém*, o que era uma mentira. O lápis estava mal-apontado e de qualquer modo eu o joguei bem para baixo, então, a não ser que houvesse um anão invisível andando por ali, o lápis não chegaria nem perto dos olhos de ninguém. Quando tive permissão para voltar à sala de aula, o lápis continuava junto aos pés de Sunya, mas não ousei pedi-lo porque a sra. Farmer havia deixado óbvio que eu o tinha arremessado de propósito. Tive de fazer meu gráfico a caneta e o preenchi todo errado e não pude apagar, pois deixaria uma marca horrível. Mas não importa. Não estou mais interessado em notas altas. Jas tinha razão sobre a escola. Não é mesmo tão importante assim.

Quando chegou a hora de ir embora, a sra. Farmer disse *Feliz Natal e Próspero Ano-Novo. A escola volta a funcionar em 7 de janeiro, portanto, verei todos vocês nesse dia*. O tempo para fazer as pazes estava acabando, logo permaneci na sala enquanto todos saíam e observei Sunya arrumar suas coisas. Ela levou séculos nisso, colocando os livros certinhos numa pilha e cuidando para que suas hidrográficas estivessem todas com as tampas e na ordem do arco-íris. Tive a impressão de que esperava que eu falasse, mas ela cantarolava muito alto e vovó sempre diz *É falta de educação interromper*. Cinco fios de cabelo balançavam diante de seu rosto e ela os afastava dos olhos sem parar. Palavras como *Perfeito* e *Brilhante* e *Linda* voaram em volta de minha cabeça, mas, antes que eu conseguisse dizer alguma coisa, Sunya saiu. Foi pegar o casaco e eu a segui, ela andou apressada pelo corredor e eu a segui, e ela irrompeu porta afora para a saída, mas parou quando eu gritei *EI*.

Não foi a palavra mais legal que eu podia ter dito, mas chamou sua atenção. Ela se virou. A maioria das pessoas tinha ido embora e já estava escuro, mas o *hijab* de Sunya reluzia como fogo sob as luzes alaranjadas da rua. Eu queria dizer *Feliz Natal*, mas Sunya não festeja a data, aí eu falei *Feliz Inverno*. Ela pareceu um pouco confusa e entrei em pânico ao pensar que talvez ela também não festejasse as estações. Ela passou a andar de costas e estava se afastando cada vez mais e mais e eu não queria que ela desaparecesse na noite, então gritei a primeira coisa que me veio à cabeça. *FELIZ RAMADÃ*.

Sunya parou de se mover. Corri para ela e estendi a mão e repeti. *Feliz Ramadã*. As palavras saíram quentes no ar gelado e cada sílaba soltou vapor. Sunya me encarou por um longo tempo e eu sorri cheio de esperança até ela afirmar *O Ramadã foi em setembro*. Fiquei com medo de tê-la ofendido, mas então seus olhos começaram a cintilar e a sarda no lábio se contraiu como se ela fosse sorrir. As pulseiras tilintaram. Ela ergueu o braço. Meus dedos tremeram quando sua mão se movimentou em direção à minha. Vinte centímetros as separavam. Dez centímetros a separavam. Cinco centí...

Alguém tocou uma buzina e Sunya deu um pulo e ofegou *Mamãe*. Correu pelo caminho de cascalho e entrou no carro. A porta bateu com um ruído. O motor deu a partida. Dois olhos cintilantes me observaram através do vidro da frente. Meus dedos ainda tremiam quando o carro desapareceu na rua escura.



Jas comprou para mim uma porção de presentinhos de Natal: uma régua e uma borracha do Manchester United e um desodorante novo porque eu tinha gastado o outro todo. Ela embrulhou tudo e botou num dos meus meiões de futebol para que parecesse uma meia. Fiz para ela uma moldura de cartolina e grudei nela a única foto de nós dois que consegui encontrar. Sem Mamãe. Sem Papai. Sem Rose. Apenas eu e Jas, e cerquei nós dois com flores pretas e cor-de-rosa, porque ela é menina e essas são suas cores favoritas. E comprei para ela uma caixa de seus chocolates favoritos para fazê-la comer alguma coisa, pois está magrinha demais.

A gente fez sanduíches de frango com recheio e batata chips de micro-ondas e comeu diante do Homem-Aranha. Não foi tão bom quanto o que me lembrava do meu aniversário, mas curti mesmo assim, sobretudo a parte em que o Homem-Aranha derrota o Duende Verde. Roger mordiscou pedacinhos do meu sanduíche, mas Jas não tocou nos dela. *Estou guardando espaço para os meus chocolates*, explicou, e comeu três deles mais tarde, o que fez eu me sentir bem. Ela não parava de olhar de relance pela janela com uma expressão triste no rosto, mas sempre que eu percebia ela a mudava para um sorriso.

Mamãe não mandou nenhum presente e Papai não faz ideia de que dia é hoje, porque fica o tempo todo deitado na cama e bebe e ronca e bebe e ronca, portanto, também não nos deu nada. A única coisa que ele fez o Natal inteiro foi bater no

chão do quarto e gritar *Parem com essa barulheira*, quando a gente entoava cânticos de Natal o mais alto possível.

Às nove horas houve uma batida na janela e Jas olhou para mim e eu olhei para ela e nós dois fomos na encolha até a cortina. Por um milissegundo pensei que podia ser Mamãe batendo na vidraça e fiquei chateado com o meu coração por ter batido tão depressa quando eu sabia que não era ela. Afastamos a cortina do caminho e a respiração de Jas fez cócegas em meu ouvido. Eu não conseguia ver nada, apenas neve no jardim da frente, mas quando meus olhos se acostumaram ao escuro pude ver uma frase escrita na brancura. Eu Te Amo. Jas guinchou como se fosse para ela e me senti decepcionado, porque aquilo significava que não era para mim.

Ela vestiu as botas de cano alto do Papai e foi lá fora na ponta dos pés, e pareceu esquisita com o cabelo cor-de-rosa e o vestido longo verde se arrastando pela neve. Pressionei o rosto contra a vidraça e observei-a encontrar o cartão que Leo tinha deixado no jardim. Vi o modo como seus olhos brilharam, o sorriso ardeu e o coração estufou no peito como um bolo crescendo no forno enferrujado que a gente usa para assar na escola. Beijou o cartão como se fosse a melhor coisa do mundo e isso me deu uma ideia.

Levei duas horas para fazê-lo. Com meus lápis especiais, desenhei uma porção de flocos de neve e um boneco de neve que parecia comigo e um boneco de neve que parecia com ela e cobri a coisa toda com purpurina. Roger ficou sentado ao meu lado enquanto eu trabalhava no chão do meu quarto, e, como não parou de se meter no meio, agora tem grãos prateados reluzentes no rabo. Era mais fácil escrever no cartão do que dizer na frente de Sunya, por isso coloquei todas as coisas que quis dizer desde o comecinho. Coisas tipo *Obrigado por ser minha amiga* e *Eu gosto de olhar para sua sarda* e *Papai é um valentão, mas não sou como ele, então, por favor, use o anel de massa*. Contei-lhe tudo sobre o teste e como todas as coisas ficariam perfeitas assim que Mamãe voltasse para casa e se acertasse com Papai e que poderíamos ser amigos após 5 de janeiro. Apesar de estar ficando sem espaço, convidei-a para ir ao teatro do Manchester Palace para assistir ao concurso de talentos e disse que ela ficaria espantada com a voz de cantora de Jas e impressionada com meus passos de dança. Assinei com o nome do único super-herói de quem ela não recebeu um cartão na escola. Homem-Aranha.

Tive de esperar que Jas fosse dormir para sair escondido e enviar o cartão. Na primeira vez que fui sorrateiramente ao quarto dela para ver se seus olhos estavam fechados, Jas estava cochichando no celular e me disse *Dá o fora seu sacaninha espião*. Mas na segunda vez que chequei ela dormia profundamente com a mão pendurada para fora da cama, a boca aberta e o cabelo cor-de-rosa um emaranhado sobre o travesseiro. Os sinos de vento soaram quando fechei de leve a porta dela.

Eram onze horas quando calcei as botas de cano longo. Roger esfregou a pelagem laranja contra a borracha vermelha como se soubesse que estávamos prestes a viver uma aventura. Seus olhos verdes pareceram maiores do que o normal ao irmos na ponta dos pés na direção da porta da frente. Eu fiz *Ssshhi* porque ele começou a ronronar. No chalé silencioso, aquilo soava tão alto quanto o motor de um caminhão. A porta rangeu quando eu a abri e a neve fez um barulho quando pisei nela, mas ninguém ouviu e saí de casa sem ser visto.

Parecia tão travesso estar na rua na noite de Natal que eu esperava que sirenes da polícia comessem a soar, as luzes comessem a piscar e alguém gritasse *Você está preso*. Mas nada aconteceu. Estava tudo silencioso. Tudo que eu conseguia ver era a lua saltando nos topos congelados das montanhas negras. Eu estava livre.

Senti uma vertigem e comecei a gargalhar e Roger me olhou como se eu tivesse pirado. Sentia como se não houvesse mais ninguém no mundo todo exceto eu e meu gato e a gente pudesse fazer qualquer coisa que quisesse, qualquer coisa mesmo. Dancei ali mesmo, agitei as mãos no ar e sacudi o bumbum e ninguém viu. Ali mesmo girei, cada vez mais e mais rápido, a neve apenas um borrão branco que passava zunindo pelos meus olhos. Pulei para cima de um muro e caminhei por ele, meu sorriso maior do que tem sido desde que fiz o gol da vitória. O cartão se agitou na brisa e imaginei Sunya lendo-o, talvez até mesmo beijando o lugar onde eu tinha escrito Homem-Aranha.

Isso me fez sentir que podia voar, então pulei do muro e bati os braços e por um milissegundo realmente parei sobre a neve antes de pousar sobre um pé. Meu sangue borbulhava como Coca-Cola numa festa, o corpo formigava e eu tinha mais energia do que nunca. Roger fez *Miau*, e respondi *Eu sei o que você quer dizer* e disse a ele que ia encontrá-lo nos fundos do chalé. Beije seu focinho úmido e os bigodes fizeram cócegas em meus lábios. Aí saí correndo o mais depressa possível e o vento frio ferrou minhas bochechas.

Minhas mãos bateram no portão de Sunya. Eu estava ofegando meu pulso estava disparando meus pés estavam doendo e o suor estava escorrendo. Aquela era a coisa mais corajosa que eu já tinha feito e dei um sorriso largo ao empurrar o portão para abri-lo e correr pelo acesso à casa de Sunya. Quando pulei a cerca, voei um pouquinho antes de aterrissar no jardim dos fundos. Eu era um pássaro e Wayne Rooney e Homem-Aranha, tudo junto, e não havia nada que me amedrontasse, nem mesmo Sammy, o cachorro, que começou a rosnar na cozinha.

Coloquei o cartão sobre a grama e apanhei uma pedra. Joguei-a na janela de Sunya, mas ela atingiu dois metros abaixo na parede. Apanhei outra. Essa saiu voando por cima do telhado. Nos livros eles fazem parecer a maior moleza acertar no vidro, mas precisei de onze tentativas. Quando a pedra bateu na janela, saí correndo e me escondi atrás de um arbusto, porque eu queria observar Sunya encontrar o cartão. Contei até cem. Não aconteceu nada. Sammy, o cachorro, estava enlouquecido, latindo e arranhando e rosnando, mas nem liguei. Achei uma pedra maior e dessa vez foi perfeito e atingi a janela com força.

Disparei de volta para o arbusto, cortando a bochecha num espinho, mas não ardeu nem um pouquinho. Dessa vez só precisei contar até treze. Uma cortina se contraiu e um rosto moreno surgiu na janela. Uma luz se acendeu.

O rosto moreno era de um homem. O pai de Sunya falou alguma coisa por cima do ombro para uma pessoa que eu não consegui ver. Ele olhou para o pátio, as árvores, a grama e Sammy rosnava e fiquei com medo que o soltassem e que ele me encontrasse no arbusto.

O pai de Sunya não viu o cartão. Após passar cinco minutos checando por ladrões, ele fechou a cortina e desligou a luz e Sammy latiu um pouco mais e logo depois ficou quieto. Não ousei me mexer e permaneci o mais imóvel possível, embora um graveto estivesse se enfiando em minha perna e meu pé direito estivesse dormente. Encarei a janela sem piscar e meus olhos ficaram secos. Queria que Sunya abrisse a cortina, queria que ela encontrasse o cartão e queria fazê-la feliz porque ela tem andado muito triste na escola. Pensei na mão dela e na minha e como elas quase se tocaram, e fiquei imaginando o que teria acontecido se a mãe dela não tivesse tocado a buzina.

Após mais ou menos um milhão de anos achei que era seguro me mexer. Um relógio de igreja bateu meia-noite quando rastejei para fora do arbusto e os galhos quebraram e a manga da minha camiseta rasgou. Quando o apanhei, o cartão estava

todo empapado. A neve o tinha encharcado através do envelope. Eu estava decidindo se devia deixá-lo, ou levá-lo de volta para casa, ou deixá-lo na caixa de correio de Sunya, quando ouvi a porta da cozinha deslizar e se abrir.

Eu deveria ter corrido ou deveria ter me escondido ou deveria ter deitado no chão e me coberto de neve, mas meu corpo não se mexeu. Eu estava de costas para a casa, sem fazer ideia de quem estava lá e dei um pulo quando uma língua molhada lambeu minha mão. Sammy sacudiu o rabo, que bateu na minha perna trêmula. contei até três e virei e ali estava ela. O lenço envolvia seu cabelo, mas não tão apertado quanto o normal. Parecia que o tinha colocado com uma baita pressa. Ela usava um pijama azul e pude ver os dedos de seus pés e eles eram pequenos morenos e retos e pareciam bonitos contra o chão da cozinha.

Ela me encarou e eu a encarei, ela não sorriu. Eu disse *Oi* e ela colocou o dedo nos lábios para me mandar ficar calado. Caminhei até ela e meus braços pareceram longos demais minhas pernas desajeitadas demais e o meu rosto pareceu quente demais. Estendi o cartão, mas ela não pareceu feliz como Jas tinha ficado. Falei *Este é um cartão especialmente para você, e fiz ele de papel e purpurina*, para o caso de ela não se tocar do quanto era especial. Ela não disse *Obrigada*, nem *Uau!*, ou deu um gritinho como as meninas fazem quando estão felizes. Ela fez *Ssshii* e olhou por cima do ombro como se estivesse com medo de que alguém pudesse ver.

Forcei-o em sua mão e esperei que ela abrisse o envelope. Se ela visse o boneco de neve com a camisa de Homem-Aranha e o boneco de neve com *hijab*, eu sabia que ia achar engraçado e ia sorrir. Mas escondeu o cartão debaixo do pijama e cochichou *Você tem de ir embora*. Como não me mexi, ela olhou outra vez por cima do ombro e falou *Por favor, apenas vá. Não tenho permissão de fazer amizade com você. Minha mãe acha que você significa encrência*. Exclamei *O QUÊ?* e ela pôs a mão sobre a minha boca. Meus lábios queimaram como no Halloween. Uma tábua de assoalho rangeu no andar de cima. Ela disse *Vá* e me afastou com um empurrão e agarrou Sammy pela coleira e o puxou para dentro. Uma luz se acendeu enquanto eu corria pela neve e Sunya fechava a porta da cozinha. E dessa vez quando pulei a cerca do jardim não senti que voava e bati na terra fria com um estrondo.





LARGUEI MEU CEREAL quando Jas entrou na cozinha. Eu mal a reconheci. *Você parece tipo...*, comecei, e ela disse *Cale a boca e Me arranje uma caneta*. Ela levou dez tentativas para conseguir escrever um recado para o Papai. Um deles dizia *Por favor, por favor, por favor, vá*, mas parecia desesperado, por isso o seguinte dizia *Esteja lá senão*, o que era um pouquinho ameaçador. Após mais oito tentativas, finalmente escreveu *Papai, temos uma surpresa para você e adorariamos que fosse hoje ao teatro do Manchester Palace. Esteja lá às treze horas para o concurso de toda uma vida*.

Eu estava mais nervoso do que a pessoa mais nervosa de que conseguia me lembrar, que no momento é o leão do *Mágico de Oz*. Minha barriga tinha dentro dela alguma coisa maior e mais amedrontadora do que borboletas. Talvez fossem águias ou falcões ou coisa assim. Mas comecei a pensar se não poderiam ser aqueles macacos com asas que sequestraram Dorothy e a levaram para a bruxa que tinha medo de água. Fossem o que fossem, não paravam de bicar minha pele e mergulhavam no voo de uma maneira nada agradável. Estava com medo de me esquecer e estragar tudo, por isso fiquei repassando a letra e os passos de dança enquanto Jas redigia o recado. Foi por isso que ela teve de se livrar da sexta tentativa da mensagem para o Papai. Bati na caneta com a perna ao dar um chute para o alto. Por algum motivo aquilo me fez rir e ela pareceu chateada e sussurrou *Poxa, Jamie*. Depois ela disse que não me deixaria ajudá-la a colocar o bilhete na cabeceira do Papai nem ajustar o despertador de seu quarto para sete e quinze caso eu fizesse muito barulho.

Eram cinco da manhã e a gente fazia silêncio, embora não houvesse necessidade. Papai não acorda no meio do dia nem com a TV da sala no volume mais alto. Mas mesmo assim a gente andava para lá e para cá na ponta dos pés e nossos corações

faziam BUUM se um de nós deixava cair alguma coisa ou falava alto demais. Jas estava com medo porque Leo ia buscar a gente no carro dele e ela não queria que Papai o visse e surtasse. Eu estava com medo porque se Papai descobrisse e impedisse a gente de ir, ele nunca mais voltaria com a Mamãe. A gente enviou uma carta para ela no dia 28 de dezembro, assim ela teve bastante tempo para chegar lá. E dessa vez o sr. Walker não teria desculpa. A faculdade fecha no Natal. Fiz o concurso parecer superimportante escrevendo *A oportunidade de uma vida*, que ouvi dizer na TV, e *Venha a Manchester para mudar sua vida*, que roubei da carta, e *Por favor, Mamãe, eu preciso muito ver você*, que eu mesmo elaborei.

Não posso acreditar que estou fazendo isso, lamentou-se Jas ao entrarmos na sala para esperar por Leo. *Meu horóscopo disse para não correr riscos hoje*. Sua respiração estava trêmula e ela mantinha a mão sobre o peito. *Vamos repassar o número mais uma vez?*, pedi, observando seus dedos tremerem. Sussurramos a letra e fiz os passos da dança, mas Roger tinha acordado e não saía do meio do caminho. Enroscava o corpo nos meus pés e eu não conseguia pular ou caminhar ou correr em volta de Jas como tenho de fazer no primeiro verso. Ele já estava me enchendo, mas eu tentava não dizer nada porque ainda me sentia mal por ter batido a porta em sua cara. Mas, quando tropecei no seu rabo brilhante, perdi isso um pouquinho. Inclinei-me e ele me olhou esperançoso como se estivesse para ser acariciado. Mas, em vez de esfregar seu pelo, agarrei-o e levei-o para o corredor e tranquei-o fora da sala. Ele ficou miando diante da porta, mas o ignorei e enfim ele se cansou e foi embora.

Ele chegou, guinchou Jas. Um carro azul encostou do lado de fora do chalé. Ela dedilhou seu novo penteado e perguntou *Está legal?*. Respondi *Está*, mesmo achando que estava com uma aparência estranha. Ela devia ter tingido o cabelo de castanho ontem à noite e ele estava amarrado com capricho em duas tranças curtas. Parecia tanto com Rose que era esquisito. Sei que eram idênticas e coisa e tal, mas agora Jas se parecia apenas com Jas. Quando entrei no carro de Leo, foi como se a alma de Rose tivesse descido daquela nuvem no céu e senti falta dos piercings e do cabelo cor-de-rosa e das roupas pretas. Jas usava um vestido florido, um casaco de malha e sapatos rasos com fivelas, as últimas roupas que Mamãe tinha comprado para ela em Londres. Eu continuava com minha camiseta de Homem-Aranha porque Mamãe ficaria decepcionada se eu aparecesse sem ela. Deixei-a com a melhor aparência possível ao limpá-la com um pano e ajeitar a manga com alfinetes.

Leo ergueu as sobrancelhas quando viu Jas. Ela olhou-o com a cara toda estressada e explicou *É só por hoje* e Leo pareceu aliviado, mas disse *Você parece fofinha*. Então Jas deu uma risada e ele riu e eu me senti deslocado e por isso também ri, e aí seguimos o nosso caminho. A gente dirigiu depressa porque a carta dizia que os primeiros a chegar se exibiriam primeiro e só haveria tempo para cento e cinquenta números se apresentarem no palco. A gente foi a toda velocidade e atravessou montanhas e o sol nasceu enquanto subíamos colinas e passávamos zunindo por fazendas e ziguezagueávamos por veredas no campo. Num determinado ponto, a gente estava dirigindo de frente para o sol e o carro se encheu daquela luz laranja-amarela e a sensação era de quentura, como estar dentro de uma gema de ovo ou coisa assim. E tudo parecia lindo e tudo parecia esperançoso e de repente eu mal podia esperar para entrar no palco.



Uma garota com uma prancheta se aproximou de nós quando chegamos e perguntou *Qual é o seu número?* e Jas respondeu *Canto e dança* e a garota suspirou como se fosse a coisa mais maçante que já tivesse ouvido. Ela nos deu um número, que era cento e treze, e avisou *Estejam prontos às dezessete horas para se apresentar. Terão três minutos no palco, ou menos se os juízes não gostarem de vocês*. Olhei para o relógio na parede. Eram onze e dez.

Havia uma porção de gente na sala de espera. Palhaços fazendo malabarismo com frutas, vinte meninas com saíotes de balé, cinco mulheres com cachorros que faziam truques, nove mágicos tirando animais de cartolas e um lançador de facas tatuado cortando uma maçã com uma lâmina que mantinha entre os dentes de ouro. Eu e Jas encontramos duas cadeiras de madeira no meio da sala e esperamos.

O tempo passou depressa. Repassamos nosso número duas vezes a cada hora. Havia tanta gente para assistir e tanto para pensar a respeito que, cada vez que eu olhava para o relógio, os ponteiros pareciam ter pulado trinta minutos adiante. Fiquei imaginando Papai encontrar o bilhete ao lado da cama, correr para o chuveiro e escolher uma roupa elegante para o concurso. Fiquei imaginando Mamãe colocar um lindo vestido e dizer *Não é de sua conta aonde eu vou, Nigel* e comprar para nós um cartão de felicitações no posto de gasolina na estrada para Manchester. Os dois provavelmente se encontrariam do lado de fora, sorririam e sacudiriam as

cabeças e diriam *Crianças* de um modo suspirante-orgulhoso, como se não pudessem mesmo acreditar que nós fôssemos corajosos o suficiente para organizar uma surpresa tão grande. Eles escolheriam lugares perto do palco, dividiriam um sorvete e curtiriam todos os cento e doze números antes do nosso, mas então a gente chegaria e Jas pareceria exatamente como Rose, Papai ficaria feliz por ela ter voltado ao normal e os dois fariam *Uau!* quando eu começasse a dançar vestido com minha camisa de Homem-Aranha.

Essa foi a primeira coisa legal que pensei na sala de espera. A segunda mais legal envolvia dois olhos cintilantes e duas mãos morenas aplaudindo com mais força do que qualquer um quando eu cantasse a última nota e erguesse o braço no ar.

Os cento e cinquenta números iam para o palco. A perna de Jas começou a se contrair. Ela parecia pálida e jovem em suas roupas novas com o novo penteado e senti uma forte necessidade de protegê-la. Coloquei os braços em volta de seus ombros, mesmo que fosse difícil alcançá-los, e ela sorriu e sussurrou *Obrigada*. Seus ossos salientavam-se da pele e observei *Você devia comer mais*. Ela pareceu surpresa. *Está magra demais*, falei, e seus olhos se encheram de lágrimas. Meninas são estranhas. A gente deu as mãos e esperou.

Cento e oito. Cento e nove. Cento e dez. Havia agora apenas mais dois números antes do nosso. A sala de espera começava a ficar vazia. Cheirava a suor, tinta para pintura facial, comida rançosa e fazia o maior calor porque os aquecedores estavam na potência máxima. A música começou para o número cento e onze. O velho cantou apenas cinco notas quando seu CD foi desligado e os juízes lhe disseram que ele não tinha talento. A plateia começou a entoar *Fora Fora Fora Fora* e Jas ficou verde. *Não posso fazer isso*, falou, sacudindo a cabeça e segurando a barriga. *Realmente não acho que possa fazer isso. Meu horóscopo disse para não correr riscos*.

O velho passou pela porta de saída do palco e desabou numa cadeira. Colocou a cabeça calva entre as mãos e os ombros sacudiram porque ele estava chorando. Câmaras de TV o tinham seguido para fora do palco e estavam dando um zoom e um close e ele exclamou *Vão embora!*, como se tivesse surtado, quando na verdade estava apenas chateado pelo seu sonho ter acabado. Havia lantejoulas por toda a sua camiseta, lantejoulas por toda a sua calça, e ele devia ter levado dias para costurar todas elas e só conseguiu ficar no palco por apenas dez segundos.

Palavra, eu não posso fazer isso, falou Jas, e fitava o velho com aquele olhar aterrorizado no rosto. *Meu horóscopo estava certo. É uma má ideia. Sinto muito, Jamie*. Ela de fato levantou-se e começou a caminhar para fora. Eu pensava que ela estava apenas sendo dramática. *Espere*, pedi, e minha voz saiu como um guincho. Fiquei apavorado porque Jas estava indo embora. *Por favor, não vá*. Ela não ouviu. Agora estava correndo e as tranças quicavam e estava perto da porta que dizia SAÍDA. A garota com a prancha gritou *Número cento e doze*, e um homem vestido de Michael Jackson inspirou fundo e se levantou. Jas estava na porta. Seus dedos pressionaram em volta da maçaneta. Não podia deixá-la ir embora. *Pense na Mamãe*, berrei. *Pense no Papai. E Leo*. Ela empurrou a porta para abrir e uma rajada de ar gelado entrou, mas Jas não saiu. Corri até ela e segurei sua mão. *Você acha mesmo que eles estão assistindo?*, sussurrou, os olhos bem abertos no rosto branco. *Acho*, respondi. *Leo nos deixou aqui e prometeu que...* Ela sacudiu a cabeça. *Leo não*, disse ela, mordendo o lábio com força. Uma minúscula pinta de sangue gotejou do corte. Ela a limpou com o dedo. Tinha até mesmo tirado o esmalte preto das unhas e as tinha pintado com um suave cor-de-rosa. *Mamãe*.

Aquela palpitação voltou outra vez, mais forte do que antes, e pela primeira vez soube exatamente o que era. Dúvida. Se a inveja é vermelha, então a dúvida é preta, e a sala ficou toda escura e foi o oposto do carro gema de ovo. Tudo pareceu horrível e tudo pareceu sem esperança. Pensei no meu aniversário, no P.S. e na Tarde dos Pais, mas fiz que sim com a cabeça e confirmei *Ela está aqui*.

Ela não veio no Natal, lembrou Jas numa vozinha que nunca a tinha ouvido usar. Uma lágrima escorreu pela sua face enquanto a música “Thriller” de Michael Jackson começava no palco. *Não veio*, falei, minhas entranhas apertadas num nó. *Mas vai ver que ela achou que não tinha sido convidada*. Jas me olhou com aqueles olhos marejados. *Eu convidei*, sussurrou ela, e o nó ficou ainda mais apertado. Lembrei-me de como Jas ficou olhando de relance pela janela no dia de Natal. *Mandei um cartão para ela e pedi que viesse e assasse o peru*. Ela agora chorava muito e era difícil ouvir o que dizia, e era difícil me concentrar porque minha barriga doía muito. *E escrevi para ela antes disso. Conte tudo sobre Papai e que a gente precisava de ajuda porque ele bebe demais e não cuida direito da gente. Mas ela não veio, Jamie. Ela nos abandonou*.

Na TV, o pior comercial para mim é aquele chamado Adote um Cão. Ele mostra todos aqueles cachorros diferentes que foram deixados pelos donos em cestas ou caixas ou à beira de estradas desertas. Sempre há uma música triste tocando e os rabos dos cachorros estão todos abaixados e os olhos cheios de dor. Aquele homem com sotaque londrino fala e fala sobre como os cachorros foram abandonados e que ninguém no mundo os ama o bastante para cuidar deles. E é isso que ser abandonado significa.

Mamãe nos ama, afirmei, mas tudo que conseguia ouvir em minha cabeça era o sotaque londrino dizendo *Jamie precisa de um novo dono*, e tinha de bloquear isso. *Mamãe nos ama Mamãe nos ama Mamãe nos...* Jas sacudiu a cabeça e suas tranças balançaram junto às orelhas. *Não ama, Jamie*, rebateu ela, a voz estrangulada. Lágrimas pingaram de seu queixo. *Como pode amar? Ela nos abandonou. No meu ANIVERSÁRIO*. Jas gritou essa última parte porque eu tinha tapado os ouvidos com as mãos para não ouvir as palavras. Comecei a cantar a música de Michael Jackson. Não queria ouvir mais nada. *Meu aniversário*, repetiu, afastando minhas mãos da cabeça e fechando meus lábios com seus dedos. *E desde então não temos notícias dela*. Lutei para me livrar. *Está mentindo*, berrei, batendo o pé, subitamente furioso. O lançador de facas olhou para nós e sacudiu a cabeça, mas não liguei. Meu sangue estava fervendo, queimava através do corpo e eu queria chutar e bater o pé e berrar e gritar e deixar que tudo emergisse como num pesado vulcão. *Isso não é verdade. Mamãe me mandou um presente e foi o melhor presente que eu já ganhei e amei e VOCÊ ESTÁ MENTINDO*.

A música “Thriller” parou.

Número cento e treze.

Jas abriu a boca para dizer alguma coisa. Esperei, ofegando, mas ela sacudiu a cabeça como se tivesse mudado de ideia. *Beleza. Mamãe mandou um presente de aniversário para você. Grande coisa*.

Número cento e treze, chamou de novo a garota com a prancheta, parecendo de saco cheio daquilo. Olhou de uma velha senhora com sapatos de sapateado para um menininho com um papagaio, para mim e Jas. *Cadê você? Um um três, apresente-se agora*.

Jas enxugou os olhos e olhou para baixo para sua roupa. *Olhe só para mim*, disse baixinho, alisando o vestido florido. *Olhe para você*. Toquei os alfinetes na manga

da camiseta. *Olhe o que fizemos por eles. E para quê, Jamie? Mamãe não deixaria Nigel para vir até aqui*, garantiu Jas e pôs a mão na minha cabeça, e a sensação foi de segurança, parei de ofegar e tentei me acalmar. *E Papai vai estar bêbado demais para sair da cama. É uma perda de tempo*. Pus a mão em cima da dela. *Mas poderia não ser*, falei e engoli toda a dúvida, toda a decepção e toda a raiva, e elas eram grandes demais, como pílulas de vitamina que são difíceis de enfiar pela garganta mesmo com água. *Por favor, Jas. Por favor. Só para o caso de eles estarem assistindo. Não quero desistir deles*. Jas fechou os olhos como se estivesse pensando.

Número cento e treze, gritou a garota, batendo a caneta na prancheta. *O tempo está passando. Os juízes estão esperando e se não vierem, tipo, AGORA mesmo, vocês perderão a chance*.

Toquei o braço de Jas. *Por favor*. Ela abriu os olhos, me encarou e então sacudiu a cabeça. *É uma perda de tempo, Jamie. Eles não estão aqui. Não aguento ver você decepcionado. Não mais uma vez*.

Número cento e treze. A garota olhou em volta da sala uma última vez e aí desenhou uma enorme cruz na prancheta. *Beleza. Em vez disso vamos ao número cento e quatorze*.



M INHAS PERNAS CEDERAM e desabei no chão. A cabeça mergulhou nas mãos. As chapinhas dos sapatos da velha senhora ecoaram na sala de espera quando ela caminhou em direção à porta para o palco.

ESPERE, berrou Jas, e meu coração parou de bater. *ESPERE. Nós somos o cento e treze. Estamos aqui.*

Levantei os olhos e Jas me ofereceu a mão. Segurei-a e ela me puxou para me pôr de pé. *Estou fazendo isso por você*, sussurrou, e os cantos da minha boca quase tocaram os lóbulos das orelhas ao dar o meu maior sorriso de todos. *Não é por Mamãe. Não é por Papai. Não é por Rose. Você. Nós.* Assenti e corremos adiante e meu coração começou com um batimento que fez as costelas vibrarem. A garota com a prancheta suspirou com impaciência. *Eu não devia deixar vocês entrarem*, vociferou, mas abriu a porta para o palco e subimos correndo a escada e de repente havia luzes, câmeras e centenas de olhos brilhando na escuridão do teatro.

Entramos no palco. A plateia ficou em silêncio. Reconheci um dos dois juízes da TV. Ele revirou os olhos ao ver minha camisa. *E vocês são?*, perguntou. Eu não sabia se a resposta certa era Homem-Aranha, ou James Aaron Matthews, ou apenas Jamie, portanto disse todas as três. A plateia deu um daqueles risinhos de zombaria e fiquei imaginando se Mamãe, Papai e Sunya tinham vindo. Jas apertou meus dedos. Eles estavam grudentos de suor. *E quem é você?*, o homem quis saber, e minha irmã respondeu *Jasmine Rebecca Matthews*, e ele retrucou *Não é a Supermoça nem a Mulher-Gato?*, daquele modo sarcástico. O braço de Jas começou a sacudir. Quis dar um chute no juiz por tê-la apavorado.

O que vão fazer hoje para nós?, a mulher juíza perguntou. Sussurrei *Cantar e dançar*. O homem bocejou. *Que original*, comentou, e centenas de pessoas riram e a

mulher bateu nele com o punho e pediu *Comporte-se*, mas aí ela também deu uma risadinha. Tentei sorrir como se a gozação não fosse comigo, mas meus dentes estavam muito secos e o lábio superior se prendeu. *O que vão cantar?*, perguntou a mulher quando todos ficaram quietos. Jas sussurrou “The Courage To Fly”. Ambos os juízes gemeram e o homem bateu com a cabeça na mesa e a plateia explodiu de novo numa gargalhada. Ergui o olhar para Jas. Ela tentava ser corajosa, mas podia ver lágrimas em seus olhos e me senti mal porque ela estava se arriscando por minha causa e não estava valendo a pena. Eu meio que esperei que Papai nos defendesse ou que Mamãe corresse até o palco e dissesse *Não ouse fazer isso com as minhas crianças*. Mas nada aconteceu.

O homem mandou *Então vamos logo com isso*, como se a gente o estivesse aborrecendo, e de repente eu não queria dançar e não queria cantar. Era uma coisa preciosa demais para executar diante de pessoas que não entendiam. Fazia calor debaixo dos refletores e a camisa de Homem-Aranha grudava no meu corpo. Ela parecia maior do que nunca, ou eu me sentia menor do que nunca, e sabia que minha aparência não era nada boa. Mamãe ficaria decepcionada, e eu me senti culpado, como se a estivesse deixando na mão.

A gente não tinha um CD e ninguém para nos acompanhar e assim não sabia quando começar. Ficamos meio que parados ali. Todo mundo esperando. Algumas pessoas vaiaram. Não queria que Mamãe ou Papai os ouvissem, mas não ousava cantar. A plateia começou a entoar *Fora Fora Fora Fora* e agora o corpo todo de Jas tremia, não apenas o braço. Não era isso que deveria acontecer. Estava dando tudo errado e eu não sabia como endireitar.

Fora Fora Fora Fora.

O pânico cresceu dentro do meu peito como uma daquelas ondas que quebram de repente na praia e encharcam tudo. *Fora com esses dois*, gritou o homem de repente, abanando a mão como se estivesse expulsando uma mosca. *Eles são uma perda de tempo.*

NÃO. Jas falou bem alto, mais um berro do que qualquer outra coisa, e a plateia ficou em silêncio. NÃO. Os juízes olharam surpresos para Jas. Ela devolveu o olhar toda brava, brilhante, e as lágrimas tinham sumido, o tremor tinha sumido, e de repente ela era minha irmã rebolando, sorrindo para o céu como se nada no mundo

fosse capaz de amedrontá-la. E porque ela não estava com medo, eu não estava com medo. Então começamos a cantar.

Your smile lifts my soul into the sky. Seu sorriso eleva minha alma ao céu.

Your strength gives me the courage to fly. Sua força me dá a coragem para voar.

A kite, I soar so grounded yet free. Uma pipa, elevo-me às alturas preso à terra, porém livre.

Your love brings out the best in me. Seu amor revela o que há de me...

A gente foi mais longe do que o velho. Talvez quinze ou dezesseis notas a mais. Não ouvi o juiz dizer *Parem* porque estava correndo no fundo do palco batendo minhas asas como uma fada, ou um pássaro, ou fosse lá o que deveria estar voando na canção. Quando me dei conta de que Jas tinha parado de cantar, meus braços se grudaram nas laterais e a caminhada de volta para a frente do palco pareceu mais longa do que uma maratona, que a sra. Farmer diz ter quarenta e dois ponto cento e noventa e cinco quilômetros e não é boa para as juntas dos joelhos.

Eu nunca fiquei tão impressionado e tão enojado ao mesmo tempo, declarou o homem. *Isso foi brilhante e horrendo. Fantástico e terrível.* Não fazia ideia do que ele estava falando e não estava nem mesmo ouvindo porque vasculhava a plateia para ver se conseguia localizar Mamãe. *Você foi a parte horrenda*, falou o homem apontando para mim. *Quero dizer, isso era para ser de fato uma dança?* Era uma pergunta, mas não parecia precisar de resposta, então eu apenas dei de ombros. O homem deu um daqueles sorrisos maliciosos e cruzou os braços e a plateia caiu na gargalhada. *Mas você*, continuou, apontando para Jas. *Você foi a parte brilhante. Foi absolutamente magnífica. Onde aprendeu a cantar assim?* Jas pareceu surpresa e explicou *Minha mãe me ensinou quando eu era pequena, mas não canto faz cinco anos.* O homem cochichou algo por trás da mão para a mulher. As câmeras deram um zoom neles e depois em nós. A plateia prendeu a respiração. *Sim, sim, concordo*, disse a mulher, e o homem se voltou para nós com um sorriso. *Gostaríamos que tentasse de novo*, pediu ele, e Jas concordou com a cabeça e eu me preparei para agitar os braços e cantar a primeira nota. *Sem os passos de dança. Sem seu irmão.*

Jas olhou-me como se não soubesse o que fazer, mas ergui o polegar. Era melhor ela ir em frente do que nós dois sermos eliminados. E sei que ela é melhor do que

eu, portanto não foi na realidade um choque. Eu canto bem, mas é ela quem tem voz de anjo. Desejei que Papai estivesse prestando atenção.

O homem apontou para uns degraus na lateral do palco que levavam à plateia. Fui até eles e me sentei enquanto Jas inspirou fundo. As luzes do palco desapareceram, todas exceto uma. Ela ofuscou Jas e a fez piscar. O homem cruzou os braços e recostou-se na cadeira. A mulher pousou o queixo na mão. Jas foi mais à frente e o refletor a seguiu. *Quando estiver pronta*, falou o homem, e Jas começou. Baixinho a princípio. Trêmula. Mas após alguns versos seus ombros descontraíram, a boca se alargou e o som era maravilhoso. Voava pelo ar como aquela pipa em St. Bees.

Jas cantou com cada fibra de seu corpo. Cantou com os olhos, as mãos e o coração e quando atingiu a nota mais alta a plateia estava de pé e os juízes aplaudiam e todos vibravam, mas ninguém tão alto quanto eu. Esqueci onde estava. Esqueci que estava num palco diante de centenas de pessoas e talvez de Mamãe e talvez de Papai e de uma porção de câmeras de TV. Me esqueci de tudo, menos de minha irmã e das palavras de sua música. Pela primeira vez elas fizeram sentido e me deram a corajosa sensação de que aquele leão no céu estava em alguma parte do meu peito.

A música terminou. Jas fez uma ligeira reverência ao mesmo tempo em que o teatro inteiro urrava. Os juízes apontaram para mim e em seguida para o meio do palco. Me levantei e me senti como um menino diferente e torci para que Mamãe notasse como meus ombros estavam empurrados para trás e como meu peito estava estufado, como se fosse uma grande gaita de fole para dentro da qual um escocês tivesse soprado orgulho.

Bem, a música foi um lixo, começou o homem. A plateia vaiou, mas dessa vez estava do nosso lado. *Uma escolha realmente horrível*. Eu sorri e Jas sorriu. A gente não ligava para o que os juízes achavam. Não mais. *A dança foi apavorante*, prosseguiu o homem. *E o jovem Homem-Aranha aqui, bem, você pode ser um super-herói, mas com certeza não sabe cantar*. Jas botou a mão no meu ombro. *Mas você, mocinha. Digamos apenas...* ele fez uma pausa dramática e olhou Jas bem nos olhos, *que foi o melhor teste que vi hoje*. A plateia aplaudiu. *Veremos você na próxima fase*. A plateia vibrou. *Sem seu irmão, é claro*. A plateia riu. *O próximo*, gritou o homem, e estava na hora de sairmos. Comecei a deixar o palco.

Vocês não vão, não, falou Jas e parei e dei meia-volta, e os juízes ergueram as sobrancelhas. *Nós não vamos o quê?*, quis saber o homem. A voz de Jas era alta e clara quando respondeu *Vocês não vão me ver na próxima fase*. A plateia arfou. O homem pareceu chocado. *Não seja ridícula*, disse ele. *Esta é a chance de toda uma existência. Este concurso pode mudar a sua vida*. Jas segurou minha mão e a apertou. *E se a gente não quiser que ela mude?*, indagou e aí olhou, não para os juízes, mas para a plateia. Ergueu a voz e eu sabia com quem ela estava falando. *Não farei nenhum teste sem Jamie. Não abandonarei meu irmão. Famílias devem se manter unidas*.



Deixamos o palco ao som de palmas que duraram um tempão. A garota com a prancheta sacudiu a cabeça, mas todos os demais participantes se juntaram à nossa volta. Disseram *Aquilo foi brilhante* e *Parabéns*, e, embora na maioria fosse para Jas, acho que um pouquinho foi também para mim, e a sensação foi ótima. Ofereci a mão aos nossos fãs e apertei cada uma das deles como se fosse Leo ou Wayne Rooney e minha camiseta pareceu se ajustar e me senti crescer. Talvez fosse diferente ter dois dígitos na idade afinal de contas. Então nos sentamos e esperamos o programa terminar e não conversamos porque nossa felicidade era grande demais para palavras.

Vamos procurar o Leo, sugeriu Jas uma hora depois, quando o último número, um homem que cantava ópera de cabeça para baixo, se encerrou. Deixamos a sala de espera. Estava escuro lá fora e a neve continuava caindo. Caminhamos até a entrada principal e lá havia aquelas enormes luzes cintilantes, todas dispostas no telhado parecendo imensos brinco balançando. O tapete era vermelho, os corrimões dourados, e o teatro cheirava a doces e sucesso. Eu procurava por Sunya, procurava por Papai e procurava procurava por Mamãe, um sorriso do tamanho de uma lua nova no meu rosto.

Abrimos caminho por entre a multidão e todos nos olhavam e cumprimentavam com a cabeça e sorriam porque nos reconheceram de antes no palco. Um homem ergueu a mão para uma batida na minha, mas eu errei. E uma velha grasniu *Vocês me fizeram chorar* e eu disse *Cale a boca*, mas Jas falou *Obrigada*, pois aquilo devia

ter sido um elogio, apesar de parecer algo ruim. Jas estava à procura de pontas verdes e eu procurava um moreno faiscante e nossos pescoços estavam esticados, os olhos dardejavam, os pés caminhavam a passos largos e as cabeças giravam e então...

PARAMOS. Nós os vimos no mesmo exato momento. A vinte metros de distância. Dois rostos, olhando em direções opostas. Silenciosos. Como estranhos. Não era Leo. Nem Sunya. Eram Mamãe e Papai.

Mamãe!

Gritei o mais alto possível, mas ela não ouviu.

Mamãe!!

Muita gente se agrupava em volta da entrada do teatro. Fui empurrado para o lado por um homem maquiado como palhaço. *Você foi formidável*, guinchou a mulher dele, beijando seu reluzente nariz vermelho. Ficando na ponta dos pés, tentei avistar Mamãe por cima das cabeças deles.

Botas pretas.

Jeans.

Casaco verde.

E mãos.

Mãos cor-de-rosa, vivas, de verdade, que seguravam uma bolsa preta, mexendo no zíper prateado. Mãos que tinham preparado jantar, friccionado dores de cabeça e enfiado casacos sobre minha cabeça em dias frios. Mãos que tinham me agasalhado na cama. Mãos que me ensinaram a desenhar.

Caraca!, exclamou Jas. *Ela veio mesmo*. Ficamos parados e olhando, o teatro rumorando à nossa volta.

Mamãe estava bronzeada. Os olhos estavam cercados por todas aquelas rugas que eu não tinha visto antes. E havia cortado o cabelo. Havia alguns fios grisalhos perto das têmporas e mechas louras em cima. Ela parecia diferente. Mas estava ali. Alisei a

camiseta, endireitei o colarinho e ajeitei as mangas, sem nunca tirar os olhos de Mamãe para o caso de ela desaparecer.

De repente ela nos avistou. Jas falou um palavrão. Eu acenei e Mamãe ficou vermelha e ergueu o braço, mas não movimentou a mão, que caiu para o lado. Ela falou alguma coisa para Papai, que a ignorou. *Vamos nessa*, sussurrou Jas, colocando o braço em volta de mim. Eu podia sentir suas costelas subirem e descerem à medida que abríamos caminho através da multidão.

O tempo corria lento demais e rápido demais, tudo ao mesmo tempo, e a gente estava diante de Mamãe e o ar estalava como Rice Krispies, porque centenas de sensações surgiam e estouravam no espaço entre nós. Esperei que ela me abraçasse, ou me beijasse o topo da cabeça, ou notasse minha camisa de Homem-Aranha, mas ela apenas sorriu e olhou para o chão.

Oi, falei. Oi, respondeu Mamãe. Oi, murmurou Jas. Inclinei-me para a frente e abri os braços. Mamãe não se mexeu. Eu já tinha ido longe demais para sair do abraço. Tive que continuar. Fui na direção de Mamãe e passei meus braços em torno dos dela, chocado ao descobrir que eu quase chegava até seus ombros, quando costumava ter a mesma altura de seu peito. *Ela encolheu*, pensei, o que era uma estupidez, mas era o que parecia. Tivemos contato por menos de dois segundos. Quis que o abraço fosse perfeito, mas foi frio e duro e me fez pensar em peças de quebra-cabeça que não se encaixam, não importa o quanto a gente force.

A música de vocês foi linda, disse Mamãe quando ela se afastou. Suas palavras pareceram vazias, como se tivessem sido escritas com um lápis bem fino numa enorme folha de papel e houvesse espaço demais no interior de todas as letras. *Você tem muito talento*. Eu disse *Obrigado*, quando Mamãe observou *Que voz*. Ela estava falando com Jas, não comigo, e enrubesci.

Silêncio.

Queria contar para Mamãe sobre o meu gol, os truques de Halloween e a galinha preta no jantar de assados do Papai. Queria lhe contar sobre a sra. Farmer e as piroquinhas no estábulo de Daniel e como conheci uma amiga que era a melhor garota do planeta, depois de minha irmã. Se Mamãe tivesse me perguntado, ou mesmo olhado na minha direção, tudo isso teria sido extravasado. Mas ela apenas olhava para o chão.

Vamos sair daqui, propôs Papai enfim. Ao sairmos do teatro, ele fez algo que nunca tinha feito. Colocou a mão sobre meu ombro e deu um aperto.

A calçada estava congelada e os flocos de neve pareciam laranja ao flutuarem diante das luzes da rua. Alguém tocou uma buzina e Leo passou velozmente, cabelo verde atrás de um volante preto, disparando pela rua. *Quem é?*, perguntou Mamãe, e Jas deu de ombros. Era muito difícil explicar. Mamãe tinha perdido muita coisa. Mas ficaria a par. Eu a ajudaria. A gente tinha todo o tempo do mundo.

Papai tirou do bolso as chaves do carro. Sacudiu-as. *Pronta?*, perguntou a Jas. Ela fez que sim. *Jamie*, falou, e eu sorri. Essa era a parte que eu estava esperando.

Estava apenas imaginando se Mamãe telefonaria para Nigel e lhe diria que estava tudo terminado e o chamaria de escroto, quando ela disse *Acho que verei vocês em breve*. Achei que ela queria dizer *Lá no chalé*, porque teria de dirigir seu carro, por isso falei *Vou com você*. Os ombros de Jas subiram até as orelhas como se tivesse acabado de ver um cachorro correr para o meio da rua e não tivesse podido fazer nada para impedir que ele se machucasse. Papai ficou pálido e fechou os olhos. Mamãe esfregou o nariz. Não entendi por que todos agiam de modo estranho. *Vou lhe mostrar o caminho*, falei, e ela perguntou *De volta para Londres?*, e aí eu entendi.

Só estava brincando, justifiquei, e forcei uma risada, mas cada *ha* queimou minha garganta. Mamãe tirou da bolsa um par de luvas e as colocou nas mãos cor-de-rosa. *Bem, tchau, então*, despediu-se. *Foi adorável ver vocês. Estão se saindo muito bem*. Papai bufou. Mamãe retraiu-se. Um ônibus atravessou a neve meio derretida e encharcou as pernas nuas de Jas.

Tome, falou Mamãe, tirando um lenço de papel da bolsa. Entregou-o a Jas, que o olhou de modo inexpressivo. *Enxugue as pernas*, mandou Mamãe, a voz subitamente de volta ao normal. Impaciente. Um pouquinho mordaz. Era o melhor ruído do mundo. Jas fez o que ela mandou. *Você está linda*, comentou Mamãe enquanto Jas esfregava as canelas. Estufei o peito para que o tecido vermelho e azul ficasse bem embaixo do nariz de Mamãe. Ela nem o olhou de relance. *É tão parecida com sua irmã*.

Vamos, apressou Papai. *A neve está ficando pegajosa*. Mamãe concordou com a cabeça. *Vejo vocês em breve*, ela mentiu, tocou no ombro de Jas e alisou minha cabeça. *E parabéns*.

Mamãe se afastou, botas pretas sobre a neve, casaco verde rangendo. Não reconheci suas roupas. Eram novas. Fiquei imaginando quando as tinha comprado. No meu aniversário. Ou na tarde do jogo de futebol. Ou talvez na Tarde dos Pais.

Então de repente eu estava correndo atrás dela, desviando-me dos dançarinos e cantores e das centenas de rostos felizes, todos vermelhos de frio. *Mamãe*, gritei com o máximo de minha voz. Mamãe. Ela se virou. *O que foi, querido?*, perguntou, e eu quis berrar *NÃO ME CHAME DISSO*, mas tinha coisas mais importantes para dizer.

Estávamos parados do lado de fora de um restaurante italiano e podia sentir cheiro de pizza e deveria estar com fome, mas minha barriga doía demais para querer comida. Podia ouvir gente rindo, garçons falando e copos tilintando como fazem quando a gente deseja *Saúde*. O restaurante brilhava com velas e eu desejei estar lá, longe daquela rua fria e cinzenta.

O que foi?, repetiu Mamãe. Não queria fazer a pergunta. Tinha medo da resposta. Mas pensei em Jas e nas palavras da música e me forcei a ser corajoso. *Você vai trabalhar amanhã?*, ofeguei. Mamãe pareceu confusa. Apertou o casaco em volta do corpo. *Por quê?*, perguntou, como se estivesse preocupada que eu fosse lhe pedir que ficasse mais tempo. *Só quero saber*, murmurei. Ela sacudiu a cabeça. *Não. Parei de dar aulas meses atrás*.

Tudo começou a girar. Pensei num globo num suporte de metal, uma mão girando-o e girando-o. *Então não trabalha mais para o sr. Walker?*, indaguei, dando-lhe a chance de mudar sua resposta, odiando o modo como meu coração batia no peito com o último restinho de esperança. Mamãe sacudiu a cabeça outra vez. *Não*, disse ela. *Não tenho emprego. Andei fora. Viajando. Nigel teve de fazer uma pesquisa no Egito para seu livro e fui com ele. Só voltei na véspera do Ano-Novo*. Bem, isso explicava o bronzeado.

Mamãe abriu a bolsa mais uma vez. Tirou quatro envelopes, dois com minha letra na frente, dois com a de Jas. *Não as recebi a tempo*, falou baixinho, como se se desculpasse, como se quisesse que eu dissesse que não tinha problema ela ter perdido a Tarde dos Pais e tudo bem por ter perdido o Natal. *Eu teria vindo*, afirmou. Não sabia se ela estava falando a verdade.

Eu tinha mais uma pergunta e essa era ainda mais difícil de fazer. O mundo girava mais depressa, carros, pessoas e prédios num vertiginoso borrão em volta de

mim e Mamãe. *A camiseta*, comecei, meus olhos numa poça da calçada. *Ah sim*, fez Mamãe. *Eu quis lhe dizer*. Ela sorriu. *É brilhante*. E sorri de volta, apesar de tudo. Ela esfregou o tecido entre o indicador e o polegar. *É uma linda camisa. Onde a conseguiu? Ela realmente cai muito bem em você, James*.



NEM MESMO RESPONDI quando voltamos para o chalé e Papai perguntou se eu queria chocolate quente. Por algum motivo, eu tinha passado a viagem toda pensando em terremotos e, ao entrar em casa, tudo que podia ver era o chão tremendo e prédios desabando em algum lugar distante como a China. Fiquei imaginando se havia terremotos em Bangladesh e se Sunya me falaria sobre eles na escola. Ela não foi ao concurso de talentos, embora eu a tenha convidado no cartão de Natal e tenha coberto o *Por favor* com purpurina dourada. Ela ainda devia estar zangada comigo e por isso não ia querer falar tão cedo sobre desastres naturais. *Você quer um chocolate quente?*, perguntou Jas baixinho. Apenas confirmei com a cabeça e subi a escada para procurar Roger. Ele não estava no meu quarto. Sentei-me no parapeito e observei meu reflexo na vidraça. A camiseta de Homem-Aranha parecia um lixo.

Talvez Mamãe estivesse brincando. Ou talvez tivesse esquecido que a mandou.

Sim. Tinha de ser isso. Assenti e meu reflexo concordou de volta.

Ela tinha esquecido.

Mamãe sempre esquece as coisas. Vai aos supermercados e não se lembra do que quer comprar. E nunca encontra suas chaves porque esquece onde as coloca. Certa vez, apareceram no freezer debaixo de um saco de ervilhas congeladas e ela não fazia ideia de como tinham ido parar ali. Não admira que não consiga se lembrar de uma coisa que aconteceu cento e trinta e dois dias atrás.

Papai entrou com o meu chocolate. O vapor redemoinhava para fora da caneca azul. *Aqui está*, anunciou ele, sentando-se na minha cama. Desde que mudamos para o chalé, Papai só esteve uma vez no meu quarto, e isso quando estava bêbado à procura do banheiro.

Eu não sabia o que dizer, por isso tomei um golinho da bebida, embora estivesse quente demais e queimasse minha língua. *Bom?*, perguntou, gesticulando com a cabeça para a caneca. Não estava, mas fiz *Mmmm* assim mesmo. Ele não tinha mexido direito o pó do chocolate. Estava todo no fundo da caneca, parecendo lama. Mas estava quente e doce e Papai o tinha feito, então estava ótimo. Ele parecia todo contente consigo mesmo enquanto me observava beber. *É bom para os ossos. Você crescerá forte como Rooney se beber um desses por dia*, afirmou. *Eu farei para você*. Ele estava ficando vermelho e esfregava o queixo com a mão e fazia um ruído legal por causa da barba. Eu disse *Tudo bem* e, ao se levantar, ele apertou meu ombro pela segunda vez naquele dia.

Vou ao local da obra na segunda-feira de manhã, anunciou de repente, olhando para os pés ao se movimentar para trás e para a frente e para trás e para a frente sobre a purpurina do carpete. *Se eles ainda me quiserem. Isso me fará bem. Será algo para me ocupar*. Pigarreou, embora não tivesse nada na garganta. *Algo para ficar sóbrio*.

Quando borrifo meu desodorante, todas as minúsculas gotículas permanecem no ar por um tempão e não desaparecem. Foi isso mesmo que a palavra *sóbrio* fez. Ela simplesmente ficou pairando ali e não pude erguer o olhar porque não queria vê-la girando em volta do Papai. Olhei para o pó no fundo da caneca como se fosse a coisa mais interessante que já tinha visto. Era marrom-escuro quase preto e secava em formas engraçadas. Jas lê seu horóscopo, algumas pessoas leem mãos e algumas leem folhas de chá para prever a sorte. Dei uma olhada nas bolhas do chocolate em pó, mas elas não me revelaram nada sobre meu futuro. *Acabou?*, perguntou Papai, e respondi *Sim*. Ele apanhou a caneca e saiu do meu quarto.

Não consegui dormir. Fiquei deitado na cama com dor na barriga e rolava para o lado direito e depois virava de costas e depois rolava para o lado esquerdo e depois para a frente, mas não conseguia ficar confortável. Minha cama estava quente demais e virei o travesseiro para conseguir algo mais fresco. Não parava de repetir *Ela esqueceu que mandou ela esqueceu que mandou*, mas a dúvida tinha voltado e tudo estava escuro e não acreditava nas palavras em minha cabeça.

Mamãe largou o emprego meses atrás. Mamãe não trabalha para o sr. Walker nem para qualquer outro patrão malvado. Mamãe não estava ensinando quando a

convidei para a Tarde dos Pais. Nem mesmo estava no país quando Jas a convidou para o Natal.

Ela estava no Egito com Nigel enquanto a gente permanecia sentado no chalé, esperando.

Mas ela foi ao teatro. Dirigiu todo o caminho de Londres a Manchester para ver a gente no concurso. Isso tinha de significar alguma coisa.

Eu me sentia trêmulo e tonto. Não sabia no que acreditar. Todos os fatos que eram fortes e seguros e grandes e verdadeiros estavam vindo abaixo. Como prédios num terremoto. Eles não acontecem apenas na China ou em Bangladesh. Havia um no meu quarto e ele estava sacudindo as coisas para cima, esmagando coisas no solo e mudando minha vida para sempre.

Vovó sempre diz *Cuidado com o que deseja, pois isso pode se tornar realidade*, e sempre achei que era burrice. Até agora. *Ligue para este número para mudar sua vida*. Eu gostaria de nunca ter pegado o telefone.



Quando abri os olhos, a luz do sol vazava pela janela. Pisquei doze vezes para me acostumar à luz. Bocejei e isso fez minha cabeça doer e os olhos parecerem machucados. Não tinha dormido muito bem. Saí da cama e esperei que Roger esfregasse o pelo em minhas canelas e envolvesse o rabo nos meus tornozelos, mas ele não estava lá. Eu não o via desde que tinha voltado do concurso. Olhei pela janela. O jardim estava brilhando demais para poder enxergar algo com o sol refletindo na neve. Consegui apenas ver a árvore, o pequeno lago e os arbustos. Mas nada de Roger.

Corri para a cozinha. Olhei a tigela de Roger. A comida ainda estava lá. Sem ser comida. Corri para a sala. Olhei atrás do sofá. Procurei atrás das cadeiras. Disparei escada acima. Estranhos cheiros de substâncias químicas saíam por baixo da porta de Jas. Girei a maçaneta e entrei. *Saia do meu quarto*, berrou ela. *Estou nua*. Provavelmente uma mentira, mas fechei os olhos. *Você viu Roger?*, perguntei. *Não desde ontem de manhã*, respondeu ela. *Você fechou a porta da sala e o deixou do lado de fora quando a gente estava ensaiando o número*. Se culpa fosse um animal, então

seria um polvo. Todo pegajoso e ondulante com centenas de tentáculos que envolvem suas entranhas e as apertam bem apertadas.

Fui ao quarto do Papai. Ele dormia deitado de costas com a boca escancarada, roncando alto. Sacudi-o. *O quê?*, gemeu, cobrindo o rosto com o braço e lambendo os lábios secos, que estavam cobertos de um treco marrom que parecia chocolate quente e ele não cheirava muito forte a álcool. *Você viu o Roger?*, perguntei, e Papai respondeu *Eu o deixei sair ontem antes de dirigir até Manchester*, e aí voltou a dormir.

Calcei as botas, vesti um casaco e saí.

Procurei no jardim dos fundos. Gritei o nome de Roger. Nada aconteceu. Guinchei tipo camundongo e chiei tipo coelho para tentar fazer com que ele parasse de ficar zangado e começasse a caçar. Ele não saiu de seu esconderijo. Olhei para cima da árvore para ter certeza de que ele não estava entalado num galho e procurei por marcas de patas, mas a neve era recente e não havia nenhuma marca. O lago havia derretido e meu peixe estava nadando e falei *Olá novamente*, antes de deixar o jardim.

Roger não é um gato mal-humorado, por isso fiquei surpreso por ele estar sendo tão rabugento. Desci a rua e minha cabeça ficou quente por causa do sol, mas meus pés ficaram frios por causa da neve. Toda vez que alguma coisa se mexia, eu esperava ver a cara laranja de Roger. Primeiro foi um pássaro, depois uma ovelha, depois um cachorro cinzento correndo pelo caminho com um laço vermelho de Natal amarrado ao pescoço. Fiz uma festinha nele e falei *Cachorro bonito* para o dono. *Ele é um pouco ativo demais para meu gosto, rapaz*, observou o velho, que fumava cachimbo e usava um gorro achatado na cabeça. O cabelo era da cor exata do pelo do cachorro e ele tinha um rosto bondoso e olhos castanhos com sobrancelhas pesadas que o faziam parecer sonolento. *Você viu um gato?*, perguntei. *Um arruivado?*, indagou o homem, franzindo a testa. *Sim*, respondi, rindo porque o cachorro pulou e pôs as patas geladas sobre minha barriga. *Desça, Fred*, murmurou o homem. Fred balançou o rabo e o ignorou. *Um gato arruivado?*, repetiu o homem, e não entendi por que ele ficou pálido ou por que sua mão tremeu quando ele apontou para mais abaixo da rua. *Bem ali*.

Obrigado, agradei aliviado. Empurrei Fred para baixo. Ele lambeu minhas mãos e sacudiu o corpo todo. *Sinto muito*, disse o velho, com a voz vacilante. *Sinto muito*.

E foi quando percebi.

Foi quando percebi que Roger não estava se escondendo. Foi quando percebi que ele não estava apenas de mau humor. Sacudi a cabeça. *Não*, falei. *Não*. O velho mordeu a ponta do cachimbo. *Sinto muito, rapaz. Acho que seu gato...*

NÃO!, rugi, empurrando o velho para fora do meu caminho. NÃO. Desci a rua correndo, com medo do que poderia ver, mas desesperado para encontrar Roger e mostrar ao velho que ele estava errado, que Roger estava bem, que meu gato estava apenas...

Oh!

Em toda a neve branca havia uma reluzente bolha laranja. Pequena. Deitada na rua. Cinquenta metros distante. *Não é ele*, falei para mim mesmo, mas meu sangue congelou como aquela bruxa em Nárnia que tinha decretado inverno, mas sem Natal. O sol brilhava sobre minha cabeça, mas eu não conseguia senti-lo. Não queria dar outro passo, mas os pés não atendiam ao cérebro e se movimentavam depressa, muito depressa, rua abaixo. Podia ser uma raposa. Trinta metros distante. Por favor, que seja uma raposa. Vinte metros. Era um gato. Dez metros. E estava coberto de sangue.

Olhei para Roger. Seu rabo brilhante cintilava à luz do sol. Esperei que ele se mexesse. Esperei por cinco minutos inteiros para que ele, alguma coisa, qualquer coisa se mexesse. Mas Roger estava imóvel. As pernas pareciam muito rígidas e as orelhas pareciam muito pontudas e os olhos eram bolas de gude verde sem vida.

Detesto coisas mortas. Elas me dão medo. O camundongo de Roger. O coelho de Roger. Roger. Inspirei fundo. Não ajudou. O polvo agarrava meus pulmões e os apertava com força. Não havia ar suficiente. Nunca haveria ar suficiente. Comecei a ofegar.

Pensei na última vez que vi Roger. Ele ronronou em meus braços, mas o larguei no carpete do corredor. Fechei a porta na cara dele quando ele queria apenas um carinho. Ignorei seus miados diante da porta e nem ao menos disse adeus quando fui para o teste. Não disse adeus. E agora era tarde demais.

A neve embaixo de Roger estava vermelha. Uma súbita rajada de vento soprou seu pelo e ele pareceu frio, então avancei na ponta dos pés. Meus dentes chacoalhavam na cabeça. Os ombros se moviam para cima e para baixo enquanto eu tentava sugar ar para dentro do peito. Estava agora a apenas dois metros. Caí de joelhos e me arrastei para mais perto. Devagar. Devagar. Meu coração batia contra as costelas.

A lateral de Roger estava aberta por um corte. Parecia profundo e grudento. As patas da frente estavam torcidas num ângulo esquisito. Quebradas. Rompidas. Pensei em Roger entrando escondidinho nos arbustos, em Roger correndo pelo jardim e em Roger pulando para fora de meus braços e pousando sobre patas fortes que ainda funcionavam. Não conseguia aguentar a ideia dele todo quebrado, cortado e frio. Eu tinha de ajeitá-lo.

Botei o dedo para fora. Movi o braço para a frente. A ponta do dedo roçou o pelo, mas minha mão voou para trás como se tivesse acabado de tocar em alguma coisa quente. Eu ofegava com tanta intensidade que me senti desfalecer. Tentei outra vez. E outra vez e outra vez e outra vez. Pensei no coelho que ergui com gravetos e no camundongo que carreguei com papel e, por algum motivo, em Rose. Rose explodiu em pedaços. Minha garganta ardia dolorosamente. Tentei engolir, mas a saliva não descia.

Na sexta tentativa, toquei nele. Meu braço tremia e a palma da mão suave, mas pus a mão nas costas de Roger e a mantive ali. Ele parecia diferente. Lembrei-me de todas as vezes que tinha colocado os dedos em sua pelagem, sentindo a pele quente, o coração palpitante e as costelas vibrando com um ronronar. Estavam imóveis, agora. Não restava vida em seus bigodes. Não restava vida em seus olhos. Não restava vida em seu rabo. Fiquei imaginando aonde tudo tinha ido.

A ardência na garganta se espalhou para as bochechas. Elas foram do frio congelante ao quente fervente em menos de um milissegundo. Alisei a cabeça de Roger. Disse-lhe que o amava. Disse que sentia muito. Ele não miou. Vi marcas de pneus na neve. Profundas, curtas e na diagonal, onde alguém tinha freado com rapidez e derrapado na rua.

Toda a dor se transformou em raiva. Com um grito de fúria, levantei-me num pulo e chutei as marcas de pneus. Eu as pisoteei. Cuspi nelas. Agarrei a neve com os dedos quentes e a joguei para o céu. Caí de joelhos e soquei as marcas de pneus com o máximo de minha força e meu punho golpeou a rua e a sensação da dor foi boa. A pele nos nós dos meus dedos se abriu. Golpeei mais uma vez a rua.

Se eu não tivesse ido ao concurso de talentos, Roger ainda estaria vivo. Ontem à noite tinha notado que ele não estava no chalé e devia ter saído à sua procura, e ele teria vindo correndo, teria esfregado o corpo nas minhas botas e seu pelo teria brilhado ao luar. Mas eu estava ocupado demais me preocupando com a Mamãe para me preocupar com Roger.

Parei de socar o chão. Levantei-me e os joelhos tremeram. Caminhei até Roger e dessa vez não senti medo de seu corpo morto. Quis abraçá-lo. Não queria deixá-lo ir embora. Queria lhe dar mil alisadas. Um milhão de afagos. Dizer todas as coisas que deveria ter dito quando ele ainda podia ouvir minha voz. Apanhei-o com delicadeza como se ele fosse uma daquelas caixas marcadas como SAGRADO. A cabeça caiu do pescoço de um jeito pesado, mas ergui-a para meu ombro. Colei seu corpo no meu e alisei seu pelo. Esfreguei sua cabeça e o balancei delicadamente, como mulheres fazem com bebês.

Sentia saudades do meu gato. Sentia tantas saudades que a ardência em minha garganta e a ardência nas bochechas se espalhou para os olhos e também os fez arder. Eles haviam começado a marejar. Não. Não marejar. Chorar.

Chorei. Pela primeira vez em cinco anos. E minhas lágrimas prateadas caíram sobre a pelagem laranja de Roger.



O DIAVA O QUANTO ele estava frio. Roger havia ficado tempo demais lá fora. Abri o zíper da minha jaqueta e o empurrei contra a camisa de Homem-Aranha. Então fechei de novo o zíper para abrigá-lo do vento e da neve que tinha começado a cair. Sua cabeça emergiu da parte de cima da jaqueta e beijei-a delicadamente. Os bigodes fizeram cócegas em meus lábios.

Levei-o para casa. Desviei de cada pedaço de gelo na rua para não escorregar. Não conseguia ver o chalé através das lágrimas, mas subi pela entrada e fui direto para o jardim dos fundos. Eu agora falava o tempo todo com Roger, contando-lhe sobre o teste, o quanto Jas tinha sido fantástica, como tinha entendido pela primeira vez a letra da música e de que modo ela podia ter me mudado. Disse-lhe que queria deixar Mamãe orgulhosa e era por isso, era por isso que o tinha deixado do lado de fora da sala. Expliquei que fechei a porta porque estava ensaiando e queria impressionar Mamãe porque eu era burro, e não tinha percebido que era inútil até ser tarde demais. Sussurrei *Mamãe é mentirosa e me abandonou e nada que eu faça jamais fará com que me ame*. Quis que Roger ronronasse ou miasse para eu saber que ele me perdoava. Mas ele estava calado.

Não sabia o que fazer com meu gato quando cheguei ao lago. Não queria enterrá-lo. Pensei em seu corpo debaixo da terra, apodrecendo, e quase enjoei. Abracei-o bem forte, desesperado para mantê-lo como estava, colado contra o meu peito, sangrando por toda a minha camiseta.

Mas sabia que tinha de fazer alguma coisa. Roger merecia um funeral adequado. Pensei em minha irmã em cima da lareira. Seria legal que meu gato também ficasse ali. Imaginei uma urna laranja com as cinzas de Roger dentro. Então ainda poderia falar com ele e alisá-lo e abraçá-lo sempre que eu quisesse. De repente entendi. De repente saquei. Por que Rose estava na urna sobre a prateleira da lareira. Por que

Papai achava muito difícil espalhá-la no mar. Por que ele lhe dava bolo nos aniversários, por que prendia o cinto de segurança nela e por que pendurava uma meia junto à urna na véspera de Natal. Era muito difícil deixá-la ir. Ele a amava demais para dar adeus.

Caí de joelhos, pus o rosto na pelagem de Roger e chorei até não conseguir respirar. Meu nariz escorria, a cabeça latejava e o rosto estava inchado, mas eu não conseguia parar. Ouvi uma janela se abrir atrás de mim. Ouvi Papai berrar *Jamie, entre. Está um gelo aí fora*. Não me mexi.

Se eu não podia ter Roger, queria suas cinzas. Encontrei dois gravetos e segurei um entre os pés e usei a mão direita para esfregar o outro nele. Envolvi Roger com o braço esquerdo e cantei em seu ouvido para que ele não ouvisse os gravetos roçarem e ficasse com medo. Mas não deu certo. Os gravetos estavam úmidos demais para pegar fogo.

Ouvi a porta dos fundos se abrir e me virei. Papai. *Está um gelo*, repetiu, mas então parou. Roger.

Papai me colocou de pé e me deu o primeiro abraço de que consigo me lembrar. Foi forte, apertado, protetor, e eu enfiei o rosto em seu peito. Meus ombros tremeram, a respiração veio em arfadas e as lágrimas molharam sua camiseta. Ele não me mandou *Ssshhü* e não disse *Acalme-se* nem perguntou *O que há de errado?*. Ele sabia que doía demais falar isso em voz alta.

Quando não restavam mais lágrimas, Papai me deu uns tapinhas nas costas e abriu o zíper da minha jaqueta. Não o impedi. Tirou Roger de mim, de leve, devagar, suavemente, e o colocou no chão. Tocou as pálpebras de Roger e as fechou com cuidado. As bolas de gude desapareceram. Roger parecia dormir de modo profundo.

Espere aqui, pediu Papai. Seus olhos estavam tristes, mas a boca era determinada. Desapareceu no interior do chalé. Um minuto depois estava de volta, carregando uma pá e um pequeno objeto que colocou no bolso. Comecei a dizer *Vamos cremá-lo*, mas Papai alegou *Não dá para acender uma fogueira na neve*. Tentei apanhar Roger, para levá-lo embora. Não queria que meu gato fosse enterrado sob a terra. Papai segurou meu braço e falou *Ele morreu*. Confirmou com a cabeça, convencendo-se de alguma coisa. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas inspirou fundo e as conteve com uma piscadela. Balançou novamente a cabeça como se

tivesse tomado uma importante decisão. Começou a cavar. Disse *O que quer que havia aí, desapareceu*. A voz estava tensa, com uma tristeza que eu achava que entendia.

Levou um longo tempo. O solo estava duro. O tempo todo que Papai trabalhou, afaguei a cabeça de Roger, dizendo-lhe várias e várias vezes que o amava. Mais lágrimas encheram meus olhos e escorreram pelo rosto. Não queria que o buraco ficasse muito fundo. Não queria que Papai terminasse. Não estava pronto para dizer adeus. Num determinado momento, Jas apareceu. Eu não a tinha ouvido. Num minuto não estava ali e no seguinte estava agachada a meu lado, chorando baixinho, alisando a pelagem suja de sangue de Roger. O cabelo dela estava outra vez cor-de-rosa. Ela o havia pintado de volta.

Papai parou depressa demais. *Está pronto*, anunciou. *Prepare-se*. Sacudi a cabeça. *Vamos fazer isso juntos*, sussurrou Papai e tirou o pequeno objeto do bolso. A urna dourada. *Vamos fazer isso juntos*.

Às vezes a sra. Farmer dizia que estava frio demais para chover e era assim que parecia o rosto de Papai. Triste demais para lágrimas. Ele foi até o lago. Jas levantou-se e cruzou os braços, abraçando o próprio corpo. Ergui Roger. Papai abriu a urna. O sol brilhou mais forte do que havia brilhado o dia todo. A luz resvalou na urna dourada, fazendo com que cintilasse.

Caminhei até o buraco. Papai despejou um pouco de Rose na mão. Não. Rose não. Rose tinha morrido. Papai despejou uma parte das cinzas de Rose na mão. Coloquei Roger na sepultura. Papai inspirou fundo. Eu inspirei ainda mais fundo. Tudo ficou imóvel por alguns segundos. Um passarinho cantou e a brisa balançou as árvores nuas. Papai largou as cinzas. Não disse adeus. Dessa vez não precisou. Rose partiu faz muito tempo.

As primeiras cinzas flutuaram até o lago, misturando-se com a neve que caía do céu. Pousaram em cima da água e afundaram. Pude ver meu peixe nadar perto da ninfeia. Apanhei a pá e juntei um pouco de lama. Minhas mãos estavam suadas no cabo metálico. Segurei a pá acima do buraco, mas não consegui virá-la. Não consegui despejar a lama em cima do meu gato. *Roger morreu*, disse a mim mesmo. *Ele morreu. Esse não é ele. Fosse o que fosse que havia ali, desapareceu*. Isso não adiantou nem um pouco. Tudo que eu conseguia ver era o focinho preto de Roger, o bigode prateado de Roger e o comprido rabo de Roger e quis tirá-lo da sepultura. Eu ainda não estava pronto para ele estar morto.

Papai virou de novo a urna. Mais cinzas caíram em sua palma. Ele trincou os dentes e virou a mão. As cinzas de Rose caíram no lago. Se Papai podia fazer isso, eu também podia. Virei a lama na sepultura.

Não conseguia olhar para Roger. Não conseguia ver seu corpo desaparecer debaixo da terra. Sussurrei *Eu te amo* e *Você sempre será o meu melhor animal de estimação* e *Vou sentir saudades suas* e aí empurrei a lama para a sepultura o mais rápido possível. Não quis esperar para ver o que Papai estava fazendo. Sabia que se eu parasse mesmo por um milissegundo não conseguiria continuar.

Bati bem a parte de cima da sepultura para deixá-la nivelada e lisa. Então larguei a pá como se ela tivesse germes ou algo assim. Não podia acreditar no que eu tinha feito. Senti enjoo de mim mesmo, enjoo do mundo, enjoo no estômago e no coração e na cabeça. Jas colocou os braços nos meus ombros e me abraçou enquanto eu chorava. Roger tinha morrido. Nunca mais o veria. Pensar nisso era apavorante demais, logo enxuguei as lágrimas dos olhos e me forcei a olhar para Papai. Ele continuava junto ao pequeno lago, ainda espalhando as cinzas de Rose na água. Aos poucos.

Fui até ele, puxando Jas pela mão. Ficamos em ambos os lados de Papai e observamos as cinzas caírem. Meu peixe nadava num belo movimento, o rabo ondulando alegremente, e algumas das cinzas pousaram em sua pele dourada e ficaram presas nas brilhantes escamas.

Agora restava apenas um punhado de cinzas. As últimas poucas partículas caíram sobre a palma de Papai. Ele ergueu a urna e olhou em seu interior, chocado por ver que não havia restado nada. Sua mão tremeu.

Não!, exclamei de repente. *Não faça isso*. Os dedos de Papai se fecharam em volta das últimas cinzas. *O quê?*, perguntou, respirando num ritmo pesado, o rosto mais branco do que a neve à nossa volta. *Não faça isso*, repeti. *Guarde essas*. Papai sacudiu a cabeça. *Rose morreu*, falou com dificuldade. Ergueu as cinzas. *Isto não é ela*. Parei de chorar. *Eu sei*, respondi. *Mas foi. Fez parte de seu corpo. Devia guardar. Pelo menos um pouco*. Papai olhou para mim e eu olhei para ele e alguma coisa grande zuniu entre nossos olhos. Ele largou as últimas cinzas dentro da urna dourada.

A gente estava congelando, por isso voltamos para casa. Papai desapareceu no andar de cima por dois minutos e Jas preparou três xícaras de chá. Não falamos enquanto as tomamos na sala. A prateleira da lareira parecia vazia sem a urna.

Deduzi que Papai devia tê-la colocado em seu quarto. Fora de vista. Mas estaria lá, se precisasse dela, e precisaria nos dias realmente tristes tipo 9 de setembro. Sei que enquanto viver nunca esquecerei que Roger morreu em 6 de janeiro, mesmo se tiver um bilhão de animais de estimação, porque nenhum deles será tão legal quanto o meu gato.

Quando terminamos o chá, a gente meio que olhou um para o outro. Alguma coisa grande nos tinha acontecido naquela manhã. Tudo estava diferente. E embora a barriga doesse, o coração doesse, a garganta doesse e as lágrimas continuassem a cair, eu sabia que a mudança não tinha sido tão ruim assim. Que alguma coisa boa também havia acontecido.

Jas continuou sem comer. Papai continuou bêbado. Mas permanecemos juntos o dia todo. Na sala. Não conversando de fato, mas também sem querer ir para nossos quartos. Vimos um filme. Jas perguntou se eu queria ver *Homem-Aranha*, mas eu disse *Não*, então, em vez disso, ela botou uma comédia. Não rimos, mas sorrimos nas melhores partes. E Papai declarou *Jas, eu gosto do seu cabelo*, e quando ela disse *Obrigada* ele rebateu *Você devia mantê-lo cor-de-rosa*. E quando estava na hora de dormir e as estrelas brilhavam no céu como se fossem centenas de olhos de gatos numa rua escura, Papai me deu o segundo abraço de minha vida. Foi tão forte, apertado e protetor quanto o primeiro. E quando estava deitado debaixo do edredom, saudoso de Roger, desejando que ele estivesse no meu parapeito em vez de deitado sob a terra, Papai veio ao meu quarto com um chocolate quente. Colocou-o em minhas mãos e foi legal sentir o vapor no rosto. Dessa vez todo o pó havia se dissolvido.



A ESCOLA RECOMEÇOU NO dia seguinte. Continuei esperando que Roger roçasse o corpo em minhas canelas quando saí da cama, ou pulasse para meu colo enquanto eu comia meu cereal, ou enroscasse o rabo em meus tornozelos enquanto eu escovava os dentes. O chalé parecia vazio sem ele. Eu me sentia vazio sem ele.

Papai acordou a tempo de nos levar à escola. Estava meio de ressaca, mas isso não importava nem um pouco. Papai não é perfeito. E eu também não sou. Ele está se esforçando, e isso é o que importa. Nem sempre fez um bom trabalho, mas tem feito um milhão de vezes melhor do que Mamãe. Ele não nos abandonou. Apenas ficou triste por causa de Rose, mas tudo bem. Ter um gato morto é ruim demais. Ter uma filha feita em pedaços numa explosão deve ser terrível.

Quando encostamos em frente à escola, Papai avistou Sunya na calçada. Podia ver seu rosto no retrovisor. Ele trincou os dentes, mas não gritou *Muçulmanos mataram minha filha* ou algo assim. Nem mesmo me mandou ficar longe dela. Disse apenas que só estaria em casa depois das seis por causa do trabalho. Jas apertou seu braço e Papai sorriu de um modo orgulhoso, e então desejou *Tenham um bom dia. Vocês conseguiram uma excelente reputação, portanto a mantenham.*

Caminhei para a escola. Ainda usava a camiseta de Homem-Aranha, mas não por Mamãe, porque não foi ela que mandou. O sangue de Roger tinha ensopado o tecido e por isso eu não queria tirá-la. Sei que devia estar parecendo um assassino ou coisa assim, mas eu não estava nem aí. Queria ficar perto do meu gato.

Aí vem o viadinho, gritou Daniel no corredor. Ele estava parado do lado de fora da sala de aula com Ryan. Senti medo, mas não fiquei vermelho nem comecei a tremer ou sair correndo. Fui na direção deles. *O viadinho com sua triste camiseta de*

Homem-Aranha. Deram risadinhas e bateram as mãos no ar. Passei bem debaixo delas. Daniel me deu um chute na parte de trás da perna e doeu e eu quis lhe dar um soco na cara, mas não queria levar outra surra. Daniel sorriu com malícia como se tivesse vencido e pensei naquele tenista que sempre ficava em segundo em Wimbledon, e por algum motivo isso me irritou. Meu coração rosnou no peito como um cão furioso.

Que fracassado, berrou Daniel para que todos na sala de aula pudessem ouvir. Sentei-me ao lado de Sunya e esperei para ver se ela olharia para ele ou rebateria alguma coisa. Ela se encolheu na cadeira como se estivesse tentando se esconder. Nem mesmo olhou na minha direção. Quis perguntar se tinha lido meu cartão especial. Quis perguntar se tinha visto o boneco de neve que parecia com ela e o boneco de neve que parecia comigo e se isso a tinha feito rir. Quis perguntar por que ela não tinha ido ao concurso de talentos e quis lhe contar tudo a respeito, como Jas tinha sido brilhante e como eu tinha sido corajoso o bastante para cantar e dançar no palco. Mas aí me lembrei daquela noite em seu jardim e como ela tinha dito *Minha mãe acha que você significa encrinca*. Então não disse nada disso. Apenas encarei meu estojo de lápis enquanto a sra. Farmer fazia a chamada.

Primeiro tivemos aula de inglês e precisamos escrever sobre Nosso Natal Maravilhoso e tentar usar parágrafos. Nada de maravilhoso havia acontecido e eu não quis mentir. Assim, contei a verdade. Escrevi sobre a meia de futebol cheia de todas as coisas que Jas tinha comprado para mim. Descrevi os sanduíches de frango e as batatas chips de micro-ondas e os chocolates que comemos. Expliquei que a melhor parte foi quando cantamos músicas natalinas no volume máximo. No final, escrevi *Não foi exatamente um Natal maravilhoso, mas foi legal porque eu estava com Jas*. Foi o meu melhor texto até o momento. Quando o li, a sra. Farmer declarou *Essa foi uma excelente redação* e minha joaninha pulou para a primeira folha. Os anjos tinham sido substituídos depois do Natal.

Depois de inglês, tivemos matemática e depois de matemática tivemos reunião. O diretor nos informou que os inspetores tinham atribuído uma nota à escola e era Satisfatória, o que significava que a gente estava se saindo bem mas não era nada brilhante. Ele disse que a gente devia ter recebido um Bom, mas houve um incidente que perturbou um dos inspetores. A sra. Farmer olhou para Daniel e sacudiu a cabeça. O queixo de Daniel baixou para os joelhos. Houve um cintilar na minha direção. Ergui a vista. Sunya fez contato visual comigo e por um

milissegundo pensei que ela ia dar uma risadinha. Mas desviou o olhar e assentiu algumas vezes como se estivesse de fato ouvindo a fala do diretor sobre as Resoluções de Ano-Novo. Ele disse *Mirem alto este ano e façam um desafio a vocês mesmos. Não façam apenas uma resolução chata do tipo tenho de parar de roer as unhas ou tenho de parar de chupar o dedo*. Todo mundo começou a rir. O diretor sorriu e esperou por silêncio. *Estabeleçam uma meta que os empolgue. E até mesmo os amedronte um pouco*. Eu soube de imediato qual era a minha.

Na hora do recreio, não consegui encontrar Sunya. Esperei no nosso banco, olhei em volta do pátio e fui até a porta secreta, mas ela não estava no depósito. Devia estar no banheiro, se escondendo de Daniel, porque ela estava com medo. O cão no meu peito rosnou mais alto do que nunca. Todos nós entramos e tivemos aulas de história e geografia, mas não consegui me concentrar. Continuava tentando olhar no interior do estojo de lápis de Sunya para ver se conseguia localizar o anel de massa. Eu usava o meu e bati a pedra branca na carteira algumas vezes para tentar atrair a atenção dela. Sunya não ergueu os olhos de seus livros.

Na hora do almoço, não corri para fora porque detesto ficar sozinho. Sentia muita falta de Roger para comer meus sanduíches, logo fui ao banheiro e brinquei daquela brincadeira na qual o secador de mãos é um monstro cuspidor de fogo. Eu estava aguentando e aguentando o calor, bancando o durão, e nem mesmo gritei quando as chamas me queimaram a pele e deixaram negros todos os meus ossos.

Ouvi uma voz lá fora. Não na brincadeira, mas na vida real. Era um grito. Maldoso. E as palavras que dizia eram *Micróbio de Curry*. Olhei pela janela. Daniel seguia Sunya, gritando coisas às suas costas enquanto ela tentava se afastar. Ele estava com Ryan, Maisie e Alexandra e todos gargalhavam e o incentivavam. Ele berrava *Você fede e Bafo de curry, e Por que você usa essa coisa idiota na cabeça?*. Ele tocou no *hijab*. Aliás, tentou arrancá-lo. Foi aí que meu coração rosnou. Mais alto do que um cão. Mais alto do que o monstro cuspidor de fogo do banheiro. Mais alto, ainda, do que o leão prateado do céu.

Esse rosnado vibrou em minha cabeça, nas mãos e nas pernas. Nem mesmo me dei conta de que estava correndo até que a porta bateu contra os ladrilhos e eu tinha saído do banheiro e me encontrava na metade do corredor. Disparei para fora e gritei *Deixe ela em paz*. As pessoas começaram a rir. Não liguei. Olhei para um lado, depois para o outro, procurando Sunya. Avistei-a no meio do pátio, as mãos sobre o *hijab*, tentando evitar que Daniel revelasse seu cabelo secreto para toda a escola.

DEIXE ELA EM PAZ.

Daniel deu meia-volta. Ele me viu e seus lábios se esticaram num sorriso sórdido. *Venha salvar o Micróbio de Curry*, falou. Arregaçou as mangas para brigar. Ryan parecia raivoso. Parei com uma derrapada e esperei minha boca dizer *É, eu vou salvar ela* ou *Saia do meu caminho*, ou qualquer outra coisa que parecesse corajoso. Nada saiu. Esperei minhas pernas caminharem adiante para que pudesse chutar Daniel, mas estavam paralisadas. Mais e mais crianças formavam um círculo, todos os olhos em mim.

Você é um fracassado, repetiu Daniel e todos disseram coisas tipo *É mesmo* e *Que menino gay*. E estavam certos. Recuei um passo. Não queria ter a cabeça chutada. Doeu muito da última vez. Daniel virou-se para Sunya. Segurou o *hijab* com seus dedos gordos. Sunya começou a chorar. O grupo entoava *Fora fora fora fora*.

Isso me lembrou de uma coisa. De estar no palco. Da plateia do concurso de talentos.

Eu não estava mais no pátio. Estava no teatro, observando Jas. E aquela letra, a letra de sua música, trovejava pelas minhas veias.

O pátio voltou em todo o som e em toda a cor. Sunya estava soluçando. O *hijab* estava metade fora. A galera estava vibrando. Daniel estava rindo. E eu estava deixando.

NÃO.

Gritei o mais alto que pude. Bradei. NÃO. Daniel virou-se, surpreso. Empurrei o punho para trás. O queixo de Daniel caiu. Ataquei-o com toda a raiva que jamais tinha sentido. Seus olhos se arregalaram de medo. E quando os nós dos meus dedos atingiram seu nariz, Daniel caiu no chão. Eu o atingi de novo, com mais força ainda, meu punho estalando contra sua bochecha. Sunya ergueu o olhar. Olhou-me espantada. Chutei Daniel quatro vezes e cada vez que meu pé atingia ruidosamente seus ossos eu dizia uma palavra diferente. *DEIXE. ELA. EM. PAZ.*

Ryan fugiu. A galera recuou. Eles ficaram com medo. Daniel estava deitado no chão com as mãos sobre o rosto. Estava chorando. Eu poderia tê-lo chutado outra vez. Eu poderia tê-lo pisoteado, ou ter-lhe dado cotoveladas, ou pisado em sua barriga. Mas não quis. Não precisei. Eu tinha vencido meu Wimbledon. A merendeira gorda soprou o apito.



A SRA. FARMER ME mandou para o diretor, mas valeu a pena, e só perdi um pouco da aula de história. Quando chegou a hora de ir para casa, peguei meu casaco e quatro pessoas disseram *Tchau*. Elas nunca tinham falado comigo. Eu disse *Tchau* e elas falaram *Até amanhã* e um menino perguntou *Você vem para o treino de futebol amanhã?* Confirmei bem depressa com a cabeça. *Com certeza*, respondi, e ele disse *Maneiro*. Daniel ouviu tudo isso, mas ficou calado. Nem mesmo ousou olhar para mim. Seu nariz tinha parado de sangrar, mas estava machucado. E suas bochechas estavam vermelhas porque tinha passado a tarde toda chorando. Lágrimas tinham pingado em todas as suas frações, borrando as respostas.

Fiz apenas quatro questões de matemática. Eu me sentia leve e efervescente, com limonada nas veias, e meus pensamentos estouravam e borbulhavam no cérebro. Minha perna continuava se contraindo e ela havia roçado na de Sunya cinco vezes em uma hora. Três vezes por acaso. Duas de propósito. Ela não disse *Pare com isso* ou *Sua perna é encrência*, nem nada parecido. Apenas olhou para as frações e mordeu a ponta da caneta, e eu tive a sensação de que ela tentava não sorrir.

Saí da escola e o céu estava turquesa e havia um compacto sol dourado. Parecia uma imensa bola de praia flutuando num perfeito mar azul. Esperava que o sol estivesse forte o bastante para brilhar sob a terra. Esperava que Roger pudesse sentir todo o calor dele em seu corpo. Esperava que ele não sentisse medo nem solidão em sua sepultura. Senti uma forte dor no peito, como indigestão quando você come fatias de pizza demais num daqueles rodízios. Me encostei num muro e coloquei a mão sobre o coração e esperei que passasse. Transformou-se numa dorzinha chata, mas não passou.

Ouvi passos e tilintar de metal. Virei a cabeça e vi Sunya correndo na minha direção. *Foi embora sem se despedir*, disse ela, pondo as mãos nos quadris. O brilho

estava de volta e mais luminoso do que nunca. Seu *hijab* era amarelo brilhante e os dentes eram de um branco ofuscante e os olhos reluziam com a força de um milhão de sóis. Sunya subiu no muro e sentou-se junto a mim, cruzou as pernas e eu simplesmente fiquei olhando para ela como se fosse uma bela paisagem, ou um quadro bonito, ou um cartaz interessante na parede da escola. A sarda acima de seu lábio deu um salto porque ela estava falando. *Foi embora sem deixar que eu dissesse obrigada.* Mordi a parte interna das bochechas para evitar sorrir. *Obrigada?*, perguntei, como se não fizesse ideia do que ela estava dizendo. *Por quê?* Ela se inclinou para a frente e pousou o queixo na mão. Foi aí que notei o fino círculo azul em volta de seu dedo médio.

Se inveja é vermelho e dúvida é preto, então felicidade é castanho. Olhei da pequena pedra castanha para a pequenina sarda castanha e para seus imensos olhos castanhos. *Por me salvar*, respondeu ela enquanto eu tentava parecer indiferente. *Por quebrar a cara do Daniel.* Ela estava usando o anel de massa. Estava mesmo usando o anel de massa. Sunya era minha amiga. *Não foi nada*, disfarcei. *Foi incrível*, rebateu Sunya e começou a rir. O problema de Sunya é que, assim que começa, não consegue parar, e faz a gente rir também. *Não agradeça a mim*, Menina M, falei, meu rosto doendo e meu sorriso maior do que uma banana. *Agradeça ao Homem-Aranha.* Sunya pôs a mão sobre meu ombro e parou com a risadinha. *Você foi melhor do que o Homem-Aranha*, sussurrou no meu ouvido.

Estava muito quente e não havia ar suficiente. Olhei para a neve derretendo no chão e de repente pareceu interessantíssimo e muito importante chutá-la milhões de vezes. *Vou caminhar de volta com você*, anunciou ela. Ficou de pé no muro e pulou realmente alto e pousou do meu lado. *Sua mãe*, lembrei, olhando em volta para o caso de ela estar olhando. *Ela disse que eu significo encrenca.* Sunya enfiou o braço no meu e sorriu. *Mães e pais estão por fora.*

No caminho de volta, contei a Sunya sobre Roger. *Sinto muito*, disse ela. *Ele era um gato legal.* Ela não o conhecia, mas não importava. Roger era um gato legal. O mais legal dos gatos. Todo mundo sabia disso. Topamos com o velho que usava um gorro achatado. Fred sacudiu o rabo e lambeu minha mão. Deixou um rastro de saliva grudenta, mas não me importei. *Você está bem, rapaz?*, quis saber o velho, chupando o cachimbo. A fumaça cheirava igual à Noite das Fogueiras. *Como está se sentindo?* Dei de ombros. *Entendo*, retrucou o velho com seriedade. *Perdi ano*

passado meu velho cachorro Pip e até hoje ainda dói. Consegui este malandro quatro meses atrás, continuou, apontando para Fred. Ele me dá uma trabalhadeira e tanto. Fred deu um salto e colocou as patas sobre a minha barriga. Mas parece que gosta de você, observou o velho, coçando a cabeça com a ponta do cachimbo como se estivesse pensando. Tive uma ideia. Por que você não me dá uma mão com o jovem Fred? Pode me ajudar a levá-lo para caminhar. Alisei as orelhas cinzentas de Fred. Isso seria a melhor coisa do mundo, respondi, e o velho sorriu. Ótimo. Ótimo. Eu moro naquela casa ali. Apontou para uma edificação branca a poucos metros de distância. Não deixe de pedir à sua mãe, frisou ele. Não tenho propriamente uma mãe, respondi. Mas pedirei ao meu pai. O velho deu um tapinha em minha cabeça. Faça isso, rapaz, disse ele. Desça, Fred. Fred o ignorou, então segurei suas patas e o afastei de modo delicado. As patas eram gordas e úmidas. O velho prendeu uma correia na coleira de Fred e saiu mancando pela rua, balançando o cachimbo para dizer tchau. Eu também vou, anunciou Sunya quando recomeçamos a caminhar. Vou trazer Sammy e vamos viver aventuras.

Paramos numa loja. Sunya queria comprar alguma coisa para Roger. Ela só tinha cinquenta centavos, portanto comprou uma pequena flor vermelha. Quando foi pagar, avistei algo marrom e fofo no balcão. Aquilo me deu uma ideia. Peguei o dinheiro que tinha ganhado da vovó no meu aniversário.

A entrada do chalé estava vazia. O carro de Papai não estava lá. Eu devia me sentir culpado por deixar uma muçulmana se aproximar de nossa casa enquanto ele estava na obra. Mas não me senti. A mãe de Sunya não gosta de mim. Papai não gosta de Sunya. Mas só porque eles são adultos não significa que estejam sempre certos.

É ali que Roger está enterrado, falei, apontando para um retângulo de lama recente no jardim dos fundos. Logo ali embaixo. Sunya ajoelhou-se e tocou na sepultura. Ele era um gato adorável. Me agachei. O mais adorável dos gatos, completei. Ela estendeu a mão e olhou para o anel em seu dedo médio. Tem uma coisa que você não sabe, falou naquele tom de voz baixo que me causava arrepios. Sobre os anéis. Olhei para a pedrinha marrom. O quê?, perguntei. O que tem os anéis? Sunya olhou em volta do jardim para se certificar de que ninguém estava ouvindo, aí agarrou minha camiseta e me puxou para perto. Eles podem trazer coisas de volta à vida, sussurrou. Não falei nada apesar de ter um bilhão de perguntas. Mas

só durante a noite. Se colocarmos as pedras juntas em cima da sepultura de Roger, quando o relógio der doze badaladas, ele terá o poder de sair da sepultura e caçar camundongos e brincar no jardim. Comecei a sorrir. Ele vem me ver?, indaguei. Claro, garantiu Sunya. Isso faz parte da mágica. Ele pulará pela sua janela e deitará a seu lado e ficará ronronando. Ele parecerá quente e felpudo, mas desaparecerá quando você acordar. Voltará para sua cama subterrânea e dormirá o dia todo para que tenha uma porção de energia para a seguinte aventura da meia-noite.

Não era verdade, mas não tinha importância. Isso fez eu me sentir melhor. Sunya tirou seu anel de massa e puxou o meu para fora do dedo. Então pressionou a pedra branca com a marrom enquanto eu cavava um burquinho na sepultura. Ela beijou os anéis e depois eu os beijei e os largamos na sepultura. Nós os cobrimos com lama e neve e nossos dedos se tocaram quatro vezes. Sunya colocou a flor vermelha em cima. *Roger agora é um gato mágico*, anunciou, e a dor no meu peito cedeu um pouquinho.

Houve um barulho na janela. Dei um pulo e fiquei na frente de Sunya, temendo que fosse Papai, mas era apenas Jas, que tinha chegado da escola. Ao lado de sua cabeça cor-de-rosa estava uma verde brilhante. Jas sorriu feliz e acenou para Sunya, que olhou por trás de minhas pernas e acenou de volta. Jas puxou Leo pela mão e o arrastou para a sala, beijando-o nos lábios antes de desaparecerem além da porta.

O jardim de repente ficou pequeno demais. Não havia para onde olhar, meus braços pareceram sem jeito e fiquei bem atento ao corpo de Sunya junto às minhas pernas. *Tenho de ir*, disse ela, pondo-se de pé, mas sem olhar nos meus olhos. Suas mãos e seus joelhos estavam molhados. *Minha mãe vai me matar se eu voltar tarde demais*.

Havia acontecido tanta coisa naquele dia que pareceu estranho dizer adeus. Não queria que ela fosse embora. Sunya limpou os dedos nos quadris e estendeu a mão. *Amigos para sempre?*, perguntou, a voz um pouco mais aguda do que o normal. *Amigos para sempre*, respondi. Apertamos as mãos rapidamente, minha palma quente contra a dela. Quando as largamos, olhamos de relance um para o outro, e depois desviamos o olhar.

Me concentrei num passarinho pousado num galho. Seu peito era vermelho, as asas eram marrons e o bico estava aberto e ele cantava como se...

Jamie.

Tomei um susto. Sunya sorriu. Suas mãos se movimentaram até a cabeça. Dedos morenos se enroscaram no tecido amarelo.

Ela tirou fora o *hijab*.

Testa.

Cabelo.

Cabelo liso brilhante que lhe caía até os ombros como uma cortina de seda preta.

Ela piscou timidamente. Cheguei mais perto. Ela era ainda mais bonita sem o lenço. Olhei para Sunya, olhei-a de verdade, tentando absorver tudo. Aí me aproximei e beijei sua sarda, e foi empolgante e amedrontador, como o diretor tinha dito que deviam ser as nossas resoluções.

Sunya ofegou e saiu correndo, o cabelo perfeito zunindo ao vento. *Até amanhã*, gritou por cima do ombro, olhando uma última vez para trás. Fiquei preocupado pensando que a teria assustado, mas ela tocou a sarda e sorriu e tacou um beijo bem no meu rosto. Seus olhos faiscaram mais do que diamantes e me senti o garoto mais sortudo, mais rico do planeta.

Entrei, subi a escada e me olhei no espelho. Eu era grande demais para a camiseta do Homem-Aranha. Puxei-a por cima da cabeça, joguei-a no chão e chequei meu reflexo. O super-herói tinha desaparecido. Em seu lugar estava um garoto. Em seu lugar estava Jamie Matthews. Tomei um banho e vesti um pijama.



Papai chegou em casa às seis. Preparou feijão com torrada. Comemos diante da TV e ele perguntou como tinha sido nosso dia. *Legal*, falei, e *Numa boa*, respondeu Jas. Ela não contaria nada sobre Sunya e eu não contaria nada sobre Leo. Era legal ter um segredo. Jas deu apenas duas mordidas na torrada e Papai tomou três cervejas. Se os inspetores avaliassem minha família, eu sei que nota a gente receberia. Satisfatória. Saindo-se bem, mas nada brilhante. Mas para mim tudo bem.

Muito depois fui ao quarto de Jas, levando uma coisa escondida nas costas. Ela estava pintando as unhas de preto e ouvindo música. Havia uma porção de guitarras e gritos e berros. *O que você quer?*, indagou, sacudindo as mãos no ar para secá-las. *Você mandou a camiseta, não foi?*, perguntei. As mãos pararam de se mexer e ela pareceu preocupada. *Tudo bem*, falei. *Não me importo*. Ela soprou os dedos. *Foi*.

Desculpa. Não queria que você pensasse que Mamãe tinha esquecido. Me sentei na cama dela. Foi um presente legal. Ela mergulhou o pincel no vidro preto. Você não se importa por não ter sido de Mamãe?, perguntou, pintando o dedo mindinho. Gostei muito mais porque foi você, respondi. Trouxe isto para você. Estendi o urso fofinho marrom. Para substituir Burt. Arranquei os olhos e tudo.

Jas pôs o novo Burt no colo, tomando cuidado para não manchar seu pelo com esmalte. Me estiquei do colchão até o aparelho de som e desliguei a música. *Quero lhe dizer uma coisa*, anunciei. *Uma coisa importante.* Jas alisou o pelo de Burt. *Sabe a música que cantou no palco?* Ela fez que sim devagar com a cabeça. *É exatamente assim que me sinto em relação a você.* Jas pestanejou lágrimas pretas. O esmalte de unhas devia ser mesmo muito forte para fazer seus olhos marejarem. *Your strength gives me the courage to fly. Sua força me dá coragem para voar*, cantei muito mal e Jas me deu uma cotovelada nas costelas. *Dá o fora do meu quarto, seu sacaninha doentio*, exclamou, mas ela estava sorrindo.

E eu também.





AGRADECIMENTOS

Este romance começou com uma ideia simples e alguns rabiscos num bloco de anotações. Sem a ajuda de algumas pessoas importantes isso jamais teria se tornado o livro que está em suas mãos.

Obrigada a Jackie Head, que escolheu *Minha irmã mora numa prateleira* da pilha de originais rejeitados e um dia mudou minha vida com um telefonema. Calorosos agradecimentos à minha agente, Catherine Clarke, por me orientar com tanta sabedoria e inteligência. A toda a equipe da Orion, obrigada por terem feito um excelente trabalho e por deixarem tanta gente empolgada com meu livro. E um agradecimento especial à minha editora, Fiona Kennedy, por tratar o original com muita compreensão e respeito enquanto extraía o melhor da história.

Acima de tudo, obrigada à minha família e aos meus amigos, que estavam presentes antes do livro e estarão presentes muito tempo depois. Em particular, estou em dívida com meu irmão e minhas irmãs, minha mãe e meu pai e meu maravilhoso marido. Assim como Sunya, vocês fazem a vida cintilar.

Annabel Pitcher
West Yorkshire
Julho de 2010



A Autora

ANNABEL PITCHER se formou em Literatura Inglesa pela Universidade de Oxford e sempre quis ser autora de livros infantis. Ela trabalhou em diversos empregos antes de decidir viajar pelo mundo e se dedicar à carreira de escritora.

Minha irmã mora numa prateleira é seu livro de estreia. A ideia para a história lhe veio quando estava em um albergue no Equador, e ela escreveu grande parte da obra durante a viagem. Annabel agora vive com o marido em Yorkshire, na Inglaterra.

Título original
MY SISTER LIVES ON THE MANTELPIECE

Primeira edição na Grã-Bretanha em 2011 pela Orion
Children's Books, uma divisão da Orion Publishing Group Ltd
Orion House
5 Upper St Martin's Lane
London WC2 9EA Hachette UK Company

Copyright do texto © Annabel Pitcher, 2011

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

O direito de Annabel Pitcher de ser identificada
como autora desta obra foi assegurado.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

preparação de originais
SUELEN LOPES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pitcher, Annabel

P758m Minha irmã mora numa prateleira [recurso eletrônico] / Annabel Pitcher ; tradução de Domingos de Masi. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013.

Tradução de: My sister lives on the mantelpiece
ISBN 978-85-8122-245-5

1. Literatura infantojuvenil inglesa 2. Livros eletrônicos. I. Masi, Domingos de II. Título.

13-01338

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa